

ALESSANDRO DE OLIVEIRA CAMPOS

**Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global
e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

- 2007 -

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALESSANDRO DE OLIVEIRA CAMPOS

**Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global
e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado.**

**Dissertação apresentada à banca
examinadora do Programa de Estudos
Pós-Graduados em Psicologia Social,
como exigência parcial para a
obtenção do título de MESTRE em
Psicologia Social sob orientação do
Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

- 2007 -

Comissão julgadora

“Permaneceremos sem rosto porque rejeitamos o espetáculo da celebridade, porque somos todo o mundo. Porque o carnaval nos espera, porque o mundo está ao contrário, porque estamos em todas as partes. Usando as máscaras mostramos que não é tão importante quem somos, mas sim o que queremos, e queremos tudo para todos”.

- Exército Zapatista de Libertação Nacional -

DEDICATÓRIA

In memoriam

A Brad Will, que nunca
desistiu de acreditar
em um mundo melhor.

A minha amada avó
Maria, meu maior
exemplo de amor
e dedicação.

Aos meus pais
Toniroberto e Lozani,
que sempre acreditaram
e confiaram em mim.

A todos os ativistas
que dedicaram e
dedicam suas vidas
em busca da verdadeira
justiça.

RESUMO

CAMPOS, A. O. (2007). **Identidade Ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Palavras chave: Identidade, ativismo autonomista, resistência global, psicologia social, metamorfose, emancipação.

Esta dissertação busca investigar a identidade do ativista autonomista envolvido no Movimento de Resistência Global. Partimos da Psicologia Social tendo como categoria central o uso conceitual do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. A proposta se deu na investigação da Identidade política do ativista autonomista como processo de transformação para a emancipação do sujeito em um mundo dominado. Essa transformação acontece em direção ao que denominamos de Identidade Pós-Convencional. Para essa observação foi realizada uma análise da história de vida de um membro do Centro de Mídia Independente de São Paulo, assim como um trabalho de campo participando de reuniões e atos de natureza autonomista. Percebemos que ninguém nasce ativista, mas passa por um processo que o conduz até este lugar. Pensar o ativista autonomista como um papel é uma contradição, mas considerar a Identidade ativista como um Eu que busca autonomia e reconhece a diversidade de atuações para outra realidade política e social, faz com que novas formas de existência venham a ganhar legitimidade para as lutas que buscam emancipação. A história de vida do ativista autonomista passa por diferentes processos que podem levá-lo a uma ampliação de valores e reconhecimentos dados mais pela cooperação que pela competição. Esse trabalho busca tecer reflexões sobre as diferentes possibilidades de fazer política além das instituições e partidos tradicionais.

ABSTRACT

CAMPOS, A. O. (2007). **Activist identity and autonomy: the Movement of Global Resistance and the emancipation of the citizens in a dominated world.** Masters Dissertation. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Key Words: identity, autonomous activism, global resistance, social psychology, metamorphose, emancipation.

This dissertation investigates the identity of autonomous activists in the Global Resistance movement. We begin with a central category of Social Psychology, the conceptual use of identity-metamorphosis-emancipation *sintagma*. The proposal arose in the inquiry for the political Identity of the autonomous activist as a transformation process for the emancipation of the subject in a dominated world. This transformation occurs on the path to what we call Post-Conventional Identity. For this observation an analysis was performed of the history of the life of a member of the São Paulo Independent Media Center, as well as field work including participation in meetings and acts of autonomous nature. We perceive that nobody is born an activist, but passes through a process that leads him to this place. To think of the autonomous activist as a role is a contradiction, but to consider the activist identity as an *I* who searches for autonomy and recognizes the diverse actions for another political and social reality, which with new forms of existence come to gain legitimacy for the struggles in search of emancipation. The history of life of the autonomous activist passes through different processes that can take it to an amplification of given values and recognitions being more cooperation than competition. This work searches to weave reflections on the different possibilities to be political beyond the institutions and traditional parties.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a muitas pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a existência desse trabalho. Infelizmente não tenho como citar todas, mas há algumas que não poderia deixar de agradecer agora e há outras que farei pessoalmente.

Agradeço especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa por sua atenção e paciência. Há muito tempo me inspirou com as noções de Identidade e que sempre apoiou e incentivou esse trabalho, fazendo considerações fundamentais e respeitando suas particularidades do começo ao fim.

Aos meus queridos pais Toni e Lozani que me acompanham por toda minha vida. Minha eterna gratidão.

Ao meu querido irmão Junior pela sua simplicidade diante da vida e que mesmo as vezes sem saber me fez estar com o coração mais aberto e escolher melhor as palavras.

A Fernanda Angélica Tozini por me acolher em sua casa e em sua vida. Não há palavras para lhe agradecer.

A André Takahashi que com clareza e sinceridade se fez revelar quando muitos apenas exaltavam as virtudes de um outro mundo repleto de desafios.

Ao Centro de Mídia Independente de São Paulo pela abertura e acolhimento. Vida longa a vocês e resistência para mudar o que precisa ser mudado.

Aos amigos e companheiros do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade-Metamorfose, principalmente a Aluisio Lima e Shirley Lima. A Liliane Braga pelos muitos cafés e açaís, me mostrando muito mais que opiniões sobre a Identidade, revelando a força e a beleza das coisas todas do povo de santo. Axé!

Aos professores: Dra. Mary Jane Spink e Dr. Pablo Ortellado por aceitarem prontamente em participar da banca de defesa e pelos ótimos comentários no exame de qualificação.

A Kátia Gomes pela leitura do que esta no começo e no fim, me incentivando no momento em que quase nada saia da cabeça.

Ao Prof. Dr. Conrado Ramos que desde os tempos da graduação e da iniciação científica me ajudou com a psicologia social e a ter prazer e dedicação com a pesquisa acadêmica.

Aos professores do Programa de Psicologia Social: Dr. Salvador Sandoval, Dra. Fulvia Rosemberq, Dra. Maria Cristina Vicentim, pelas aulas, comentários e textos

imprescindíveis para minha formação. Também meu muito obrigado a Marlene por sua disposição e atenção nas incontáveis horas de dúvida na sala do Programa.

A Laura Cruz por me acompanhar desde antes da inscrição no mestrado, iniciando comigo o caminho da pesquisa e pelo carinho em tantos momentos distintos da minha vida. Eu te desejo toda felicidade do mundo. Obrigado querida Lau.

Aos amigo/as e companheiro/as de todas as horas: Myrna Coelho, Elisa, Foz, Ju Pacheco, Azul, Tim, Pablo, Velotrol, Kinho, Toya, Cau, Bia Adura, Patrícia Vilas Boas, Gabriela Gramkow, Lívia Linhares, Ruivo e Elaine, Marília Z., Adélia Capistrano, Joseph Sucepê, Matt, Morgan, Desi, Francisco Ferrara (Pancho), Neka, Fabiola Jardini, Priscila Bianca, Carol Assata, Prana Ananda, Graziela Tanaka, Irina, Danilo e Renata, Mariana Labaki, Monika, Prema, Buzi, Florence Debieux, Pietro, Celso de Castro, Silvio (Rato) e Patrícia Polo. Obrigado especialmente a Ana Paula Emerich pelo enorme cuidado e pela busca do ritmo. Sem vocês eu não sei como seria caminhar por esse mundo.

Ao meu amigo John Laundenberger III que na tentativa de falar corretamente o português falou a língua mais fundamental do mundo: a do coração.

A querida Natalia Keiko Yamazaki, que o tempo aparentemente levou, mas que na verdade se revelou necessário para sermos quem somos. Agora ele soube trazer e deixar.

Aos amigos e professores da Associação Palas Athena e do seminário Valores que não Têm Preço por inspiração e apoio, particularmente a Laura Roizman, Elci Ferreira, George Barcat e Lia Diskin. Agradeço por todos esses anos juntos.

Ao Batakerê pelas “aulas”, especialmente a Pedro Peu e Jordana Dolores.

Ao Felipe Corrêa pelas muitas idéias e conversas sobre anarquia, ativismo e psicologia, sempre incentivando a pensar essas aproximações. Saúde!

Ao Contra Mestre Plínio que me revelou a riqueza e a dignidade da Capoeira Angola. Que um dia venha a *vadiar* melhor na pequena e na grande roda. *Iê*.

As queridas Kay Cid, Marisa Berry, Amélia Frank Vitale e Bárbara Bella, por sua amizade e por me ajudarem a ser um pouco melhor hoje. Mulheres que nunca esquecerei.

Aos amigos do Espaço Impróprio (Andreza, Ian, Joh, Gui) e O Germinal (Katy, Josimas, Paulo e Ma) por tantos debates, música e comidas maravilhosas.

As irmãs Maria, Francisca e Lenira, pelo privilégio de tudo que compartilhamos.

Ao CNPq que possibilitou essa dissertação graças a uma bolsa de estudos.

Com minha gratidão a todos e todas que estão de algum modo presentes aqui.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE I – Revelando o ativismo, a identidade e a autonomia.....	16
Introdução.....	17
Método.....	22
A Identidade.....	25
Conflitos e superação.....	29
O sentido de autonomia e a preparação para uma psicologia radical.....	35
Entendendo a autonomia ativista: Movimento de Resistência Global, anti-poder e pós-convencional.....	41
PARTE II – Aprofundando atuações.....	50
As ações	51
Centro de Mídia Independente.....	55
Gênero e GLBTT.....	62
Então, a propaganda.....	66
PARTE III – Uma provocação.....	69
Sobre subjetividade e angústia.....	70
Humor, tédio e descanso.....	77
PARTE IV – Conhecendo o ativista: uma entrevista para além da rebeldia e algumas considerações sobre o sintagma identidade-metamorfose-emancipação.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	134
ANEXO.....	138

APRESENTAÇÃO

Como em toda pesquisa, sempre nos deparamos com a questão sobre o seu surgimento. O que nos leva a iniciar a investigação de um determinado assunto e não de outro? Seguramente estamos permeados de fatos e situações interessantes e saber o caminho a trilhar para compreendê-los pode ser um grande desafio. Não escapei desse desafio com facilidade, e foram necessárias muitas reflexões e tempos distintos em minha vida para poder me aproximar de temas que para mim sempre foram instigantes, por causa da pretensão do conhecimento ou pela inspiração sentida com o tema em si.

A identidade, a autonomia e o ativismo sempre apareceram como desafios em minha vida. Enquanto me envolvia em algumas mobilizações de movimentos sociais ficava imaginando o que tinha levado tantas pessoas a buscarem essa forma de organização e mais, o que acontecia em suas vidas que instigava essa forma de se relacionar. Fazem aproximadamente 4 anos que surgiu a idéia de trabalhar, com a psicologia social, o ativismo autonomista e identidade.

A psicologia social sempre me pareceu um lugar importante para tentar construir alguns entendimentos a respeito de nossa condição humana. Desde a graduação acreditava que minha prática enquanto psicólogo teria que se estender para a psicologia social, já que me vi com tantos outros questionamentos nos diferentes campos de atuação da psicologia enquanto ciência e prática de intervenção de um saber específico. Conheci a proposta de Identidade como metamorfose de Antonio Ciampa em um curso pré-congresso da Abrapso em 2000 e desde então esperava uma oportunidade para aprender melhor sua conceituação e suas implicações.

Foi algo em minha vida que me revelou a necessidade de compreender alguns desses fatos melhor. Logo após concluir a graduação em 2002, realizei uma viagem de

quase 1 ano entre os Estados Unidos, Canadá e Argentina, onde pude me aproximar de diferentes ativistas e grupos autonomistas, o que me levou a perceber muitas semelhanças com o que estava acontecendo no Brasil e o que eram as chamadas ações anticapitalistas. Foi nesse momento que percebi como poderia relacionar alguns de meus interesses acadêmicos com as perguntas que vinha me fazendo desde 1999. Ocorreu um evento decisivo para isso. Tive a oportunidade de participar do projeto *East Coast Caravan of Argentine and Brazilian Autonomist*. Um trabalho que reuniu pessoas da Argentina, Brasil, Estados Unidos e Canadá. Uma espécie de turnê para apresentar os trabalhos de grupos políticos de caráter autônomo realizados no Brasil e na Argentina e apresentados no Canadá e Estados Unidos. Foram percorridas 22 cidades, mais de 30 encontros em universidades, faculdades, centros de cultura, associações de bairro, grupos feministas, de abolicionismo penal, entre outros. Além de apresentar seus projetos, esta caravana tinha o objetivo de discutir com os grupos destes dois países as conseqüências da implantação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). A caravana levou um mês e meio para percorrer toda costa leste do Canadá e dos Estados Unidos, de outubro a novembro de 2003, terminando na cidade de Miami, exatamente onde estava acontecendo a reunião de chefes e representantes de Estados sobre a ALCA divulgada pelos mais diferentes canais de comunicação.

Um encontro constante de ativistas em que, mesmo tendo um início e um fim aparentes, mas como sempre os debates não se fechavam, não eram encerrados, funcionando como fontes de inspiração e trocas. A partir disso, escrevi um artigo intitulado *Como as coisas acontecem na gringolandia, ou um esboço sobre psicologia ativista*, que circulou no meio ativista envolvido com a organização da caravana e um pouco no Brasil através do Centro de Mídia Independente. Houve uma boa receptividade a respeito do tema que envolvia psicologia e ativismo e isso me levou a prosseguir com a investigação.

De volta ao Brasil, passados alguns meses, procurei o Professor Ciampa e lhe mostrei o que estava pensando e juntos encontramos algumas possibilidades de entendimento quanto à identidade e ativismo autonomista. Assim foi que a presente dissertação começou a surgir. Trata-se de um projeto acadêmico, mas também de uma ação política. Eu não poderia fazer de conta que quando pensava a identidade ativista não estava requisitando um lugar de minha própria história. Buscava saber o que instiga tantas pessoas que como eu não se conformam com a injustiça, com a mentira de uma realidade tão desigual entre tantos que se esforçam em busca de uma existência mais dignidade.

Busquei entender a singularidade do ativista autonomista e não tanto o processo coletivo. Trato de pensar uma investigação da história de vida do indivíduo. Esse processo coletivo aparece em muitos momentos, ele precisa ser contextualizado, mas para uma dissertação de mestrado não seria possível aprofundar questões que merecem esse cuidado. Poderia ter buscado um aprofundamento dos aspectos socio-históricos, mas esse não foi o foco. Importante saber desde agora que a autonomia como corrente política não poderia ser meu interesse principal. Tento fazer algumas distinções, principalmente entre anarquistas e autonomistas, tentando apontar para uma razão onde isso se constitua como uma corrente política, porém insisto que o interesse está na história de vida da pessoa.

Escrever uma dissertação já é por si mesmo uma tarefa difícil. Não seria possível fazê-la sem acreditar no que buscava compreender. Antes que pudesse perceber essa sensação delineava a forma de apresentar o material que coletava e dos comentários que tentava fazer. Esse trabalho não está separado por partes teóricas e outras práticas. Em todo momento que busco conceituar algo, trago minhas observações e minha convivência para exemplificá-la. Da mesma maneira que quando procuro expor uma situação, uma fala, um pensamento ou experiência, busco fazê-lo junto com o discernimento exigido pelo rigor da

teoria. Acabou que esta pesquisa revelou-se mais que uma análise de um tema familiarizado por alguém, que de certa maneira viu acontecer de dentro.

Acredito ser desnecessário argumentar que não estou buscando justificar uma prática ativista por meio de um trabalho de pós-graduação, assim como não estou me eximindo da responsabilidade em buscar compreensão do mundo em que vivo. Procuro intervir nas decisões de minha comunidade; afinal antes de ser um pesquisador, sou uma pessoa, um membro da sociedade com direitos e deveres como todos os outros, diferenciado em meus interesses e necessidades, mas não na importância.

Entretanto, isso também não foi de fácil resolução. Mais de um ano iniciada a pesquisa propriamente dita, me deparei com um livro que me ajudou a lidar com essa questão. O reconhecido historiador estadunidense Howard Zinn escreveu uma espécie de autobiografia ativista contando parte de suas experiências como professor universitário e militante dos direitos civis nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos. Esse homem que escreveu muitos livros sobre a história norte-americana; que teve sua carreira ameaçada muitas vezes; onde viu e esteve com alunos e colegas sendo agredidos, torturados, injustiçados; que aos 80 anos dá palestras em colégios e universidades, buscando convencê-los para erguerem a voz diante das atrocidades do mundo, escreveu algo bastante motivador. Ele disse: “desde o começo, meu jeito de ensinar história estava embebido com minha própria história. Tentei ser justo quanto a outros pontos de vista, mas eu queria mais que “objetividade”; eu queria que meu alunos saíssem da aula não apenas melhor informados, mas mais preparados para deixar a segurança do silêncio, mais preparados para levantar a voz, para agir contra a injustiça onde quer que eles a vissem. Isto, é claro, era receita para problemas”. O título do livro é *Você não pode ser neutro num trem em movimento*, que por si mesmo já diz a que veio.

Quando li estas palavras entendi o que poderia fazer com este trabalho. No início eu não sabia dizer claramente porque estava tão envolvido com esse tema. Acreditava que poderia ser pelo fato de ter presenciado um período da “nova esquerda” ganhando espaço. Mas não foi apenas isso. Eu ainda estava vendo e participando de tantas coisas! Então mudei não as razões, mas algumas direções para o uso que fazia de tudo que vi e vivi. O que vinha primeiro: o ativismo e sua esperança, ou a curiosidade e a produção do conhecimento? Ambos estavam intrinsecamente ligados, que apenas depois de muito escrever e com a ajuda de meu orientador, percebi que a pesquisa possui uma forma tanto incomum de ser apresentada. Porém compreensível.

O fato é que aceito o risco de ter que lidar simultaneamente com minha vida de ativista e pesquisador. Não seria possível separá-los sem uma perda significativa de ambos os lados. Escolho o risco de tê-los próximos e contribuir para uma universidade mais crítica, uma vida mais espontânea, com suas contradições, acertos e porque não, com a difícil definição de justa.

PARTE I

REVELANDO O ATIVISMO, A IDENTIDADE E A AUTONOMIA

PARTE I - revelando o ativismo, a identidade e a autonomia

Introdução

As manifestações ao redor do mundo contra as imposições do capitalismo e que buscam alternativas à lógica e à estrutura imposta pelo mercado nos últimos 10 anos, permitiram não apenas uma maior visibilidade das insatisfações com relação a este sistema, mas trouxeram uma nova perspectiva de luta e organização.

Fala-se, por um lado, sobre um maior controle dos comportamentos humanos e da ampliação do que Michel Foucault chamou de sociedade disciplinar, mas também, na contramão, que o mundo vem se deparando com tamanha criatividade em aspectos de ocupações de espaços públicos e privados, que a vida passa a ser um desdobrar e reinventar constantes de ações políticas e relações humanas. A idéia muito repetida nos últimos anos por diferentes grupos, pensar global e agir local, mostra-se um mecanismo capaz de potencializar mudanças extremamente significativas nas vidas individuais e das comunidades que não suportam mais o peso da opressão do chamado mundo neoliberal.

Ativistas se mobilizam ao redor do mundo: o índio zapatista no México, o menino com estilingue contra os tanques de Israel, os *piqueteros* e os cortes de ruas em Buenos Aires, as ocupações de terra no Brasil, os jovens na Avenida Paulista contra a ALCA e os milhões em Nova York contra a ocupação do Iraque, o fato é que, como estava nos muros por onde os *piqueteros* passaram na Argentina, que a resistência tornou-se global, da mesma maneira que a exploração capitalista. Se o mercado não reconhece fronteiras para aumentar seu lucro, da mesma maneira uma rede se constitui para se opor e apresentar

alternativas. O interesse deste projeto está nesta mobilização, sua organização, suas alternativas e principalmente na identidade de seus ativistas.

Uma pergunta então: quem é este ativista? Como quase um contra ponto com a declaração zapatista que abre esse capítulo, já que buscam um novo processo de concretizar quem querem ser e não uma simples afirmação do que são, me interrogo pela sua identidade em termos convencionais. Mas será possível uma identidade dada pela sua negação? É correto falar em uma identidade ativista? Continuando, de onde vêm estas pessoas que muitas vezes estão de lenços, passamontanhas, camisetas, máscaras de gás no rosto, que não se permitem filmar ou fotografar com facilidade, mas que não perdem sua identidade. Os que os diferenciam dos antigos movimentos revolucionários e contestatórios? Saem às ruas tão apaixonadamente como no maio de 68, porém agora com outras formas de organização, mostrariam eles outro confronto? Por que não querem tomar o Estado e seu poder? O que acontece que buscam inspiração nos anarquistas do início do século XX, mas não se dizem anarquistas? Como superam suas contradições? Podemos falar do papel dos líderes em um movimento que se proclama horizontal? Qual é a motivação destas pessoas e deste movimento? Buscar a compreensão do sentido destas lutas em suas vidas pode nos trazer um melhor entendimento do mundo em que vivemos.

Cada vez mais se fala de um mundo sem utopias, principalmente com a queda do Muro de Berlim, vimos teóricos falarem do “fim da história”, como dito pelo historiador estadunidense Francis Fukuyama (1991). Entretanto vimos tomar vida um movimento difuso, difícil de definir (Ortellado, 2002), mas que trazia novas esperanças na tentativa de mudar o mundo, com uma alegria de lutar por uma nova realidade e, sem dúvida, dando continuidade à história. Ouviu-se dizer em um movimento de justiça global e a grande mídia insistiu em falar de movimento antiglobalização, porém acredito ser o nome mais adequado para este movimento de Movimento de Resistência Global, que na verdade não é

apenas um movimento no sentido tradicional do termo, mas um movimento de movimentos (Hart e Negri, 2001) como veremos depois.

Assim,

“los participantes sienten que están creando el futuro en su presente, a base de nuevas relaciones decididas por la democracia directa. Rechazan la jerarquía, los jefes, gerentes, o cualquier tipo de persona que ejerza poder sobre los otros. Se organizan en todas sus situaciones, se autogestionan en comunidades, barrios, lugares de trabajo, escuelas y universidades. Como se llama este proceso revolucionario? Horizontalidad? Autogestión? Socialismo? Anarquismo? Autonomía? Política afectiva? Ninguna de estas cosas? Todas? Creo que es un proceso que no tienen solo nombre. Es un proceso de creación continua, de crecimiento constante, y del desarrollo de nuevas relaciones, con ideas que fluyen de estas practicas cambiantes.” (Sitrin, 2005: iii)

O que une os diferentes grupos neste movimento, pelo entendimento deste momento, são basicamente os princípios de solidariedade, horizontalidade, democracia direta (não representativa), ação direta, criatividade, luta e uma orientação anticapitalista.

Este é um trabalho sobre identidade política. A identidade de sujeitos que seguem transformando-se, melhor talvez, metamorfoseando-se em busca de emancipação. Para Ciampa (1987/2005) identidade é metamorfose. Interessa-nos saber quem é essa pessoa que faz parte deste movimento, sua história, seu projeto de vida e o que motiva sua continuação em uma luta social.

Algumas histórias e ações têm sido relatadas, documentadas e discutidas sobre o Movimento de Resistência Global, principalmente entre historiadores e sociólogos (Ludd, 2000; Corrêa, 2002; Chomsky, 2002; Chrispiniano, 2002; Klein, 2002). Pode ser um movimento recente, como realmente o é, mas podemos identificar também elementos que o trouxeram até aqui, formando-se desde tempos mais remotos. A psicologia pode realizar este caminho de análise de maneira única e significativa, até mesmo porque se têm pensado pouco nela como instrumento e lugar de discussões sobre este movimento e a identidade individual de seus membros.

A pertinência deste projeto também está em questões que buscam entender as novas formas de organização da esquerda, seja socialista, anarquista, comunista, etc. Estamos percebendo neste momento histórico que uma parte significativa das organizações da esquerda tradicional mostram-se incapazes de mudanças e propostas mais significativas para a realidade mundial e em particular a brasileira. Então, não apenas por este fator, mas também porque o anseio de maior espaço de liberdade, igualdade e espontaneidade que se apresentam como elementos significativos dentro do Movimento de Resistência Global, possibilitando maior atenção de análise.

Estes fenômenos que não desapareceram, mas que pelo contrário, se multiplicaram e se espalharam como fogo no palheiro por diversas partes do mundo, faz com que um novo internacionalismo seja construído e entendido, reconhecendo a importância de seus valores locais. Mas como tudo isso é possível se não há uma centralização ou mesmo um direcionamento que obrigue tantos grupos e indivíduos a se agregarem? Talvez uma psicologia, que legitime as diferenças e que busque compreender as novas subjetividades neste movimento, possa apresentar alguns caminhos que levem a responder à pergunta. Não penso que seus processos em busca de autonomia sejam gratuitos, mas que são processos elaborados conscientemente, com debates áridos e exaustivos, que precisam de um enfrentamento honesto para a superação de suas ambigüidades, realizados em dias, meses e anos de convivência e caminhos nada tranquilos.

Estudar este processo de emancipação e a identidade daqueles que buscam alternativas ao capitalismo, fundamentalmente pela autonomia, me parece uma forma de realização de algumas dessas vontades e de enfrentamento com um mundo dominado. Talvez uma chance para a ousadia tão necessária para qualquer criação na vida. Será que o Movimento de Resistência Global traz em seus processos de organização a necessidade desta ousadia em reinventar a política, as lutas sociais, as discussões e as transformações

coletivas e individuais? Como pensar a autonomia e como percebê-la se de fato esta presente? Assim sendo, é de extrema importância à academia se preocupar com estes fatos que dizem respeito não apenas a um determinado grupo, mas uma possibilidade de mudança em todo o imaginário social.

Esta proposta visa compreender a identidade ativista, através do estudo e da convivência com alguns indivíduos, principalmente pela história de vida de um deles, assim como pela contextualização oferecida pelo Centro de Mídia Independente, grupo que compõe o Movimento de Resistência Global. Considerar também o que acontece com a decisão pelo consenso, a identidade que busca autonomia, do indivíduo que se dilui na massa e também daquele que se emancipa, nos grupos de afinidade que se tornam um tipo de família com seus laços de fraternidade e solidariedade, que apresentam ambigüidades e contradições, enfim, qual o sentido disto tudo para os envolvidos nesta nova fase de confrontação com o capitalismo.

Especificamente analisar a elaboração e a prática dos princípios que levam à autonomia e à superação das limitações de um mundo sem muitas perspectivas de mudanças significativas em curto prazo, elaborando um esforço de compreensão das ações, materiais e bibliografia específica sobre ativismo global e luta anticapitalista. Na apresentação proponho um grupo para esta investigação. Entender também a insuficiência das ruas, que depois das megas manifestações reunindo milhões em ações espalhadas pelo globo, não se tem mostrado com a força ou condições de se tomar um espaço público como nos anos de 1998 a 2003. Tentar olhar para alguns aspectos que consideram, de uma maneira ou de outra, mudanças, conquistas, o que não valeu a pena, porque parece mais fraco neste aspecto, ou apenas uma falsa impressão no que diz respeito ao ano de 2003 até agora.

Método

Foram dois os principais meios de investigação e análise das informações necessárias ao projeto:

- 1- entrevistas abertas (sem formulários) realizadas pessoalmente. As entrevistas foram escritas e gravadas. Isso implicou também em trabalho de campo conhecendo sede, escritórios, participando de assembléias, reuniões, preparação de ações, estratégias, etc.
- 2- Coleta e análise de material impresso (revistas, manifestos, panfletos, boletins, jornais, etc.), áudio visual (documentários, curtas-metragens, longas-metragens, etc), *sites* e informações divulgados via internet, produzidos por grupos e indivíduos ativistas e pela mídia convencional. Também foram considerados os processos de criação, elaboração, finalização e distribuição destes materiais.

Busquei entrevistar um ativista do Centro de Mídia Independente que se define como parte do Movimento de Resistência Global. Esse grupo atua no Brasil e em outros países como uma rede de ativismo autonomista existente desde 1998 e no Brasil desde 2000.

Os principais critérios para a escolha deste grupo e do ativista pertencente a ele são dois: a autonomia e o tempo de atividade. Por autonomia entenda-se a democracia direta, a horizontalidade, a criatividade, o consenso, o grupo de afinidade e a autogestão. É um grupo que teoricamente não possui representação fixa, estatuto ou documento que legitime qualquer tipo de hierarquia ou comando. Quanto ao tempo de atividade do grupo, bem como da pessoa entrevistada, ambos participaram do Movimento de Resistência Global nos

anos de maior visibilidade, que foi de 1999 até 2003. O grupo continua envolvido na luta anticapitalista e o entrevistado ainda pertence ao grupo.

A dissertação apresenta-se em quatro partes principais. Todas contam com o desdobramento da identidade ativista autonomista no mesmo momento que conceitua cada um de seus elementos.

A parte I contém os conceitos sobre identidade e autonomia. Elas se complementam na medida em que conceitos precisam de definições, por sua dimensão conflituosa, superações e por se tratar do tema que me propus a estudar.

A parte II aprofunda aspectos tanto de identidade como de autonomia, mas agora no contexto ativista. Explícitas se tornam as ações, parte da organização, o lugar do consenso e a descrição do Centro de Mídia Independente, assim como uma tentativa de revelar o cenário em que ele existe. Nesta parte evidencia-se a maneira de lidar com as informações. Não crio tantas distinções para trabalhar com os conceitos de identidade e autonomia e com o empírico da pesquisa. Ela ganha formas mais heterogêneas com minhas análises e principalmente quanto à subjetividade da dinâmica do grupo.

A parte III busca lidar com alguns aspectos mais subjetivos tanto do ativismo autonomista como da condição humana da luta anticapitalista, investigando a emoção, sua angústia, seu humor, sua ousadia. A velocidade e o real dessa condição e o ativismo colocado em xeque.

Por fim, a parte IV traz a entrevista e uma análise da mesma feita pela ótica do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, enfatizando a autonomia. A escolha desta entrevista deve-se também, além das razões citadas anteriormente, ao fato da espontaneidade e sinceridade do entrevistado. Parte das outras entrevistas não foram possíveis de utilizar exatamente pela limitação percebida em algumas falas. De uma geral as pessoas estavam pouco a vontade para se expressarem, apesar de toda orientação quanto

ao sigilo da entrevista, estando talvez envergonhadas, ou mostraram-se tendenciosas, falando somente das “glórias” do movimento que fazem parte. O sujeito para a análise da entrevista é um caso emblemático. Como veremos nessa parte, o ativista entrevistado não apenas se posiciona com clareza em sua história de vida política, como permite um enfrentamento sincero das limitações e ambigüidades do grupo da qual faz parte. Isso foi determinante para trabalharmos com ela.

A Identidade

A Identidade ocupa lugar central nessa dissertação. A proposta apresentada por Antonio Ciampa (1987/2005) a respeito do sintagma identidade-metamorfose-emancipação irá nos acompanhar por grande parte de nossa busca por melhor compreensão de quem é esse ativista apresentado anteriormente.

Mas que identidade é essa? Como podemos nos apropriar desse sintagma para verificar ou não o sentido de emancipação?

Pensemos em uma história em que ainda não nos foi revelado o passado de seus protagonistas. Um lugar de origem para um corpo, uma idéia ou uma luta. Alguém que hoje se diz ser, mas que nem sempre existiu como tal. Uma história de vida que se construiu singularmente, tentando constituir-se com individualidade e também herdeiro de parte de outras histórias que o antecederam. Uma pessoa que já viveu sua primeira emancipação, que na verdade nos caracteriza a todos: a metamorfose humana. Como diz Ciampa (2005),

“...somos todos história-encarnada e linguagem-corporificada. Isso possibilita essa primeira emancipação, porque o ser humano nasce da síntese natureza-cultura, deixando de ser apenas animal, passando a ser humano”.

Dito de uma outra maneira, nós como humanos somos um produto social, mas como seres humanizáveis, já que não nascemos prontos e temos um devir humano, somos um produto humano. Aqui está o processo de metamorfose, que é caracterizado basicamente pela linguagem. Somos seres naturalmente inacabados e historicamente em constante acabamento, transformados, de um lado, pela socialização, e, de outro lado, pela individualização (Ciampa, 2005). O sentido original de emancipação, dado na identidade que não é estática, mas dinâmica, supera a simples condição animal, que nunca perdemos. Há uma plasticidade característica desta natureza humana, que se realiza como “abertura

para o mundo”. Uma amplitude que simultaneamente é individual e coletiva, biológica e social. Assim, cada história de vida constitui uma identidade que se dá como um processo ao mesmo tempo geral e singular.

Esse processo cria certa expectativa. Essa expectativa realiza uma interligação de papéis que nos possibilita perceber que cada pessoa é constituída por aquilo que lhe foi atribuído e pelo que foi adquirido. Atribuído é tudo aquilo que já se encontra no exato momento de quando alguém chega ao mundo. As pessoas, o sexo, a nacionalidade, a família, são coisas que quando nascemos não podemos escolher. São posições da identidade que precisam de valor, status e de variabilidade de envolvimento. O papel faz parte do status de uma determinada identidade, que por sua vez tem necessidade de uma definição contextual. Temos um status que desempenha um papel, onde segundo essa teoria dos papéis mostrada por George Mead, tenta responder à relação que se dá muitas vezes na expectativa, ou no olhar do outro presente na relação. Não se separa neste momento a natureza de cultura e também o contrário.

Então os elementos atribuídos e adquiridos, considerando um posicionamento que pode ser positivo ou negativo, dependem do valor dado pela sociedade. Assim vamos dos elementos atribuídos na formação da identidade para aqueles que são adquiridos. Gênero, uma nova religião, uma outra nacionalidade podem ser, por exemplo, adquiridas nesse processo. Como falamos anteriormente, trata-se de um processo dinâmico, que faz das diferenças possibilidade de concretude.

Para o protagonista ativista, talvez lhe seja atribuído ser filho de um pai, de uma mãe, cidadão de um país, com um determinado idioma, mas que talvez também esse mesmo pai, mãe, país, não saibam nada a respeito de luta anticapitalista. Mais adiante iremos verificar isso com outros detalhes, quando iniciarmos a análise da entrevista. Agora, sabemos com segurança que sua capacidade para o ativismo foi adquirida enquanto uma

condição que o favoreceu a isso. Queremos dizer que ninguém nasce anticapitalista ou ativista, mas torna-se.

O desempenho desse papel adquirido é colocado em evidência em alguns tipos de encontro. Parece-me que investigar a identidade é atentar para muitas perguntas, interrogações do que faz ou fez, de quem é ou foi, para onde pretende ir ou gostaria de chegar, entre outras. Corroborando então com Ciampa (1977) onde diz que identidade é metamorfose, tornando a natureza de um questionamento não apenas um instrumento para investigação, mas como espaço de compreensão dos muitos encontros que ocorrem na vida. Encontros com pessoas, lugares, emoções, situações, expectativas, tudo que pode interferir na subjetividade humana.

Nesse momento temos alguns elementos importantes para pensar um pouco mais no sintagma.

“...a diversidade de pessoas formam as sociedades, porém uma sociedade determinada antecede qualquer ser humano que nela se forma”.
(Ciampa,2005)

O cotidiano é marcado pelo “mundo da vida”, que equivale afirmar ser quando as vidas das pessoas vão ganhando significado, quando o dia a dia é marcado pelas diferentes formas de saber e fazer da tradição de um povo. A linguagem adquirida e o que compartilham tornam possível o encontro inicial entre duas pessoas de uma mesma tradição. Uma linguagem que pede palavras, mas vai além delas, ampliando uma comunicação onde seja permitida conhecer outros sentidos para o mundo.

Devo a Jurger Habermas (1990) a formulação aqui do mundo da vida e da ordem sistêmica e como usá-las. Na medida em que uma sociedade se desenvolve e se torna mais complexa, precisa de uma “ordem sistêmica” para poder lidar com estas outras dimensões da vida prática, como por exemplo, um sistema econômico, de saneamento, comunicações, etc. O que vemos acontecer é que com o aumento da autonomização da “ordem sistêmica”

há uma espécie de colonização do “mundo da vida”, fazendo com que essa relação se estabeleça inversamente. Assim, nos parece importante saber que um sujeito, consciente ou não de seu lugar no mundo, é resultado e mantenedor de sua história. Exatamente uma história que se fez nas relações do cotidiano e com interferências de suas respectivas ordens.

Sabendo desse lugar ocupado pela identidade, buscamos reconhecimento e igualmente nos reconhecendo por atributos que tenham sentido para nossa história de vida. A diferença está em conseguirmos nos emancipar ou não daquilo que nos atribuíram e sua relação com o que adquirimos.

Conflitos e superação

O mundo da vida possibilita o significado da realidade desse ser e em contra partida, seu esvaziamento gera e aumenta a falta de seu sentido. O ativista vive a amplitude desse lugar, experimenta uma maior dimensão da finitude e da condição da sua humanidade, e ao contrario do que as vezes possa pensar, possibilita também a ampliação de sua capacidade de emancipação. Se pensarmos em nossa sociedade hoje, o que nos falta é exatamente *sentido*. A sociedade capitalista foi capaz de desenvolver um aparato tecnológico magnífico, um sistema burocrático gigantesco, mas completamente incapaz de atribuir qualquer sentido para isso. Hoje todos clamam por uma “razão” em suas vidas, mas os valores do mundo insistem em dizer que necessitamos de alguma coisa mais eficiente.

“A identidade capitalista é a antítese do reconhecimento mútuo, da comunidade, da amizade e do amor”. (Holloway, 2002).

Apontemos então para um autonomista que tenta a realização plena de sua maneira de pensar e experimentar o mundo. Quando falarmos no próximo capítulo da autonomia, esses pontos se tornarão mais claros. Entretanto, não devemos ignorar que o ativismo autonomista busca trabalhar pela superação do dogma dos modelos, pelo menos essa deve uma de suas estratégias. Os modelos então não deveriam se cristalizar, não acreditando que um é melhor que o outro, mas as escolhas se dando por oportunidades, buscando a produção de sentido em direção a vida e não da morte. A utopia que não pode ser receita, mas que pode sim acontecer no cotidiano e na sua imprevisibilidade. Não há garantias, porém esta claro que esse capitalismo não serve, exatamente porque sua existência se deve a produção da morte e não da vida. Isso não implica na afirmação do único desejo de vida, ao contrário. Aceitar a morte como parte da vida é deixar de temê-la ou negá-la. E nessa direção o autonomismo é um tipo de anarquismo porque quer a ampliação do sentido da

existência humana e do que faz parte de uma determinada espécie: a vida e a morte, o amor e ódio, o bom e o mau, etc. Digo anarquia como um caos organizado. Algo mais integrado aos efeitos da natureza e não na sua dominação, numa tentativa de aceitar suas contradições e sua superação.

“Una cosa es decir somos horizontales, somos autonomos, bla, bla, bla, y otra cosa es efectivamente poder hacerlo. Yo creo que todavía estamos en un momento donde tenemos claro algo de eso, no todo pero algo de eso, pero nos cuesta mucho efectivamente hacerlo, hacerlo carne, no? Encarnar esa situación. Es como... no sé, no se me ocurre un ejemplo, pero, como que veníamos de una cultura de la representación, una cultura de la delegación, una cultura de la impotencia y esto fuera bueno, vamos a ser de otra manera, nos encontramos haciendo-lo de la misma, y es como el problema desde adentro también, que ese es un tema, no?, que se ve mucho. Como si hubiera también una memoria de la verticalidad, de la representación, de la delegación, que se jugara casi inconscientemente, que de repente por más que digamos somos autónomos, hay un punto donde siempre estamos esperando que otro haga, que otro diga, la aceptación de otro.” (Martin k.; In Sitrin, 2005, 139)

Temos uma grande dificuldade para lidar com a incerteza presente na vida e da mesma maneira de reconhecer a sua influencia. Quando não pensamos que a metamorfose continua acabamos por criar mais dificuldades na busca por soluções. Quanto de dor e tristeza serão necessárias para entender que nossas verdades são alteradas e impermanentes? Quem não riu de algo do passado que quando olhado com a distancia do tempo tornou-se cômico? Mas quando estávamos vivendo tal situação parecia uma tragédia sem fim... ou ainda o “eu era feliz e não sabia”?

Parece-me que caso a pergunta feita “quem é você?”, questão substancial em um trabalho sobre identidade, não aponte para uma resposta que satisfaça a expressão da singularidade do indivíduo, ou em outras palavras a criatividade do Eu, ocorrerá apenas um espaço delimitado pela sociedade. O papel executado pelo indivíduo fica preso no conformismo e nada além do convencional é realizado. E nosso interesse é saber como pode existir um processo emancipatório que vá além da conformidade.

O que acontece é que vemos três desdobramentos da identidade para pensar caminhos da emancipação. Na verdade possuímos sempre uma única identidade, mas ela é marcada por distinções dentro de um processo com espaço-tempo aonde percebemos a possibilidade de emancipação ou não. Habermas descreve a identidade natural, a identidade do papel e a identidade do eu. As duas primeiras permeadas pelo convencional e a última tanto pelo convencional como pelo pós-convencional. Busco entender o que Habermas formula como convencional e pós-convencional e no capítulo sobre autonomia elas continuarão sendo discutidas.

A identidade natural é marcada pelo seu aspecto universal, caracterizada pelo que é comum a todos nós enquanto espécie humana. A humanidade em qualquer parte do universo possui as mesmas características enquanto uma determinada espécie da natureza. Já a identidade do papel revela aspectos particulares, caracterizada por uma distinção dada pela sociedade. Aqui passa a existir um nós e um eles. Temos o surgimento de um outro e derivações decorrentes da socialização. Essas duas identidades, natural e papel, estão na esfera do que sustenta a convenção, a dimensão da certeza e do que é facilmente conhecido. Quando lidamos somente com elas, de uma maneira geral não percebemos muitos contrastes e os conflitos acabam permeados de respostas se não do senso comum, ao menos quase livres da complexidade da subjetividade. Então chegamos à identidade do eu, que traz aspectos singulares e caracteriza-se pela individualidade. É nesse ponto que cabe a criatividade fazer acontecer o pós-convencional. A individualidade de cada ser, depois de devidamente apropriada dos elementos universais e particulares que constituem sua identidade, caminha para a construção do que lhe seja único, intransferível e emancipatório. O esforço para transcender o que foi delimitado pela espécie, marcado pela sociedade, torna possível a integração daquilo que se é com aquilo que se pretende ser.

A interrogação para saber quem tal pessoa é não se faz com uma intenção hermética, fechada em si mesma. Busca compreender também o que essa pessoa irá fazer com o que foi feito dela até então. Além do peso existencialista nessa argumentação, vemos hoje a dificuldade de uma vida mais emancipada, talvez por não sermos capazes de ir além das nossas convenções. A autonomia desejada não é capaz de ousar. Em nosso cotidiano o pedido por mais tempo, por mais espaço, por mais tranquilidade, por menos cobrança, menos esforço, menos sufoco, será possível em sua realização na mesma medida em que formos coerentes com o processo de legitimação daquilo que nos dá sentido para a vida. De alguma maneira teremos que saber como “abrir mão”. Saber em como ter menos para ser mais. Saber se aproximar do diferente não tão diferente. Querer muita segurança ao mesmo tempo em que muita liberdade é mais do que conformismo, é mediocridade.

A identidade do eu procura acontecer na aproximação entre o entendimento e o consenso. Para Habermas (1981) o consenso é uma forma de negociação. Sua teoria da ação comunicativa afirma que a linguagem serve como garantia da democracia, uma vez que a própria democracia pressupõe a compreensão de interesses mútuos, indicando que a convivência pede minimamente um entendimento de todos os envolvidos. Saber de fato o que está acontecendo, ter acesso as informações de como se chegou a uma determinada situação, tempo para pensar as possibilidades de escolha, são alguns exemplos para o entendimento. O consenso precisa do entendimento, mas não é a unanimidade. Nele é importante saber “abrir mão”.

Quer dizer que o ativismo autonomista superou essa dificuldade? Não sabemos. O podemos ver é que alguns indivíduos sim, mas outros não. O fato é que, como na história, a vida não permite um *se*. E caso o ativista autonomista permaneça apenas em suas intenções é o que poderemos encontrar, um grande "se", já que tudo ficará em torno do que se pretende e não do que se pode. "Abrir mão" é também parte do desafio, inclusive das próprias receitas revolucionárias e de como as coisas devem ser, pelo menos no sentido de dizer como as pessoas devem viver. A dúvida gera espaço para a investigação daquilo que se quer mudar. Temos,

“...en primer lugar, desconfiar de la idea de que podemos cambiar el mundo. Pensar que podemos cambiarlo a nuestro antojo equivale a decir que nosotros, los militantes, vamos determinar como se van a relacionar las personas entre sí y con la naturaleza. Con qué argumentos, con qué autoridad moral les

vamos a decir “relaciónense así, hagan eso o lo otro”. En el mejor de los casos se morirían de risa; en el peor, harían como que siguen el consejo y seguirían de largo. Podemos, eso sí, acompañar, estar ahí durante un largo tiempo, caminar juntos; no para ser imprescindibles, ni para influirlos con palabras, sino para predicar con el ejemplo.” (Zibechi, 2003, 224)

Somos obrigados a formular um novo questionamento. Então a ousadia que precisa transcender a teoria autonomista será percebida juntamente com a honestidade que tratam suas contradições. Ou seja, podem reconhecer que possuem limitações, que são antes de tudo pessoas que erram e que errarão? Assumir seus conflitos e a maneira de lidar com eles é algo da natureza da identidade que é metamorfose? ou da autonomia que acompanha um processo político verdadeiramente democrático? Parece-me que pode ser tratado em ambas as situações, dependendo do que se busca avaliar. E é o que buscaremos investigar quando falarmos logo mais a diante de autonomia.

Algumas vezes ter que lidar com a autonomia e com questões reveladas como essas implicam na necessidade de assumir riscos. Isso supõe duas ou três situações:

“paciencia, darle tiempo al tiempo, esperar que los compañeros y las compañeras vayan llegando por su propia experiencia y su propia reflexión a las conclusiones que consideren más acertadas. Significa confiar en la cultura popular, respetarla y trabajar, delicadamente, para acotar y suavizar los aspectos opresivos de esa cultura. Esto no se consigue en tres días, es tarea de toda una vida. Los cambios culturales son lentos, evolucionan a un ritmo glacial, porque afectan a lo más profundo: los sueños, los hábitos, la forma de relacionarnos con nosotros mismos y con la vida. Son el núcleo del cambio social, y no se pueden gobernar por decreto ni con órdenes.” (ibid.: 224)

O que Zibechi quer nos mostrar é que temos uma maior necessidade de lidar com a desordem e com a incerteza. O Movimento de Resistência Global se revela com uma dinâmica própria e sua aparente desordem não é algo negativo. A força de sua emancipação está em assumir uma forma de desintegração do capitalismo, e isso não pode acontecer somente no surgimento de uma proposta política e social, mas em um modo de “sair” dele. Não veremos aqui propostas de sociedades alternativas ou comunidades livres do sistema

capitalista como nos moldes dos anos 60. Não veremos pessoas ignorando a realidade em que vivem e tentando de alguma forma desesperada livrar-se desse incômodo. A incerteza passa a constituir uma chance para a transformação social. Quando os *piqueteros* na Argentina diziam “*Que se vayan todos!*” não era somente por uma falta de opção de candidatos para suas instâncias burocráticas governamentais. *Que se vayan todos* era um basta de todas as certezas para as mudanças do mundo que até então haviam experimentado e suas promessas. A negatividade passou a ser sua criatividade.

Conviver com a incerteza poderia ser a forma de reconhecer que a maioria das certezas, sejam quais forem, não satisfariam o que buscavam. As diferentes experiências na Argentina, particularmente dos *piqueteros* e dos MTDs, inspiraram e ainda alimentam muitas outras organizações pelo mundo. Esse exemplo mostra como a luta anticapitalista autonomista tem se revelado sem fronteiras.

Dizer que a identidade ativista não tem fronteiras é reconhecer que a alternância e a metamorfose fazem com que possa vir a se tornar outro e passe a expressar uma relação paradoxal. Ele enquanto pessoa generalizada é igual a todos, mas enquanto indivíduo é diferente de todos os outros. Não um outro desconhecido e alienado, mas um Eu capaz de decidir e assumir para e por si. Um Eu que é duas coisas em uma só.

“...é absolutamente igual e absolutamente diferente, o mais próximo e o mais distante da mesma pessoa. A própria identidade dada pela cidadania ou pela nacionalidade deveria ser ampliada até a identidade universal de cidadão do mundo.” (Habermas, 1990:81).

Assim, vivemos situações transitórias, onde saber que todas as coisas e pessoas não nos pertencem enquanto uma certeza, amplia a autonomia e a solidariedade.

A emancipação deve ser concretizada, porque há momentos em que pode haver uma intenção emancipatória e uma realização que a contrarie, ou uma prática não emancipatória. Parafraseando William Blake, aquele que deseja e não age, gera pestilência. Sua identidade se emancipa daquilo que um dia lhe disseram para ser: talvez lhe disseram para estudar bastante, trabalhar bastante, e que um dia ele conseguiria ser alguém no mundo. Pensar o futuro implica em uma reflexão sobre a emancipação e saber que nenhum caminho leva atrás, faz parte de uma identidade autônoma.

O sentido de autonomia e a preparação para uma psicologia radical

Autonomia não é de simples definição, tão pouco fácil de perceber. Mais que uma tentativa de conceituá-la, esse trabalho busca compreendê-la como uma condição para a emancipação. Parece-me que definir o que é ser um ativista autonomista é quase classificá-lo no que mais lhe parece mentira, um tipo de farsa conceitual. Quando falamos que alguém é determinada coisa, estamos esperando dela certa forma de agir e de se comportar dentro dessas definições, podendo negá-la ao direito de ser diferente ou de não ser. Assumindo esse desafio e reafirmando o compromisso de lidar com a incerteza, buscaremos pensar a autonomia como um devir-autônomo mais do que como uma especificidade teórica.

A ampliação e o fortalecimento daqueles que buscam a auto-organização e a autodeterminação pessoal e coletiva, é a principal maneira aqui de se entender o que podemos chamar de autonomia. Temos uma identidade de resistência livre, algumas vezes espontânea, porque como disse Adamovsky (2002)

“vemos mulheres e homens buscando escapar da opressão e da imposição, buscando viver de acordo com suas próprias regras” (p. 21).

Uma capacidade de estabelecer normas para si considerando sua autonomia e de outros. Mas Adamovsky é quem nos traz uma outra interrogação,

“significa isto que não devemos ter nenhum vínculo com o poder político, e que não devemos tratar de utilizar nenhum espaço ou recurso ligado ao Estado?” (ibid.)

Para ele a resposta é não. Vai depender de cada situação. Ocupar alguns espaços no Estado poderia possibilitar menor empecilho numa determinada tática de emancipação. Mas se o objetivo é

“tomar o poder e a mudança vir de cima para baixo, isso conspira sempre contra a autonomia (...) por isso deve estar claro que isso não é uma tática política fundamental” (Adamovsky, 2002: 22)

O que define um grupo ou um indivíduo autônomo? Será possível uma definição exata? Há outros ativistas que dirão que a autonomia política necessariamente implica em ruptura com o Estado, principalmente no que se refere às políticas partidárias. Isso poderia ser entendido como uma atitude autônoma. Mas novamente o que queremos é entender os princípios de solidariedade antes e durante os planos de ação, principalmente o sentido que se estabelece na luta cotidiana (o indivíduo) e nos encontros (do coletivo) propostos para a definição de táticas de luta. A autonomia individual sendo entendida como momento de emancipação plena do sujeito, diretamente ligada à estrutura coletiva livre. Significativamente também reconhecer que as relações nestes grupos podem ser orgânicas e que as batalhas travadas não foram e não são apenas nas ruas, ou somente no campo social e político.

Os grupos e indivíduos autonomistas travam uma batalha não apenas física contra determinados Estados e multinacionais, mas também contra idéias e reproduções do Estado em menores escalas, como por exemplo, na família. Wilhelm Reich (1897-1956) nos traz algumas importantes contribuições neste sentido. Seu trabalho busca discutir como podem, nações inteiras, se subjugarem e apoiarem forças irracionais (fascismo/nazismo) que iriam manter trabalhadores e sociedade em constante servidão voluntária.

O interesse em sua obra passa pela necessidade de entender o motivo e o como desta manifestação irracional. Se tentarmos entender estes fenômenos autoritários, apenas social e economicamente, acredito que não daremos conta de seu real sentido. A economia e a sociologia são indispensáveis, mas não podem ser suficientes para explicar funcionamentos individuais e reproduções de uma educação autoritária, assim como as repressões que se instalam internamente nas pessoas. Conseqüentemente valores que se perpetuam e se projetam mutuamente entre o individual e o coletivo, assim como consciente e

inconscientemente. Fazem-se necessária a colaboração de uma psicologia capaz de compreender fatos sociais sem se abster de sua subjetividade, encarando a política e a cultura como manifestações humanas e extensões de suas estruturas internas.

A consciência é uma parte importante da estrutura psíquica humana, pois outra parte fundamental é seu inconsciente, que intercala os processos psíquicos governados a nível inconsciente, ou seja, se devidamente traçadas e apontadas (partes e estrutura psíquica) podem ser compreendidas. Conseqüentemente podemos entender, graças a Freud, que isso nos possibilita saber que a criança desenvolve uma sexualidade ativa, que não tem a ver com a reprodução e que a energia sexual, a libido, é fundamental para a vida psíquica. Deste modo as condições biológicas e sociais da vida encontram-se compreendidas no aparelho psíquico. Sabemos que isso foi desprezado por muitos movimentos sociais, e que o moralismo e o conservadorismo também podem estar entre muitos ativistas que são incapazes de pensar e analisar este fato. Estão retidos na mesma estrutura mecanicista e pragmática do pensamento linear, assim como sentem no próprio corpo a repressão autoritária de suas respectivas famílias e culturas.

Temos um desafio com essa condição, porque estamos lidando com uma expressão humana que tenta legitimar o que Kropotkin (1842-1921) chamou de impulso básico para o “apoio mútuo”. Apoio mútuo é o intercâmbio recíproco e voluntário de recursos e serviços para o benefício mútuo entre ambas as partes. Kropotkin buscou descrever a ocorrência do *apoio mútuo* em vários níveis de organização, desde nas sociedades de insetos, passando por grupos de animais da mesma espécie até chegar às sociedades humanas. Ele procurou demonstrar que, embora exista competição entre espécies e entre sociedades humanas, dentro de uma mesma espécie e uma mesma sociedade o *apoio mútuo* é a principal força a garantir a sobrevivência do grupo. Com isso, pretendia combater o darwinismo social presente na Europa. Infelizmente a obra de Kropotkin não aprofunda em saber como esses

fatores impactam a formação psicológica da pessoa. Falamos de algo dado nas relações , e que mais adiante veremos de que maneira a cooperação ajuda na construção de sentido do ativista autonomista.

Não há pretensão alguma de desenvolver em detalhes um paralelo entre os aspectos biopsicológicos percebidos na psicanálise com os aspectos biosociais de Kropotkin, mas também não podemos desconsiderar essa aproximação porque como acabo de comentar, os movimentos sociais não deram devida atenção para esses elementos em suas estruturas e lutas.

Apontar isso nos ajuda a considerar melhor um aspecto significativo deste movimento autonomista que é a autogestão. Penso que as experiências de autogestão são muitas, podendo ser vista por uns, como um ‘método de gestão de empresas’ e, para outros, como uma ‘forma política’ que assume o comunismo, ou seja, a democracia direta. Nesta direção, Viana (2004) diz que

“a primeira concepção deixa entrever a possibilidade de existir autogestão no interior da sociedade capitalista e a segunda apresenta a idéia de que é possível haver comunismo sem autogestão, já que esta é reduzida a uma mera ‘forma política’ e, sendo assim, não é a essência do comunismo e por isto este poderia utilizar outras ‘formas políticas’”.

Entretanto, tal como pretendemos demonstrar no decorrer deste trabalho, estas concepções são equivocadas, pois não conseguem expressar o verdadeiro sentido da autogestão. A característica de auto-regeneração, e mais especificamente de autopoiese (auto-fazer, fazer a si próprio), pode ser vista perfeitamente em uma organização social que tenha como princípio a autogestão e o apoio mútuo, tendo assim uma possibilidade de ações e estruturas realmente orgânicas. Caso contrário o medo da liberdade (autonomia) continua grande e o desejo de aprisionamento (negação da responsabilidade) também. Apontado por Habermas percebemos que nessa direção para um melhor entendimento da

autonomia de todos, precisamos do direito legítimo no reconhecimento da igualdade e da liberdade, ou visto como uma moral igualitária e uma ética libertária.

Se os ativistas não trabalharem estes elementos, com diálogos francos e honestos, estarem atentos para a centralização nas falas (discursos) de algumas pessoas em suas reuniões, ou a incapacidade de horizontalização nas decisões, assim como construir espaços para a criatividade e espontaneidade, buscando relações mais autênticas fora de seus ambientes "formais", muito poderá se perder. Isso para eles deve ser visceral de acordo com a capacidade de entendimento das organizações locais.

Os aspectos psicológicos devem ocupar lugar mais claro nas organizações descentralizadas. Os ativistas, ao que indicam, querem a ruptura, mas como isso poderia se dar já que os valores reacionários não são apenas uma expressão de algumas políticas tradicionais, mas também do cotidiano, da luta do cotidiano. Não é somente uma relação dialética que temos, mas também simultaneamente dialógica, ou seja, não é apenas o binômio ou/ou, mas também e/e.

A psicologia do ativista é uma psicologia radical da sua libertação, ou melhor, de sua emancipação. Muitas vezes é radical porque quer ir à raiz do problema. Devemos nos perguntar então: buscar a fundo a vivência de suas idéias é se deparar talvez, com as diferentes possibilidades de extremismos? Como manter o radicalismo sem se perder em extremismos? Sem ir para o outro lado de uma mesma incapacidade de dialogar? Será que não acha possível e não aceita a negociação de sua expressão, e da comunidade onde vive, ou em qualquer parte do mundo? Entendendo a não negociação como a mesmice (Ciampa,1988) dos discursos que acreditam que a vida é sempre igual e que não adianta lutar. Talvez possamos apontar para uma hipótese que o ativista se sinta como um agente ativo, integrado ao processo libertário e rebelde, desprovido de autoritarismo (assim parece, ou pelo menos do sentido fascista que podemos atribuir) e pronto para arcar com as

conseqüências. Quando isso não ocorre, podemos dizer que algumas vezes identificamos exatamente a manifestação de resquícios de uma educação autoritária? Isso acontece sempre desta maneira? Poderíamos dizer que é uma resistência em mudar a si mesmo? A discussão sobre gênero por exemplo, ocupa que lugar nestas relações? Teria ela um papel mais esclarecedor nas relações? As mulheres ocupam que lugar nesta luta? Esta última indagação se refere ao fato da presença maciça das mulheres e das posturas adotadas no campo das idéias. Por estarem em uma sociedade altamente sexista, elas supostamente realizam trabalho duplo no processo de emancipação. Devem atuar como ativistas e como mulheres. Por está lógica podemos nos perguntar, por exemplo, como se relacionam com os diferentes grupos e também com as questões étnicas e GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Trangêneros).

Entendendo a autonomia: movimento de resistência global, antipoder e pós-convencional.

O que nos interessa muito neste momento é o processo, buscando entender as formas de discutir a realização de um projeto comum, mesmo tendo muitas diferenças que compuseram suas formações políticas. É muito comum que estes ativistas não tenham resoluções definidas para todas as estratégias, dizem que estão descobrindo *caminhos caminhando*. Isto pode ser compreendido como um fato positivo, uma vez que, assim, não reproduzem discursos e práticas que poderiam estar repletas de dogmas.

O que se vê nos últimos anos é que um contra-poder anticapitalista se instalou. Observar a maneira que se executam as coisas e vivenciar o sentido que isso tem, é aqui, muito mais importante que os objetivos traçados na expectativa de transformação, seja social, econômica ou política. Como disseram os Zapatistas em diferentes manifestos, em relação às suas ações, “caminharemos perguntando”. A organização em redes de apoio mútuo, a busca pelo consenso, a valorização da diversidade, a informação livre, a sustentabilidade, assim como uma economia alternativa, visa uma transformação cujo fim não se conhece, sendo os próprios meios mutáveis. Temos um problema significativo no que se refere às formas de entender estes elementos. Historicamente tivemos muitos exemplos de organizações que buscaram e acreditaram em princípios semelhantes, da Guerra Civil espanhola em 1936 a povos originários de diferentes partes do mundo, mas agora não se busca uma repetição destas aplicações, ou mesmo uma simples releitura, eles querem algo novo, mais inusitado. Podem aprender e ter inspiração com alguns desses movimentos, mas não estão interessados na sua cópia. Isso tudo sem afirmar que se encontrou a fórmula mágica da revolução.

Deparamo-nos muitas vezes com um humilde “não sei”. Isso pode causar verdadeira repulsa em muitos dos porta-vozes revolucionários. Como alguém que busca alguma credibilidade pode dizer “não sei”? Será um idiota ou mesmo um contra-revolucionário?

O argentino Francisco Ferrara pode colaborar com esse questionamento porque,

“sin embargo, ese “no sé” expresa mucho más que ignorancia a la hora de abrir el pensamiento en direcciones no preestablecidas. Ese “no sé” significa “no es posible saber de antemano” se desemos interpretar hondamente los procesos y operaciones eficaces, si buscamos un cambio profundo, si aceptamos que todo cambio implica en el sujeto, una nueva subjetividad resultante de la operación situacional. Si “sabemos de antemano” no habrá más que una búsqueda de adecuación de la realidad a ese “saber”. Si no sabemos, talvez sea posible producir pensamiento en la situación. Pero, como es infrecuente que alguien admita que no sabe, esto puede explicar, entonces, la pobreza de pensamiento en la mayoría de los sectores que declaran su intención revolucionaria. Docenas de documentos, informes, declaraciones, guiones se escriben constantemente para constatar que la realidad “confirma,

una vez más” la justeza de la línea del partido, del movimiento, del grupo, del intelectual revolucionario; muy pocos, en cambio, para reconocer que no se sabe, que se está buscando, que no se quiere engañar a nadie proclamando un saber enlatado”. (Ferrara, 2003:72)

A criação de uma nova subjetividade que reconheça estes aspectos torna possível uma outra dinâmica de relações, uma nova política que valoriza a incerteza, a imprevisibilidade e em grandes proporções, a criatividade. Isso parece assustar muitos teóricos mais tradicionais, afinal como lidar com o fato de não se saber (no sentido de não se ter uma doutrina) e de não se ter um lugar para chegar (teoricamente), como por exemplo, a tomada de poder governamental. Exatamente neste momento temos, a meu ver, algo muito significativo dos movimentos sociais: lutar pelo fim da estrutura capitalista através da tomada de poder estatal não lhes serve, independente da região onde se vive. A necessidade de experimentar e inventar é o cerne da questão. A utopia é o agora, é a capacidade de mover-se para outro lugar, mesmo que não esteja definido que lugar é este. A autonomia que se busca é desafiadora e complexa, e alguns elementos deste fenômeno podem ser vistos, por exemplo, nas fábricas ocupadas em Buenos Aires, o corte de ruas na Bolívia, a ocupação pela reforma agrária e os prédios ocupados pelos sem-tetos da América Latina, os municípios autônomos dos zapatistas (Caracoles), a rede No Border da Europa pela livre circulação de pessoas, as mobilizações propostas pela Ação Global do Povos (AGP) e sua estrutura descentralizada e anti-hierárquica, o Centro de Mídia Independente (CMI) com a livre participação na criação e divulgação de notícias, e muitos outros exemplos.

Isso não é simples. Pede elaboração e disposição para lidar com o conflito porque precisa de significação para o mundo e para intervenções nele. No capitalismo o modelo binário de identidade força uma condução dessa definição que para dizer o que *é*, deve-se definir o que *não é*. Na realidade, isso acontece de uma maneira geral nos estudos das ciências sociais, que precisam trabalhar com o conceito de algo que *é*, e assim ficam

especulando a pergunta pelo que *deveria ser*. No caso do capitalismo desde que as coisas fiquem separadas não há problema. O que estamos vendo acontecer com muitos ativistas não é a separação e o distanciamento de significado para seus atos, mas exatamente o contato com elementos nada desejáveis em sua consciência, e isso eles não podem ignorar. Estamos diante de uma construção de sentidos e não de sua ausência. O ativismo autonomista não quer mais o “técnico” da revolução, aquele que divulga a cartilha do revolucionário que quando aplicada corretamente encontra a solução exata de seus problemas.

Acontece que a revolução aparece em um novo cenário dado por perguntas (Negri, 2002) muito mais que por respostas. A vontade que impulsiona a ação não é dada pela resposta na revolução, mas sim pela maneira de entender essa revolução como um questionamento. Estamos diante do processo para realizar mudanças no cotidiano, não apenas para dizer aonde chegar com o mundo. O interesse é pelo *como* e não mais tanto pelo *o que*. Idéias boas, planejamentos de ação social, estratégias revolucionárias, teorias diversas existem para dizer o que devemos ter e fazer, mesmo com a melhor das intenções. O problema na maior parte das vezes é que são incapazes de lidar com a eficácia processual. Perdem-se quando precisam lidar com a incerteza dos fatos futuros, a imprevisibilidade da vida e o respeito legítimo à diversidade. Um exemplo disso é que conversando com alguns ativistas disseram-me que depois de falarem um pouco sobre seus princípios sempre precisam lidar com a questão: “mas qual é sua proposta?”.

Posicionamentos da esquerda política mais tradicional acreditam que as mudanças precisam vir pela tomada de poder, seja pela via revolucionária ou reformista. A prática autonomista aqui discutida, inspirada principalmente pelos zapatistas e pela Ação Global dos Povos (vide anexo I), parece questionar esse lugar como via de regra para as transformações, sejam elas sociais, políticas ou interpessoais. Corroboram a idéia de que

não se pode constituir uma sociedade de relações de não-poder por meio da conquista do poder. Tratemos de pensar antes da confusão presente no antagonismo do poder, que é um lugar dado e visto pela potência, pelo agir consciente, pela autonomia de decidir e realizar. O outro lugar é dado pela pressa, pela negligência, pela irresponsabilidade, pelo não comprometimento e as vezes força. Tomemos então algumas argumentações de Holloway (2002) sobre o poder e sua natureza do poder-fazer e poder-sobre.

“...O poder-fazer existe como um poder-sobre, mas o poder-sobre esta sujeito a uma revolta contra o poder-sobre, e o poder-sobre não é nada mais que a metamorfose do poder-fazer e, portanto, absolutamente dependente dele.” (p.60)

O que se pretende é poder realizar o poder-fazer nas relações sociais, dando para a democracia um aspecto direto, sem intermediários. Poder-fazer é poder ser e acontecer como agente de transformação, priorizando qualquer encontro que venha a existir antes do poder-sobre. Não é uma luta entre iguais porque não é afirmar um para negar o outro, até por que seria simples preferência proceder por essa lógica. Assim,

“A luta para libertar o poder-fazer não é a luta para construir um contra-poder, mas na realidade um antipoder, algo completamente diferente do poder-sobre. Os conceitos de revolução que se concentram em tomar o poder habitualmente se centram na noção de contra-poder. A estratégia consiste em construir um contra-poder, um poder que possa se opor ao poder dominante. Muitas vezes o movimento revolucionário foi construído com uma imagem especular de poder, exército contra exército, partido contra partido, com o resultado que o poder se reproduz dentro da própria revolução. O antipoder, então, não é um contra-poder, mas algo muito mais radical: é a dissolução do poder-sobre, a emancipação do poder-fazer”. (Holloway, 2002,61)

Temos então um radicalismo que não permite imparcialidades. Não é permitido o poder-sobre conviver tranquilamente com o poder-fazer, eles são projetos incompatíveis. A tensão existente aqui nos obriga a pensar se o cotidiano do ativismo autonomista não é também uma tensão psicológica. O poder-fazer e o poder-sobre não são elementos externos a nossa existência, acontecem no cotidiano de nossas relações. Quem envolvido em

movimentos sociais não tem que lidar com a pergunta se “as coisas são assim mesmo e não há motivos para mudar”? Experimentam uma dimensão psicológica pela ruptura por que o poder-fazer e o poder-sobre não contêm simetria.

“O poder-sobre é a ruptura e a negação do fazer. É a negação ativa e repetida do fluxo social do fazer, de nós mesmos que nos constituímos através do fazer social. Pensar que a conquista do poder-sobre pode levar a emancipação do que nega é absurdo. O poder-fazer é social. É a constituição de nós mesmos, a prática do reconhecimento mútuo e da dignidade”. (Holloway, 2001,77)

Hoje esse poder-sobre é tão presente e profundo que faz com que pareça calar as poucas vozes que se atrevem a contestá-lo e assim tenta transformar a rebeldia, a provocação e a resistência em uma simples convivência com aquilo que nos incomoda. Outra vez experimentando essa natureza de opressão diferenciada e silenciosa, o ativista clama por uma psicologia da transformação. Como descrito anteriormente, a luta por emancipação acontece também nas relações interpessoais, dentro da família, no trabalho, com um posicionamento flexível exigido pela vida que contêm tantas nuances. O ativista não é apenas um ativista na reunião de seu coletivo ou movimento, mas também o é em outros espaços que não necessariamente tenham discursos políticos explícitos. Esse me parece ser um ponto importante para entender porque a identidade ativista não esta buscando uma definição final, mas prossegue se fazendo. Todos esses elementos estão dados no processo de construção de seus laços afetivos. É querer um projeto que não busque tomar o poder da burocracia, mas que tenha outra resolução para os descompassos das emoções humanas.

Poder-fazer outra política, outra organização, outra cidade, outra comunidade, poder-fazer outra aproximação, outra relação, mesmo (porque não?) outro amor. Uma vez mais é o processo que sobressai e,

“Se, ao contrário, vemos a separação do fazer e feito não como algo terminado se não como um processo, o mundo começa a se abrir. O feito mesmo de que falamos

da alienação significa que a alienação não pode ser total. Se a separação, a alienação, etc, se entende como processo, isto implica que seu curso não está predeterminado, que a transformação do poder-fazer em poder-sobre sempre está aberta, sempre está em questão. Um processo implica em um movimento de transformação, que o que está em processo (a alienação) é e não é. A alienação então, é um movimento contra sua própria negação, contra a anti-alienação. A existência da alienação implica a existência da anti-alienação. A existência do poder-sobre implica a existência do anti-poder-sobre ou, em outras palavras, o movimento de emancipação do poder-fazer.” (Holloway, 2001, 78)

Nesse ponto a emancipação do poder-fazer proposto por Holloway converge para possibilidade de “luta” apresentada por Habermas. Para este, *lutar por* é sinônimo de emancipação. A colonização do mundo da vida pela ordem sistêmica faz com que a emancipação dos sujeitos fique distante da sua legitimação. A utopia possível do agir comunicativo é dada no aqui/agora, exatamente como no poder-fazer. Ambas possuem força na solidariedade, distinguindo-se da finalidade do capital e da burocracia. São as relações no cotidiano buscando expressão sem serem dominadas pelo emaranhado do Capital e do Estado. A solidariedade presente em Habermas é percebida na força para as transformações que estão no cotidiano e isso não quer dizer que todo cotidiano está cheio de boa vontade. Acontece que é no cotidiano que está a possibilidade da racionalidade instrumental das relações se organizarem para lutar contra a colonização do mundo da vida pela ordem sistêmica. Nesse sentido, Holloway acredita que a revolução não irá acontecer “um dia” por que ela já está acontecendo hoje. A rebeldia deve ser descoberta e vivida nas ações do cotidiano. Trata-se de ter ou não ousadia para seguir adiante.

Antes de prosseguir gostaria apenas de fazer um indicativo conceitual desses dois teóricos. Holloway e Habermas possuem obras que me parecem convergir apenas nesse ponto do poder-fazer e da luta. Apesar de Habermas deixar bem clara sua posição com relação à força da solidariedade e seu apoio as lutas políticas e sociais emancipatórias, ele não é um autonomista, pois acredita na possibilidade de um Estado democrático de direito. A ação direta para ele torna-se uma exceção. Já para Holloway, apesar de não se definir um

autonomista, sua posição é em defesa da legitimidade da democracia direta, ou seja, não representativa, não estatal. Aparentemente é uma daquelas situações em que as atuações práticas permeiam os pensamentos de quem os elabora. Enquanto Holloway conheceu e viveu entre os zapatistas, Habermas presenciou o chamado Estado de Bem-estar social de alguns países europeus na década de 70, parte da de 80 e viveu o horror do nazismo alemão.

Deparamo-nos então, outra vez com uma psicologia radical. O ativista não quer apenas negar a negociação com o mundo capitalista ou outro que aconteça pela tomada do poder, ele na verdade não pode fazê-lo porque seria como perder a si mesmo. É radical no sentido da profundidade de seus posicionamentos. Radical enquanto raiz, na qualidade do essencial, não do extremo, do intolerante. Psicologia radical ativista porque se afirma na subjetividade e em outros elementos de natureza psicossocial como na mudança de paradigma das relações enquanto luta do cotidiano. Seu ativismo transcende a reivindicação presente no protesto, que é um elemento importante e substancial, mas vai querendo possivelmente um lugar diferente daquele ocupado pelo revolucionário convencional.

O ativista G. diz que sempre é “acusado” de não fazer política ou mesmo de não ser revolucionário.

“é incrível como muitas pessoas estão sempre me falando que não sou suficientemente revolucionário por não me dizer trotskista, comunista, anarquista ou sei lá mais o que. Não, não sou nada disso! Mas sei o que eu quero, e não ser mais um “ista” nas fileiras dessa revolução que nem sei qual é, com certeza me ajuda a trabalhar para mudar o (mundo) que eu não quero”.

A noção de identidade pós-convencional nos ajuda a entender esse lugar possível. Um problema político emerge na medida em que vamos vendo alguns movimentos sociais mudando o foco de sua atuação, não tendo mais como necessidade primeira e única uma reivindicação específica, mas uma luta que vai se delineando por definições, como no caso do movimento gay. A política de identidade deve reconhecer a autonomia do indivíduo. A

socialização vai determinando as políticas de identidade enquanto que é a individuação que apresenta a constituição da identidade política. Mais que retórica,

“política de identidade e identidade política referem-se a questões de heteronomia e de autonomia.” (Ciampa, 2002)

O que nos cabe então é buscar entender uma suposta intencionalidade do movimento social e de seu protagonista tentando perceber o que é convencional e o que é pós-convencional.

Acredito ser possível pensar a identidade pós-convencional do ativista autonomista por conta de seu questionamento inicial a respeito da convenção da revolução. Pensar em *quem sou eu e quem eu gostaria de ser* é dar-se conta da intencionalidade no projeto de vida do indivíduo. Como foi dito anteriormente, a revolução aparece na vida do ativista não mais como uma resposta para as dificuldades do mundo da vida ou da ordem sistêmica, mas como uma pergunta para impulsionar a utopia do momento presente. Não é buscar por uma inversão ideológica, mas inventar no dia a dia um espaço onde o indivíduo exista de forma autônoma e daí desenvolver uma identidade pós-convencional.

Problematizar o pós-convencional na ação política autonomista é levar em consideração o discurso do ativista que passa pelo que ele é. Além de uma definição do que seja o ativista autonomista, é considerar um processo de construção da identidade política que nem sempre foi o que se é. Há uma gama enorme de singularidades que reivindicam formas autonomistas, buscando exatamente a heterogeneidade desse movimento e sua pluralidade de ações. Precisamos levar em consideração as diferentes histórias de vida e assim dar o passo importante para a legitimação das diferenças, que podem levar a superação do convencional até o pós-convencional. O pós-convencional não se define pelo conteúdo, mas pelo processo emancipatório (Ciampa, 2005).

Como logo mais iremos descrever na parte destinada as ações do Movimento, os laços existentes na comunidade; os grupos de afinidade são cruciais para melhor percebermos a identidade dessa psicologia ativista presente.

PARTE II
APROFUNDANDO ATUAÇÕES

PARTE II - Aprofundando atuações

Depois de pensarmos sobre a identidade e a autonomia podemos estreitar mais algumas questões sobre o ativismo autonomista. Pensar suas ações, entender o contexto em que se encontra o grupo escolhido, preparando terreno para a história de vida que iremos apresentar. Apontar para uma análise mais criteriosa a respeito de suas atuações irão não apenas delimitar o assunto, mas fazer com que tenhamos corroborado ou não algumas das hipóteses sobre a identidade ativista.

As ações

Agir com a consciência da necessidade de transformação. Tomar em suas próprias mãos o destino de suas vidas. Não esperar passivamente pela oportunidade de mudanças, mas criá-las. Essas foram algumas das afirmações que pude escutar enquanto buscava material para este trabalho. Uma forte convicção de que precisavam realizar a mudança que desejavam pelas suas próprias ações, sem esperar nada de instâncias burocráticas e institucionais. Algum tipo de vontade individual aliada a mobilizações coletivas.

Foi possível perceber nesse momento uma coesão grande dos ativistas nas diferentes maneiras de falar quanto aos motivos de buscar na autonomia uma forma de fazer política e de transformação social. Era como se quisessem expressar mais que revolta, tendo um apontamento para uma realização cheia de desobediência. Interroguei alguns ativistas quanto a esse sentimento de desobediência e pude encontrar quase que de maneira unânime, vozes que clamavam pela ruptura de valores ou por uma transformação dos símbolos da revolução. Algo novo tenta despontar, juntamente com uma reapropriação de certa tradição

vista em alguns movimentos sociais. De novo talvez possa perceber o lugar da revolução e, por parte da tradição em alguns movimentos, a presença da desobediência civil.

O princípio de não-cooperação com aquilo que se entende como errado ou injusto e a intervenção direta nesses erros e nessa injustiça é o que percebemos como elemento constituinte de grande parte do Movimento de Resistência Global. Mesmo que nem todos ativistas tenham consciência disso, podemos encontrar as idéias de Henry D. Thoreau nas práticas autonomistas. Sua desobediência civil, que proclama a discordância e a ação contra aquilo que pode ser tirânico e autoritário, é por assim dizer, elemento substancial para a manutenção das lutas contra o capitalismo e a confrontação das contradições no cotidiano.

O manifesto da Ação Global dos Povos (vide anexo) é uma declaração explícita a favor da desobediência, e sendo essa convergência o principal lugar para se perceber o ativismo autonomista, passamos a compreender melhor sua influência nas práticas locais da luta anticapitalista. A democracia direta, a criatividade e a horizontalidade, por exemplo, só são possíveis quando se iniciam a ruptura com a delegação de decisão, a mesmice e a hierarquia. E é por essa ruptura que a desobediência se faz notar melhor, norteando muitas das ações autonomistas.

As ações podem ser diretas ou indiretas. As ações indiretas podem tomar medidas mais convencionais para mudar alguma situação, como enviar cartas, eleger representantes com mandatos fixos, com hierarquia, dentro do Estado (no parlamento por ex.), denúncias públicas apenas, etc.(Correa, 2002) Já a ação direta implica em tomar nas próprias mãos a mudança que se deseja. A pessoa ou o grupo escolhe uma estratégia que seja objetiva e que legitime sua prática de pressão. Não se espera nada de terceiros para levar adiante o resultado desta ação. No caso das ocupações de espaços públicos a prática de ação direta tem sido mais comum. Por exemplo, marchas com bandeiras e faixas, ocupar uma embaixada de um determinado país, realizar um encontro considerado ilegal, impedir um

caminhão de circular com madeira contrabandeada, bloquear uma reunião de alguma instituição financeira internacional, etc. Importante apontar desde agora que este princípio de ação direta tem-se mostrado um verdadeiro impasse nas discussões e organização de mobilizações.

A ação direta pode tomar duas formas: violenta e não-violenta. Desde as ocupações urbanas e campesinas o debate sobre o que é ação direta violenta e não-violenta não chegou a conclusões muito claras (Corrêa, 2002). Ocupar terras para pressionar governos pela reforma agrária seria uma ação direta violenta ou não? E resistir à repressão policial seria autodefesa ou apenas alimentar o ciclo de violência? Nos partidários da não-violência encontramos com grande frequência a inspiração de Gandhi e os movimentos de direitos civis dos Estados Unidos, ficando clara a resposta para essa forma de questionamento.

Voltemos a olhar para a estrutura das relações nas tomadas de decisões, sejam violentas ou não, o lugar do consenso. Não é uma unanimidade que todos os grupos que supostamente fazem parte deste momento histórico adotam esta postura. Para o projeto, este aspecto de decisões por consenso toma dimensões relevantes para o estudo da psicologia social porque leva em consideração o impacto na vida diária destes ativistas, o que é entendido como uma ideologia social ou um estilo de vida. O norte americano Murray Bookchin (1995) vai descrever esta condição, dizendo que não basta o discurso dissociado da prática, que não são possíveis mudanças nas organizações sociais sem considerar a vida cotidiana dos agentes que clamam por essas mudanças.

Para facilitar parte desse envolvimento cotidiano os autonomistas vem se valendo de uma prática que desde a guerra civil espanhola se conhecia como grupos de afinidade. Não é minha intenção discutir as relações nos grupos de afinidades, ou mesmo analisar sua estrutura, mas devemos destacar sua existência. O que principalmente nos interessa saber é que grupos de afinidade tomam decisões por consenso.

Segundo Bookchin (1977) o termo "grupo de afinidade" é a tradução do espanhol "grupo de afinidad", nome de um tipo de organização criada na época anterior a Franco e que serviu de base à temível F.A.I. (que congregava os militantes mais idealistas da C.N.T., a imensa organização anarcosindicalista).

"Os grupos de afinidade poderiam ser facilmente considerados como um novo tipo de prolongamento da família, em que os laços de parentesco foram substituídos por um relacionamento humano extremamente intenso, relacionamento que é alimentado por idéias e práticas revolucionárias comuns. Muito antes que a palavra "tribo" ganhasse popularidade no movimento da contracultura americana, os espanhóis anarquistas já chamavam suas reuniões de "asambleas de las tribus" – assembleias das tribos. Cada grupo de afinidade tem um número limitado de participantes para garantir o maior grau de intimidade possível entre seus membros. Autônomos, comunitários e francamente democráticos, os grupos combinam as teorias revolucionárias a um estilo de vida e um comportamento igualmente revolucionários, criando um espaço livre onde os seus integrantes podem reestruturar-se, tanto individual quanto socialmente, como seres humanos. " (Bookchin, 1977:160)

Essa estrutura é privilegiada principalmente quando se busca organizar alguma mobilização ou estratégia de luta direta. Ela possui toda autonomia de se dissolver ou transformar meios e fins sem nenhuma intervenção de algum tipo de diretoria ou ordem superior ou de comando. E

"...durante períodos de atividade mais intensa, por outro lado, nada impede que os grupos trabalhem juntos em qualquer nível que se fizer necessário. Eles podem unir-se através de grupos locais, regionais ou nacionais para formular planos de ação comum; podem criar comitês temporários (como os que congregavam estudantes e operários franceses em 1968) para coordenar determinadas tarefas." (Ibid.)

Daí já podemos notar como às vezes é difícil encontrar e mapear os grupos que fazem parte desse movimento. Não apenas isso, mas como estão em constante movimentação.

Podemos ver como os grupos de afinidade possuem uma estrutura autônoma e que há uma certa intencionalidade de criar espaços igualmente autônomos. A criatividade que se desdobra está repleta de espontaneidade, e isso é fundamental para termos uma região

autônoma, ou como chamou Hakim Bey (2001), zona autônoma temporária, a TAZ. Essa Taz ocorre a partir dos grupos de afinidade, seguida de certa festividade e da descentralização das decisões. São pessoas face-a-face ativas quanto à maneira de experimentar a vida. Outra vez a ruptura para tornar possível o que é incerto.

Vejamos agora um pouco mais de perto essa experiência.

Centro de Mídia Independente

Tomemos como grupo para investigar a participação individual o Centro de Mídia Independente (CMI) da cidade de São Paulo. A entrevista realizada para análise que foi escolhida pertence a um ativista ligado ao CMI. Preferiu-se a ordem de primeiro apresentar o contexto coletivo de sua atuação, para depois estreitar a discussão pela história de vida. Nosso interesse é na identidade individual que nesse caso precisa ser pensada também com seus elementos coletivos. Quando realizarmos a entrevista, muitos dos pontos levantados aqui serão contemplados quanto sua individualidade.

O principal critério para a escolha deste grupo é o fato dele não possuir uma representação fixa, um estatuto ou documento que legitime qualquer tipo de hierarquia ou comando dentro de seu grupo como consta em alguns de seus manifestos já coletados, em seu editorial ou em conversas para contato deste projeto. Entender o CMI e parte de suas ações é complementar a compreensão da individualidade ativista. As decisões e as resoluções são buscadas pelo consenso, segundo ativistas do coletivo também ligado à rede AGP (Ação Global dos Povos). A AGP é uma convergência de grupos e indivíduos autonomistas que influenciou diretamente a criação do CMI e de muitos outros coletivos pelo mundo. Por que então falar do CMI e não da AGP? Acontece que para esse trabalho as

observações de um grupo que ainda é atuante, mas que vem desses anos passados, pode colaborar de maneira mais incisiva para a observação participante. A AGP apesar de ainda existir, não tem mais promovido encontros e suas ações estão diluídas em outros espaços, como por exemplo, no CMI Assim, utilizar apenas o manifesto da AGP como anexo para poder localizar parte das origens dos princípios que influenciaram o CMI, sem necessariamente ter que discutir toda a história da AGP, colabora sem comprometer o momento presente das políticas de identidade fomentadas pelo CMI.. Mas quem são os participantes de grupo e o que é o Centro de Mídia Independente?

CMI

Com uma iniciativa simples e uma provocação da palavra, um pequeno grupo organizado iniciou uma rede democrática de informação que hoje está em mais de 50 países e conta com milhares de voluntários.

O argumento inicial foi: “Não gosta da mídia? Seja a mídia!” Dizem que se sabemos que os meios de comunicação manipulam as notícias, deixam claro seu posicionamento ideológico de favorecimento a uma minoria, buscando controlar e difamar qualquer mobilização social, popular, cultural que queira alguma transformação social, porque então continuar somente a dizer-lhes que isso não está correto? Faremos nós, ou seja, toda pessoa que tenha algo a dizer, que queira e possa participar de uma rede descentralizada de informações, os nossos jornais, a TV, o rádio, as revistas... Com este direcionamento e com as máximas “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça” e “minha arma é minha inteligência” o Centro de Mídia Independente ocupa todo espaço público possível e imaginável para abrir espaços de discussão e relatar acontecimentos. As rádios

livres caminham em direção parecida e a concepção de TV Comunitária já gera material reconhecido internacionalmente.

Tudo começou antes dos preparativos das manifestações em Seattle nos EUA contra a reunião do FMI (Fundo Monetário Internacional) e OMC (Organização Mundial de Comercio) no ano de 1999. Pode-se dizer que o CMI tem sua história mesclada com o surgimento do movimento antiglobalização da segunda metade da década de 90 e como foi dito pelas vozes anônimas depois dos protestos nos EUA e referindo-se à próxima reunião no Canadá: “Não começou em Seattle e não vai terminar em Québec!”. O fato é que Seattle foi o marco de visibilidade, o grito que ecoava para um novo fenômeno, alertando para uma nova maneira de ação coletiva anticapitalista. Então, os envolvidos neste protesto pensaram que não poderiam ficar parados vendo a imprensa corporativa relatar e informar o que estava acontecendo na cidade nos dias que se seguiram. Com a intenção de praticar o “faça-você-mesmo”, relataram em tempo real o que aconteceria.

Curioso se dar conta, que apesar dessa vontade, essa intencionalidade não foi deliberada. Não podemos dizer com exatidão que um grupo de pessoas sabiam exatamente o que estava acontecendo e que isso conduziria para a criação do CMI e para a organização como o conhecemos hoje. Todos os grupos e indivíduos, através de listas de discussões pela internet, articularam e trocaram artigos, vídeos e depoimentos de tudo que ocorria antes, durante e depois das manifestações. Ao mesmo tempo, outros grupos e indivíduos traduziam este material para diferentes idiomas e disponibilizavam para todo e qualquer interessado. Sem intermediários, sem controle ou seleção de qualquer grupo “majoritário”. Esta forma de se organizar se espalhou rapidamente e muitos movimentos e grupos durante outros eventos e ações adotaram a mesma prática. Um espaço onde qualquer um poderia divulgar suas impressões sobre um determinado acontecimento político e de natureza anticapitalista.

No Brasil em especial, a criação do Centro de Mídia Independente veio acompanhada da forte pressão da campanha contra a ALCA (Área de Livre Comercio das Américas) nos anos de 1999 e 2000. Alguns indivíduos compartilhando da idéia de uma mídia independente criaram um site que procurava acompanhar de perto o que acontecia na sociedade brasileira e todas as reivindicações feitas por movimentos sociais e grupos de diferentes tendências. Oportuno dizer que, segundo eles,

“O **CMI Brasil** é uma rede de produtores independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente.

O **CMI Brasil** quer dar voz aos que não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses dos ricos e dos poderosos.

A ênfase da cobertura é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os "novos movimentos") e sobre as políticas às quais se opõem”. (do editorial).

A estrutura do site na internet permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações. Acompanha esta maneira de organização descentralizada, muitas vezes mal compreendida, em meu entender, um outro importante ponto da política editorial adotada para a publicação de notícias:

“Serão imediatamente retiradas da coluna da direita (ícones localizados no site) as publicações que:

- sejam de cunho racista, sexista ou em qualquer sentido discriminatórias;
- contenham ofensas pessoais;
- façam qualquer tipo de propaganda comercial;
- visem promover algum candidato ou partido político;
- estejam em oposição aos princípios e valores do CMI Brasil.” (ibid.)

Propor uma mídia independente e descentralizada não implica em algo incoerente dos meios de comunicação. O mínimo de boa convivência, com integridade e responsabilidade se faz necessárias. Exatamente por isso o CMI adotou e publicou seus princípios editoriais. A identidade estabelecida é convidativa, o espaço é público, logo, se algo fere esta noção, não se tolera e permite que se use esta rede em evidência. O CMI atua hoje via internet, jornal impresso, rádio e TV. Nesses espaços ele é uma intervenção da política de identidade, ou a própria expressão dessa política para transformação social.

Pensar nesse contexto é fazer um tipo de preparação para erguer o pano de fundo onde a identidade individual atua. O CMI é feito por pessoas, por um grupo de indivíduos. Muitas vezes quando se fala de política institucional, as referências aos partidos e aos governos dão a impressão de que não são feitos por pessoas, mas tem vida própria e independem dos indivíduos que ali estão. De alguma maneira o CMI busca lidar com isso e a capacidade de seus membros fazerem menções a cada singularidade em particular é tentar sair da hierarquia formal onde um grupo seleto de iluminados decide e comanda a base da organização. Há contradições nesse processo, mas podemos melhorar nosso foco quando somos capazes de definir a identidade autonomista que se movimento nesse espaço que é oferecido pelo CMI. Como foi dito anteriormente, pensar no CMI não é apenas considerar o contexto em que o ativista está inserido, mas também considerar uma política de identidade que está buscando uma superação na maneira tradicional de fazer política.

O CMI possui voluntários que nos interessam por conta de seu processo na constituição de ações coletivas, na trajetória de formação política dos indivíduos e sua relação com a produção de conhecimento e transmissão de informação. Até onde há relevância na investigação para uma ação política emancipadora? Tomemos alguns casos para aprofundar esse aspecto de análise midiática e entender melhor o que fazem os ativistas nesse ponto.

O espetáculo não foi armado recentemente e isso deve estar o mais claro possível. Os meios de comunicação oficiais, a grande mídia, a imprensa corporativa que está na maior parte do tempo determinando o que e como devemos pensar, afinal não se trata mais apenas do que podem ou não saber as pessoas, mas exatamente como ver e entender as coisas, detêm um tipo particular de poder e domínio. Um dado de realidade evidencia isso: apenas 7 famílias controlam quase 90% dos meios de comunicação falado, escrito e televisionado no Brasil. Que há poder em distintas e sutis relações não podemos negar, mas

e quanto ao domínio? Este seria inevitável também? Poder sempre há, mesmo no inocente compromisso marcado entre namorados, quando um chega atrasado e outro tem que esperar para a satisfação do desejo do encontro. Agora o controle passa pelo campo da dominação e atua insistentemente nas escolhas e nos desejos com força e violência. Os meios de comunicação têm poder, mas mais ainda domínio. É o poder-sobre atuando. Privilegiam-se de sua posição e mantêm os interesses de uma minoria subjugando toda uma gigantesca população, em uma nítida e clara ação antidemocrática.

O CMI quer mudar essa realidade.

Junto a isso há um movimento crescente, mas não se sabe ainda com que intensidade, que busca debater a democratização dos meios de comunicação exatamente por não concordar com este monopólio e as conseqüências decorrentes deste controle. Como escreve José Carlos Rocha (1995),

“as várias instâncias do movimento concluem que, sem a reforma da Comunicação, não haverá as demais, a agrária, a dos serviços de saúde, educação, abastecimento, da qual depende a soberania popular”.

Democratização importante e debate essencial que vem ocorrendo não apenas no Brasil, mas em diferentes partes do mundo. Falar que todos devem ter acesso a informação livre e imparcial não basta para acreditarmos que isso ocorra ou que os meios de informação adotem uma postura ética tanto na busca como na distribuição de notícias. Às vezes, são como comunicados do porta-voz de algumas presidências em comitivas: um pode perguntar isso, outro aquilo, mas tudo escolhido de acordo com o "script", até porque quem tem permissão para estar ali também já foi “pré-determinado”. O caso na grande mídia é um pouco parecido. Mas agora a maioria da população, que não foi se quer convidada, que dirá poder perguntar. A cidadania está restrita ao dia de eleição e nada mais.

O espectador está parado, atônito, manipulado, passivo e indiferente (ou finge estar?) ao que entra em sua casa ou no trabalho, incapaz de atuar, agir, mesmo que muitas

vezes se escuta que ainda há liberdade de escolha, no caso aqui de escolher outro canal de tv, outro jornal para ler, outra estação de rádio, ou mesmo de desligar o aparelho. Sabemos, entretanto que as coisas não são tão simples assim. Sempre se estará parado passivamente, ou poderá mudar e ser um próprio agente dos meios de comunicação? Afinal, o que desejam as pessoas com os meios de comunicação? De que forma a subjetividade está presente no conteúdo de tudo que é produzido pelos meios de comunicação? A ética ocupa que lugar na lógica de mercado, quando se cria e incentiva, entre tantas coisas, o consumo do supérfluo e do prejudicial? E a ética do profissional em psicologia junto ao mercado e os meios de comunicação? Será possível uma mídia independente e democrática? Quem vende a alma para o diabo?

Aqui temos que levar em consideração um outro fato que possivelmente vai nos ajudar a entender parte da ambigüidade e da força deste movimento: trata-se da imagem. Um recurso grande de mídias e divulgação sempre foi utilizado por estes ativistas. Sua grande capacidade de produzir vídeos, fotos e manifestos é claramente notada num primeiro contato. Acontece que não sabemos exatamente como isso vem sendo utilizado para melhorar os processos de emancipação. Penso ser necessário problematizar a imagem. Elas cumprem bem o papel de denúncia e crítica, mas podem cair num espetáculo, ou mesmo num mero show como tentou mostrar a mídia convencional. A imagem é sedutora. Então, como podemos saber se as imagens são realmente capazes de transformar, ou mesmo pressionar a realidade para mudanças mais democráticas? Conhecer então aqueles que estão diante da máquina fotográfica e saber o que pensam de sua imagem pode colaborar nos trajetos da metamorfose de sua identidade, e da mesma maneira o sentido que há na ação daquele que opera a máquina, em como reflete sobre o momento que capta. Buscar a criatividade apontada para o campo da imaginação e isso, como nos fala Flusser

(1983: 17) é a capacidade de fazer e decifrar imagens, fazendo com que os protagonistas desta história estejam mais integrados ao mundo que pretendem mudar.

Este não é um trabalho sobre mídia e psicologia, então não vejo obrigatoriedade em ter que lidar com as respostas para as questões formuladas a pouco, mas merece algumas considerações já que precisamos focar a psicologia ativista. Para ajudar a começar entender alguns destes pontos, sugiro voltarmos o olhar para algumas campanhas e pontos que envolvem o Movimento de Resistência Global e o CMI, que já há algum tempo vêm trabalhando, por exemplo, com o movimento de mulheres e de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Lidar com a subjetividade e a normatividade aqui contribui para nortear ações ativistas exatamente por transcender estratégias para transformação meramente social e política, mas buscando fazer com que a sutileza das relações apareçam, assim como suas definições.

Gênero e GLBTT

Sabendo que desde o início da existência do CMI, o movimento feminista e de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros fazem parte de sua história, podemos investigar um pouco mais da pluralidade do Movimento de Resistência Global em que a imagem e a memória da luta por emancipação pode confirmar sua possibilidade de ação.

Antes mesmo e depois dos nazistas perceberem que a indústria cinematográfica poderia estar a seu favor, com suas mensagens subliminares e a intenção clara de incitar a população ao anti-semitismo, tendo aliás, um grande sucesso nessa tarefa, muitos se questionaram a respeito da influência midiática (apesar deles não usarem este termo) na vida das pessoas. Já se via há muito tempo como trabalhar uma determinada identidade cultural a favor de ou contra quem quer que seja, de acordo com os interesses de quem

controla os meios de comunicação. Até aqui não há nenhuma novidade nisso. O que há, são as variações e o foco de quem detém o domínio e como o usa em seu tempo.

Outro exemplo bem remoto foi o dos produtores de filmes norte-americanos que também já sabiam, desde o cinema mudo, em como manter a população branca assustada em relação à comunidade negra. Os papéis dos negros sempre foram de total submissão e terror, vistos estereotipadamente apenas como empregados desqualificados ou terríveis assassinos. Vide tática essa também muito utilizada por produtores brasileiros. Um fato, no mínimo curioso, porque o Brasil é reconhecido mundialmente exatamente por sua diversidade étnica. Mas será que os meios de comunicação reconhecem esta diversidade?

Da mesma maneira o lugar da mulher nos meios de comunicação. Esteve em circulação no início do ano de 2003 uma propaganda da cerveja Kaiser (não é exclusividade dela) o slogan “Mulher e cerveja, especialidade da casa”, que encontrou uma forte resistência de grupos de mulheres organizados por uma razão evidente. No começo do ano passado, o Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) entrou, juntamente com várias outras entidades feministas, com uma ação pública contra a corporação pelos danos causados às mulheres com a vinculação de propaganda discriminatória. Pouco mais de um ano depois, o resultado da mobilização é positivo. Por isso, muito ainda tem que ser feito, pois a mídia insiste em seu discurso sexista, preconceituoso e discriminatório, dificultando uma verdadeira mídia multiétnica, igualitária e coerente sobre o debate nas questões de gênero.

Basta sairmos nas ruas e vermos os *outdoors* e pensar em como as coisas estão. Em sua grande maioria continuam estampados os jovens brancos, com cabelos lisos e claros, magros e com uma postura que demonstra serem bem sucedidos profissionalmente. Na mesma linha segue-se uma interminável apresentação de mulheres, novamente em sua quase totalidade brancas, magras e ricas, como modelo ideal para se apresentar uma

determinada marca, ou para ser a mocinha do filme, a apresentadora de TV, a animadora de auditório, a dançarina do grupo do momento, etc... Movimentos como a Marcha Mundial de Mulheres não querem mais isso. Esforçam-se para serem donas de seus corpos e lutam contra a mercantilização de sua imagem. Discutir democratização da mídia significa necessariamente analisar e rever os papéis que ocupam todos os membros da sociedade, em particular os negros e as mulheres por sua participação fundamental na formação da identidade cultural brasileira.

Intencionalmente há uma insistência em se manter este padrão e esta imagem discriminatória, por isso devem-se saber quais pessoas e grupos controlam novamente o domínio, os meios de comunicação, quem ocupa a presidência de companhias, os diretores, analistas, produtores dos meios de mídia, teóricos da comunicação e também que tipos de reflexão podem ter, etc. Por exemplo, é muito comum apresentadores de programas de auditórios alegarem que não estimulam nenhum tipo de violência e desinformação, dizendo que apenas mostram o que as pessoas querem ver, que apenas reproduzem o desejo do público. Ora, levar-se por este raciocínio é o mesmo que aceitar a impunidade para os torturadores nas ditaduras, que geraram tanto sofrimento e dor, e que alegam não terem tido escolha, afinal era seu trabalho, estavam de um dos lados e que tudo bem, é assim mesmo que o mundo funciona. Falta-lhes ética então? Os antigos afirmavam que a Ética, cujo modo era virtude e cujo fim era a felicidade, realizava-se pelo comportamento entendido como a ação harmoniosa entre o meio daquele que faz a ação e dos fins buscados por ele.

Os meios de comunicação são formadores de opinião e não são apenas agentes capazes de propor e fazer política. Como estão submetidos às influências de fatores semelhantes enquanto membros desta cultura, conseqüentemente também devem ser cobrados por suas decisões e por aquilo que apresentam. Cobrados em seu comportamento e na ética que os conduz, principalmente nas referidas questões étnicas e de gênero.

O que se vê acontecendo, antes de qualquer coisa, é uma tentativa de dar nome aos bois. Exatamente como vem fazendo o Movimento dos Sem Terra (MST) em relação à revista *Veja*, que está em campanha pela criminalização deste e de outros movimentos sociais. Vale salientar que o Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC), e outras entidades da sociedade civil vêm apoiando esta luta com significativa importância. Basta ver outro exemplo também, o movimento GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Transgênero) e toda sua luta legal e direta para se fazer respeitar como seres humanos dotados de direitos e deveres. Tanto o movimento de mulheres, como o GLBTT não permitem mais serem tratados como subcategorias, minorias indefesas, fracas e dignas de uma piedade medíocre.

Como estão mobilizados, vemos uma simples propaganda de cerveja que apresenta mulheres como uma coisa desprovida de sentido e vontade, declaradamente sexista, pode fazer as ações de uma companhia despencarem na bolsa de valores. O que se busca não é apenas mais um lugar, como se argumentava em tempos passados, mas sim aceitação do lugar real em que sempre foram agentes. Por conta do próprio amadurecimento, a identidade destes grupos não está descaracterizada, mas ao contrário, em constante transformação, possuidores de uma força criativa e contestatória.

Estes grupos, os de mulheres e GLBTT tem adquirido um papel decisivo para se entender as necessidades de mudança nos meios de comunicação. Mais ainda, em formular estratégias para se conseguir estas mudanças. O movimento de democratização dos meios de comunicação não deve então pensar que esta democratização proposta seja um fim em si mesmo, mas que também possui elementos amplos e se estende por toda uma rede que leva à própria formação cultural do povo brasileiro e mesmo da humanidade.

Então a propaganda

A canadense Naomi Klein (2000) que discute exatamente o poder da propaganda na vida das pessoas em diferentes partes do mundo, diz que a partir dos anos 80 fica clara a visão das empresas, de uma maneira geral desenvolvida por teóricos da administração, em que não basta apenas produzir bens de consumo, mas também marcas e necessidades. Junto a isso, as grandes marcas tradicionais que acreditavam ainda no indiscutível conceito de que o necessário era a produção de produtos, descobre que também tinham máquinas demais, empregados demais, enfim coisas demais, encontram um novo tipo de desenvolvimento. Empresas como a Microsoft, Nike, Tommy Hilfiger,

“produziam principalmente não coisas, mas imagens de suas coisas. Seu verdadeiro trabalho não estava na fabricação, mas no marketing”. (Klein, 2000: 28)

As campanhas de marketing existem desde o séc. XIX, mas tinham uma dimensão bem diferente da maneira que as compreendemos hoje. Antigamente a publicidade tinha o objetivo de informar sobre a novidade e depois convencer que aquilo seria melhor para a vida das pessoas, por exemplo, carros ao contrário de bondes. Hoje o produto não quer ser apenas a novidade, mas quer que esteja implícita e subjugada a idéia de que é algo imprescindível, até vital para a humanidade. Não quer mais informar, mas convencer diretamente e dobrar brutalmente a subjetividade e a identidade de que a felicidade está no consumo.

Klein informa que em 1979 os gastos com publicidade nos Estados Unidos estavam em torno de 50 bilhões de dólares. Em 1998 ultrapassavam a marca de 200 bilhões. A Nike em 1987 investiu menos de 50 milhões de dólares em publicidade. Dez anos depois, em 1997, passa para 500 milhões. Como podemos ver, uma verdadeira transformação na concepção de oferecer algo, e evidentemente uma necessidade maior de fazer com que as

peças consumam o que lhes oferece. Talvez não seja por menos que está nos Estados Unidos a maior concentração de pesquisas sobre o comportamento humano. Muitos dos trabalhos desenvolvidos nas universidades e outros centros contam com financiamentos de grupos de empresas multinacionais que disputam o mercado com uma visão exclusivamente econômica. É do conhecimento de muitos, os casos na área farmacêutica norte americana, de empresas como a Proctor's and Ganble e Johnson and Johnson, patentear plantas e animais de florestas de países com uma frágil legislação ambiental, assim como utilizar pessoas em suas pesquisas sem nenhuma conduta ética, ajudando na produção de armas químicas em troca de favorecimentos fiscais por parte do governo estadunidense, entre outras coisas.

Devemos notar a distinção entre a forma de oferecer bens de consumo e fazer algo vir a conhecimento de todos. Habermas faz uma interessante distinção entre publicidade e “publicidade”, com aspas. A primeira, sem aspas, busca tornar público o tema em questão. Esta interessada na transparência e em como as pessoas podem ter acesso a informação. Já a “publicidade”, com aspas, esta voltada para a propaganda e nas diferentes maneiras de persuasão. Interessa a sedução e o possível convencimento de necessidades antes não existentes.

Torna-se claro ao passar dos anos que as pessoas não querem apenas um produto, com sua utilidade original, mas também o lugar que isso ocupa no imaginário social. Onde o indivíduo é lançado ao usar determinada mercadoria e que tipo de transformação pode ter em sua vida em decorrência da obtenção de uma marca. O rapaz que se torna o super conquistador graças ao perfume da moda, a garota que é invejada pela bolsa de grife cara, o medo de ser excluído por não ter o que todos deveriam ter... Não basta servir, deve também formar e a grande mídia percebeu isso há muito tempo. Mas não estamos trabalhando especificamente sobre publicidade, apesar de que estão as duas, mídia e propaganda, de

mãos dadas, confundindo-se muitas vezes. O setor que mais investe, dentre outras coisas nos meios de comunicação é exatamente o da publicidade e propaganda, daí a importância de se considerar sua influência neste debate. Esse é o cenário de confrontação com que o CMI precisa lidar.

PARTE III
UMA PROVOCAÇÃO

PARTE III – uma provocação

Sobre subjetividade e angústia

A sociedade de consumo está voltada para fora. Desde o surgimento da modernidade o movimento permanece externo e a circulação de informação não para. Os acontecimentos são abundantes. Intensifica-se o ritmo da vida, das relações, dos fatos, do conhecimento. A sensação é de que a história se compactua e ativistas anticapitalistas fazem parte dessa realidade. Não são mais pessoas com sonhos de uma comunidade alternativa fora deste mundo, mas pessoas que não irão sair dele. Querem mudá-lo. Sabem da abundância, do ritmo e do descontrole a que mentes e corpos se sujeitam. Ativistas fazem parte da modernidade, apesar dela ser má conselheira da revolução.

O que acontece é que um novo período se faz notar e que alguns teóricos vão chamá-lo de pós-moderno, um tempo que nega os valores anteriores, ou seja, a separação do sujeito e do objeto apostado na modernidade como garantia de um determinado saber. Dá-se então a proclamação do desejo e da sensibilidade contra as ilusões da objetividade. Mas não são todos que o entendem desta maneira. O filósofo francês Gilles Lipovetsky defende que o pós-moderno nunca existiu, mesmo ele que foi junto com Lyotard (1924-98) um importante teórico da pós-modernidade. Diz que a sociedade contemporânea vive a beira da esquizofrenia, porque esta dividida entre a cultura do excesso e da moderação.

Lipovetsky (2004) diz que na verdade nunca saímos da modernidade, que o pós no sentido do depois é um conceito falso. Ele fala de hipermodernidade como um desdobramento e uma continuação da modernidade.

“A hipermodernidade é uma cultura paradoxal, que combina o excesso e a moderação. Excesso, porque a lógica hipermoderna não tem mais inimigos e tudo é mais rápido – não basta ser moderno, é preciso ser mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda que a moda... tudo se

torna hiper: hipermercado, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hipertexto...” e ao mesmo tempo reconhecer “a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais”.

Também afirma, que

“a modernidade tinha confiança no futuro, havia a idéia de progresso incessante; agora temos a dúvida, não confiamos mais no progresso automático em direção ao melhor”. (Ibid.)

Acontece que o indivíduo tem a sensação de que é capaz de criar seu próprio destino e os meios de comunicação reforçam esta idéia. A mensagem é voltada para o esforço individual; se o indivíduo for capaz, acreditar e persistir, tudo acontecerá. Paradoxalmente a sensação de não-pertencimento acentua-se e o sentido de emancipação distancia-se. E com as diferenças supervalorizadas, com os mesmos meios e fins para todos, temos na verdade um denominador comum que torna todos iguais. A ordem sistêmica força a promessa de igualdade na instrumentalidade do capital, desde que seja negligenciada a solidariedade do mundo da vida.

As diferentes épocas que comportaram revoluções e insurreições sempre possuíram em sua memória social, imagens e registros desses fatos. Nessa direção vemos porque a pós-modernidade não é a melhor conselheira para soprar nos ouvidos mais indignados. Um interessante artigo sem autoria foi publicado no informativo do coletivo anarquista carioca Libera Amore Mio falando sobre a influência libertária nas mobilizações anticapitalistas dos últimos anos. A matéria se refere aos diferentes aspectos das mobilizações globais, mas busca problematizar a imagem do Movimento de Resistência Global e de como a mídia burguesa estava se apropriando de alguns de seus elementos. Nele consta que

“se por um lado, o pós-moderno, na sua acepção mais virulentamente liberal, jogava a necessidade das pessoas para o arbítrio do mercado e deliberava uma ação global baseada na ética do lucro e das lógicas competitivas do mundo dos negócios; por outro, uma vertente de “esquerda”, ancorada em valores éticos diametralmente opostos aos liberais, buscava, também no relativismo, um modelo explicativo para a “nova” realidade”. (Libera, 2002).

Isso tudo revelando uma imagem forte e vigorosa de pessoas, principalmente jovens, carregando bandeiras negras e vermelhas pelas ruas de diferentes países, com objetivos semelhantes, dispostos a não voltarem para suas casas sem antes verem os resultados de suas ações diretas. Um calendário de ação global é proposto, onde diferentes grupos e indivíduos direcionam tempo e força nessas mobilizações.

Algo há muito tempo não visto ganhava ruas e espaços nos diferentes meios de comunicação.

“Entretanto, a despeito de louváveis tentativas em sentido contrário, a mídia burguesa tem sido muito mais bem sucedida em contar essa história do anarquismo mundial, do que os próprios atores participantes das manifestações. Estimulados pelas imagens e apelos sensacionalistas dos meios de comunicação em geral, muitos jovens engrossaram as passeatas motivados mais pela adrenalina, na busca inconsciente de um “ritual de passagem”, do que por uma atitude refletida. Dessa forma, como em um fenômeno de retroalimentação, boa parte dos ativistas que ingressaram em uma manifestação, na verdade são recrutados pela mídia burguesa e não pelo espírito libertário que deveria determinar o movimento”. (Ibid.)

Apesar da crítica, muitas pessoas se deram conta desse fato. Sabem que precisam de muita reflexão e determinação, caso contrário será apenas “propaganda” com data de validade preste a vencer. Isso também poderia nos ajudar a entender o porquê do esvaziamento do movimento. Até onde as pessoas foram capazes de responder as demandas de suas lutas? Como poderiam renovar sua criatividade tão marcantes? Qual o sentido em continuar com os mesmos tipos de ações?

Alguns ativistas se deram conta de que precisam de muito mais que disposição para enfrentar a polícia nas ruas, e foram então, tentando aplicar o que tinham aprendido em outros lugares que não apenas nas mobilizações. Associações de bairros, grêmios estudantis, centros acadêmicos de universidades, movimentos como o Passe Livre, passaram a receber muito desses ativistas e suas colocações a respeito da autonomia. Outros por sua vez, de alguma maneira sentiram que tinham algo importante a perder e voltaram para a segurança de uma vida menos arriscada. Queriam garantir talvez um bom emprego,

ter a “ficha limpa”, e de maneira alguma ter seu nome envolvido com mobilizações políticas que poderiam terminar em prisões e processos. Escolhas foram feitas. O fato é que esse movimento também foi marcado por um forte recuo em suas ações e um desgaste que o impossibilitou de continuar com a mesma pressão e vigor que o caracterizou por pelo menos quatro anos. Muitas hipóteses foram levantadas para tentar entender o que havia acontecido. Por todas as partes do mundo houve uma tendência de se questionar a razão de todas aquelas ações. Muitos diziam que já haviam sido vitoriosos no tempo que lhes coube existir e que não apenas a reformulação das ações era urgente como talvez a sua própria suspensão. Voluntariamente as ruas foram sendo evacuadas e outros espaços passaram a ser ocupados por toda essa gente.

Esses fatos se fazem notar sem um grande esforço e podemos ouvir muitos ativistas que acompanharam esses anos com um tom de voz regada pelo saudosismo. Mas não nos enganemos pensando que estamos falando de algo que acabou. Apesar da configuração mundial ter mudado intensamente e as mobilizações diminuírem, não devemos dizer que nada mais foi feito ou que não poderá acontecer outra vez. A história continua a ser feita pelas pessoas no presente. Mesmo com limitações, as pessoas não passaram despercebidas sem se “contaminarem” pela necessidade da autonomia.

Tomar o real nas próprias mãos é imprescindível para a sobrevivência individual e geral. Eugenio Bucci (1995) diz que vivemos em um tempo tirânico, absoluto e sem pausa. A TV proporciona um presente real espetacularizado. O lugar da TV substitui o lugar físico para uma quantidade grande de pessoas. A mídia pode transformar o real em virtual da mesma maneira que o virtual em real (Ianni,1995). Não parece ser suficiente dizer apenas que o mundo não é bom, que tvs mentem ou que políticos podem ser corruptos. É pensar em como se apropriar da história, preferencialmente da própria história.

Certa vez a rede de televisão CNN fez uma propaganda que dizia: “Onde você vai estar quando a história acontecer?” e em seguida “CNN, fazendo história”. O objetivo não é dizer que a rede de TV acompanha a história, mas que ela é a protagonista da história. É através do aparelho de televisão que se constituem os fatos e não onde se morre, se ri, se solidariza, convive-se com as pessoas. Devemos lembrar da guerra do Golfo, quando pela primeira vez se transmitiram imagens ao vivo, 24 horas, de um conflito nestas proporções. Depois pessoas comentavam no dia seguinte se tinham visto a guerra pela TV, com a mesma tranqüilidade de uma partida de futebol.

Bucci continua e afirma que a TV é muito semelhante ao inconsciente. Freud diz que o inconsciente não tem passado e nem futuro, e como a TV, sua força se faz no presente, surge e acontece no agora, se remetendo ao passado. Mais semelhanças ainda encontraremos se pensarmos em seus conteúdos. A noção de tempo transforma-se, e não se trata do fim dos tempos, mas quem sabe, do fim do *tempo*. Pelo menos deste tempo que conhecemos e da maneira que atua em nosso cotidiano. O tempo linear não faz mais tanto sentido. Não se acredita que tudo funcione pragmaticamente com um começo, meio e fim.

Entretanto, é nisso que Lipovetsky pensa quando diz que a modernidade não acabou e que ainda não demos o passo para o depois, para o que viria a seguir. A destruição do meio ambiente, a acumulação do capital, dos meios de comunicação e das riquezas naturais, os blocos econômicos, tudo isso ainda funciona com uma grande visão linear. A razão é individualizada e o que se vê no cotidiano é uma apatia exagerada ou relações predatórias. Apesar desta constatação, não significa que sempre foi assim ou que generalizações podem responder as dúvidas para sair deste impasse. Uma visão mais sistêmica faz parte da vida de mais pessoas a cada dia, não porque seja alguma coisa nova, inédita, mas talvez porque sempre fez parte e agora ganha amplitude. Redes em diferentes níveis se criam (basta ver as

mobilizações ao redor do mundo contra as guerras promovidas pelos EUA) e se sustentam considerando características locais como uma forma de preservação do ecossistema e das identidades culturais.

Não vivemos o fim da história. Entretanto, antes disso ter uma maior capacidade de mobilização, refiro-me ao agir local e pensar global, enfrentamos um verdadeiro desespero e frustração, coletivo e individual, porque muito do que se faz está a serviço do capital, que funciona pela lógica da exclusão e do privilégio. O “tempo” está a serviço do capital. O tempo livre é usado para se produzir mais e sempre se está em estado de alerta, tornando a descontração e o relaxamento um luxo. A qualificação profissional é uma necessidade também de se estar pronto para servir o capital, de conhecimento para o mercado, potencialidades para suportar a competição incessante e sem interrupção.

Na TV cria-se a ilusão de que o espectador pode atuar no desenvolvimento da trama. Através de um número de telefone pode-se agir e determinar os rumos dos acontecimentos. Um *voyerismo* virtual que transforma a apatia num único pilar de sustentação da realidade, mesmo que esta sensação pareça falsamente eterna. Não importam as conseqüências dos atos passados, tão pouco para onde iremos no futuro. “Estou aqui quieto, sem importunar ninguém. Vendo algo errado eu nada faço, porque por este comportamento suponho que sou deixado em paz”. No tempo livre não se diverte, joga ou brinca, mas concentra-se, tenciona-se, disputa e briga. Os instintos são controlados à exaustão e o poder da imaginação abandonado em nome do falso domínio. Certa vez escutei de um psiquiatra numa supervisão em um centro de saúde mental: “Quem já viveu picos de angústia, não sente nenhuma inveja de uma psicose”. O ativismo autonomista pode lidar com essa angústia?

Não digo que há algum problema com o ser humano em si, mas não há necessidade de muitos argumentos para se referir a uma determinada sociedade e saber que ela sim

precisa mudar, ou na melhor das atuais circunstâncias, refletir e abandonar algumas de suas crenças. Talvez isso seja uma boa notícia, afinal não é necessariamente toda a humanidade que precisa de mudanças, mas uma cultura específica.

Por mais inesperado e impreciso que o mundo pareça ser, a identidade dos que caminham por esse mesmo planeta se transforma também com escolhas. Escolhas nem sempre claras e conscientes, mas escolhas. A identidade ativista constitui-se de escolhas não convencionais na vida do sujeito que pode colocá-la em risco com muitos outros valores. Quando se mobiliza para uma ação política pode ter a possibilidade de tê-la consumada. Não poderá retornar. Esse ser possui tudo, sua possível autonomia pode fazê-lo sentir-se assim. É absolutamente livre! Conflitadamente livre. Não apenas perturbado por ver sua chance de mudança concretizada, mas também com medo. Mas que medo é esse? O que o assusta? Para Soren Kierkegaard, o filósofo que lançou as bases do existencialismo, é a angústia que constitui o possível da liberdade. Na angústia é que surge para o ser humano a possibilidade de constituir-se certo de sua finitude e conhecedor de suas ilusões. A luta faz despertar um tipo de risco, um contraste pela enorme liberdade de não voltar. Uma angústia que não é nociva, mas é potência. Pode lançá-lo para um lugar novo, terrivelmente desconhecido. Mas também afortunadamente realizável.

O ativista pode mudar o tempo. Se não o tempo da história, o seu tempo próprio. Há oportunidade de criar uma saída do virtual. Terá, entretanto que lidar com essa angústia e com outras emoções que nem poderia imaginar sentir. Saber utilizar a potência que decorre do confronto com a opressão do capitalismo é ampliar a oportunidade de emancipação.

Humor, tédio e descanso

Vimos até esse momento buscar uma maneira de compreender a objetividade e subjetividade encontrada na identidade ativista e seu contexto. Antes de entrar na entrevista que acredito ser a parte mais explícita para visualizarmos o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, podemos agora refletir no campo do que foi mais “divertido” para nos apoiar no entendimento quanto às razões da existência da criatividade e, por que não, da desaceleração que acometeu esse movimento.

Humor para combater o tédio e para afastar o tédio da política. Acredito que parte da dificuldade em lidar com aspectos políticos do cotidiano se dá por termos feito da democracia não um instrumento para melhor viver, mas um lugar onde profissionais da política acabam por transformá-la em recursos para seus próprios interesses. Assim como o industrialismo transformou a natureza em recurso e o capitalismo tornou pessoas também em recurso, o democratismo fez com que a política virasse recurso. Assim acabamos por nos esquecer que as mudanças que tanto desejamos acontecem exatamente onde menos queremos estar. No fundo uma contradição. O tédio reina em discussões quase intermináveis, fazendo valer uma lógica bélica para ver quem irá dominar as instâncias burocráticas. A Política pode nos remeter aparentemente a algo chato, do campo de especialistas, onde várias pessoas realizam promessas em busca de apoio para legitimar, por exemplo, um mandato. O que queremos aqui é perceber como a identidade autonomista tenta reverter essa idéia e como o humor foi importante na sua formação.

Podemos definir então movimento social como processo político. Segundo Sandoval (2005) movimentos sociais são processos políticos voluntários de contestação constituído de redes formais e informais de organização que se baseiam em solidariedade,

valores e crenças compartilhadas entre membros, que reivindicam demandas conflituosas através de mobilizações de grande número de participantes em várias formas de ações coletivas de protesto. As ações nos movimentos sociais então, precisam ser conscientizadoras e não apenas reivindicações, não havendo uma hierarquia quanto a objetividade e a subjetividade trabalhada na proposta. Dito isso, vemos que as pessoas possuem inerentemente uma capacidade analítica e que a conscientização é um aperfeiçoamento dessa capacidade. Temos que lidar com diferentes conteúdos ou uma capacidade de conteúdo, que por sua vez nos leva a lidar com a capacidade de normatização. Fato, que a vida não é “preta e branca”, ela é dilemática, repleta de abstrações. O processo de conscientização é uma oportunidade de desenvolvimento desses elementos: analítico, conteúdo, normativo e abstrato.

Quando nos fazemos valer de nossa capacidade de abstração (exatamente o que mais nos diferencia dos outros animais) olhamos para os movimentos sociais (feito por pessoas) e nos interrogamos sobre sua necessidade de lutar por uma utopia. Todo movimento social é utópico em suas ações, claro que guardadas as devidas proporções quanto a suas organizações. A crítica mais comum que parte dos autonomistas ao que se refere aos movimentos sociais mais tradicionais, é que atuam com demasiado mecanicismo, como um modelo único, isolado e com uma teoria engessada sem nenhuma consideração as emoções e a subjetivação. Mas estamos interessados nos aspectos da identidade, então devemos buscar algo mais específico quanto à utopia e a emoção. Já foi dito aqui que o pós-convencional não se define pelo conteúdo, mas pelo processo emancipatório. A tendência em direção a sua concretização deve ser dada com a preocupação do estado presente existente entre o passado e o futuro. A história de vida (passado) contida na identidade esta remetida ao pensamento histórico, enquanto o projeto de vida (futuro) do sujeito se movimenta para o pensamento utópico.

A utopia deve conter a esperança. Ela é o desejo de mudança por alimentar as transformações no presente. O tédio por sua vez acaba por paralisar o pensamento que motiva a ação. O pensamento utópico, no que diz respeito a seu projeto de vida que conduza a emancipação, deve também se livrar de todo tédio que possa existir no momento, precisa deslocar a apatia que paralisa. Não há nenhuma novidade em dizer que a vida coletiva hoje carece de utopia e que as pessoas possuem projetos de vida que não as conduzem a liberdade, mas para um confinamento maior da ordem sistêmica. Isso mostra como a identidade ativista precisa lidar com suas argumentações conflituosas para prosseguir sua luta até o momento em que não seja mais necessária. Como dizem os Zapatistas, existindo hoje para um dia não mais existir.

A tomada dos espaços públicos em muitas partes do mundo foi feita com muita emoção. Participar de reuniões para pensar uma mobilização contra uma política econômica injusta e ver o risco de ser ferido ou mesmo morto não parece ser uma simples brincadeira. Mas o que vimos também não foi o revolucionário padrão com sua camiseta, boina e palavras de ordem contra o imperialismo. Há um lugar diferentemente criativo acontecendo e parte disso, penso eu, se dá por conta do humor e da tática em se acabar com o tédio.

As emoções estão além da humanidade e são seus temas. Ela é universal porque nos faz semelhantes, não apenas humanos, mas parecidos. O nosso momento histórico diz que entende que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”, mas não quer ou não pode valorizar isso. Há um certo desdém, apesar dela ser visceral, de nos ter e não o contrário. Saibamos disso ou não, elas são coletivas, históricas e não apenas individual. Acontece que essa idéia de “meu” desloca essa impressão. Desde o século XVII vimos acentuar a fragmentação do pensar e do sentir ao mesmo tempo em que herdamos dos vitorianos certa erudição que aponta para o distanciamento das emoções. Esquecemos que a emoção é cognitiva e corporal, acabando assim por fazer uma grande confusão quanto às

distinções entre sentimento, sensação, paixão, intuição. Não nos cabe fazer essas diferenciações aqui, mas apenas para ilustrar o que ocorre, é que sentimentos variam com as culturas, implicam em nomes e discriminações, como a culpa e a vergonha. Acontece que é o sentimento que contém a causa da emoção. As emoções são naturais e instintivas e sua primeira função é a de preservação. Não é apenas o organismo reagindo as bombas de efeito moral que a policia lança contra a manifestação, mas seu corpo buscando lidar com a emoção decorrente da opressão.

Olhando então pelo que nos motiva mais, a alegria leva a um melhor estado funcional. Porém devemos ser capazes de distinguir o humor da ironia, já que ambos podem conduzir a muitas maneiras de rir. Segundo Sponville,

“...a ironia não é uma virtude, é uma arma – voltada quase sempre contra outrem. É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar (...) é o riso do ódio, é o riso do combate. Útil? Como não, quando necessário! Que arma não o é? Mas nenhuma arma é a paz, nenhuma ironia é o humor”. (Sponville, 1995; 230)

A ironia ri sempre do outro e se faz séria e imponente. O humor por sua vez ri de si e com o outro. Quando o ativista diz que precisa caminhar perguntando, faz junto a isso um exercício de humildade. Não há orgulho sem espírito de seriedade, nem espírito de seriedade, no fundo, sem orgulho. Sponville diz que o humor atinge este quebrando aquele.

“(...)é nisso que é essencial ao humor ser reflexivo ou, pelo menos, englobar-se no riso que ele acarreta ou no sorriso, mesmo amargo, que ele suscita. É menos uma questão de conteúdo do que de estado de espírito. (...) Podemos rir de tudo, mas não de qualquer maneira. Uma piada de judeu nunca sera humorística na boca de um anti-semita. O riso não é tudo e não desculpa nada. De resto, tratando-se de males que não podemos impedir ou combater, seria evidentemente condenável contentar-se com gracejar. O humor não substitui a ação, e a insensibilidade, no que concerne ao sofrimento dos outros, é uma falha. Mas também seria condenável, na ação ou na inação, levar demasiado a sério seus próprios bons sentimentos, suas próprias angústias, suas próprias revoltas, suas próprias virtudes. Lucidez bem ordenada começa por si mesmo. Dai o humor, que pode fazer rir de tudo contanto que ria primeiro de si.” (Ibid.)

O humor faz com que possamos rir de qualquer coisa no mundo: o fracasso, a guerra, a morte, o amor, desde que sejamos primeiro capazes de rir de nós mesmos e que isso acrescente um pouco de alegria, um pouco de docura ou de leveza a miséria do mundo, e não mais ódio, sofrimento ou desprezo. Então, se o humor não nos faz rir mais, pelo menos nos faz rir melhor. O humor aparece em nossas vidas como uma virtude, como parte daquilo que contribui para o processo emancipatório. Tratemos do humor como uma arte de amargar, como fazem os clowns. Como o palhaço que cai de cara no bolo. Aquele palhaço que pretende beijar a amada, mas o galã aparece e a rouba. Não é algo muito agradável, mas nem tudo nesse mundo também o é. *Lutar por* é muitas vezes amargar a dor da opressão e da incompreensão, mas seguir em frente. Assim, tentamos nos aceitar.

“O humor é uma conduta de luto (trata-se de aceitar aquilo que nos faz sofrer), o que o distingue de novo da ironia, que seria antes assassina. A ironia fere; o humor cura. A ironia pode matar; o humor ajuda a viver. A ironia quer dominar; o humor liberta. A ironia é implacável; o humor é misericordioso. A ironia é humilhante; o humor é humilde.” (Sponville, 1995; 234)

O ativista quer de alguma maneira descobrir a distinção entre a ironia, o humor e o momento certo para ambos. Podemos olhar para a história do Movimento de Resistência Global e perceber momentos que revelam bem o lugar do humor e da ironia e como o destaque desses casos pode mostrar o anúncio da diminuição de mobilizações no movimento.

Uma delas nos é contada a partir de uma matéria que foi publicada no CMI. Constava que nas vésperas de uma das mobilizações do dia de Ação Global de luta contra o capitalismo, ativistas preocupados em não apenas se proteger da polícia, deveriam também estar atentos para a “moda das ruas”. Uma série de objetos foram citados para as pessoas levarem para a manifestação, como óculos de piscina para se proteger contra spray de pimenta, garrafa de água, bandanas, lenços, roupas leves e claras, capacete, etc. Havia um

texto explicando como combinar as cores dos objetos e onde adquiri-los. O texto foi preparado pelos voluntários do CMI, mas assinaram ironicamente como sendo a estilista Glória Kallil. O mais inusitado veio depois. Jornalistas de várias partes da imprensa convencional lendo esse texto, entraram em contato com o CMI para confirmar a veracidade do artigo. Eles obviamente confirmaram a participação da estilista. Assim, alguns desses jornalistas foram ter com a própria Glória Kallil mais opiniões sobre essa “moda ativista”. Agora o que ninguém esperava, nem mesmo os voluntários do CMI, foi saber que a estilista realmente havia dito que escrevera o texto para o site e que apoiava toda e qualquer manifestação democrática e pacífica como a que estava sendo preparada. Ela se dizia uma autêntica herdeira do espírito de maio de 68. Não se sabe ao certo o impacto que isso teve nos meios de comunicação, mas muitas pessoas da mídia ficaram mais atentas para o que acontecia nas ruas desde então, e claro que nos modelitos dos ativistas.

Outra história aconteceu no II Fórum Social Mundial. Havia um importante grupo de ativistas que formaram um grupo de percussão. Era o Batukação que cansado da mesmice das marchas com caminhão de som resolveu tomar as ruas no mais autêntico carnaval popular. Eles tocavam samba, baião, maracatu, variações da música contemporânea e sempre animavam as manifestações autonomistas na cidade de São Paulo. Esse grupo estava em Porto Alegre quando os autonomistas discutiam como lidar com a tentativa dos organizadores do Fórum em boicotar a série de atividades organizada pelos autonomistas chamada “Vida após o capitalismo”. Eis que ficaram sabendo que havia uma sala no prédio principal da Puc de Porto Alegre, onde estavam todas as “estrelas” da esquerda nacional e internacional e que nesse prédio teria uma sala vip para esses ilustres. Uma batucada foi organizada e com um mínimo de organização, caminharam em direção a essa sala vip. Diante dela, ocuparam esse espaço juntos com outros ativistas, que também

achavam um absurdo um evento como aquele ter uma sala que discriminava as pessoas. Um grande carnaval foi feito com água para todos os lados e uma grande faixa com os dizeres “todos somos vips!” foi aberta voltada para o lado em que uma multidão assistia deslumbrada e aplaudia a ação daqueles rebeldes.

O CMI e a Ação Local por Justiça Global publicaram um jornal chamado Ação Direta que trazia informações sobre a Alca e suas conseqüências caso fosse assinada. Na mesma época uma grande empresa de cartões de crédito vinculava na televisão aberta uma propaganda que buscava associar com forte apelo emocional alguns fatos da vida com seu cartão e serviços. Nesse jornal foram colocados vários desses anúncios utilizados por essa agencia, mas alterados graficamente. Consta em um deles: “capacete para se proteger da violência policial: 8 reais. Óculos de piscina para proteger os olhos:13 reais. Macacão de segurança:18 reais. Barrar o processo de implantação da Alca: não tem preço”.

Quando os Estados Unidos ocuparam o Afeganistão em 2002 e ignoraram todos os apelos da opinião mundial, vimos milhões de pessoas ao redor do mundo se mobilizando para exigir a imediata saída dos soldados americanos desse país. No Brasil não foi diferente. Enquanto o governo americano distribuía alimento logo após explodir cidades inteiras e matar milhares de civis, os ativistas tiveram a idéia de realizar uma grande distribuição de comida em frente ao consulado americano. Depois da tradicional marcha e a frustrante tentativa de entregar uma carta de repúdio para o cônsul em exercício, foram distribuídas quase mil refeições vegetarianas para os manifestantes e todos os transeuntes. Faixas e cartazes foram feitos contendo frases que diziam: “aqui comida sem bombas. Grátis e saudável” e “Nossa comida não mata pessoas”.

Histórias como essas não faltam entre os ativistas autonomistas do mundo inteiro. Esse tipo de humor, como no caso da manifestacao contra a guerra, e a ironia da ocupação da sala *vip* no FSM que estamos tentando investigar. Entretanto nem tudo foram flores.

Muitas pessoas já foram presas tentando realizar ações como essas, afinal, o Estado e o capital não possuem nenhum senso de humor. Como foi dito antes, o tédio alimenta a ordem sistêmica exatamente por não querer autonomia, somente uma idéia vaga e superficial de livre arbítrio.

Claro que o mundo não ficou mais tranqüilo por conta dessas ações. Pelo menos não naquilo que pode ser identificado no que é mais emergencial. Vários ativistas começaram a questionar muitas dessas ações e seus efeitos. Questionavam na verdade toda a ação direta e sua validade para aquele momento. Havia uma tendência mundial de ocupar menos as ruas e realizar ações radicais, se perguntando se a ação direta deveria mesmo ser uma regra. A amargura do humor estava latente, mas até onde valia a pena continuar com ela?

O que vimos acontecer foi que o Movimento de Resistência Global começou a descansar. Iniciou-se uma espécie de recuo para analisar tudo que havia sido feito até então. O movimento havia de alguma forma vencido, porém a luta não havia terminado, exigindo outras maneiras de resistência. O ativista não se desilude do movimento, mas escolhe levar a ação e a experiência autonomista desse lugar para outros não acostumados com essa discussão. As pessoas acabaram indo para outros espaços e agora há um tempo de espera para criarem novas formas de ação. Voltarão eles alguma hora? Como isso pode acontecer?

O movimento deu certo no que diz respeito a sua subjetividade do “que seja eterno enquanto dure”. Claro que precisamos olhar isso como uma metáfora. Coisas concretas aconteceram, como por exemplo, o projeto da Alca não ter sido assinado. Estamos vendo a escolha de não viver apenas para validar o passado e isso pode conduzi-los para novas chances de ação direta no futuro. Agora ele deve ir além, mesmo não havendo todos os espaços conquistados no passado. Como diz Baumann (2005), uma sociedade autônoma só é possível com um indivíduo capaz de exercer plenamente sua autonomia. Isso poderia ser o projeto autonomista hoje, mas quem deve saber melhor a esse respeito são eles. O que nós

podemos fazer aqui, é junto com eles, estudando, investigando, criando, ir buscando não fóómulas mágicas para lidar com os desafios do mundo, mas aumentar a resistência contra a colonização do mundo da vida. Talvez a questão seja o quanto estamos dispostos a isso. Nossas intenções são apenas parte dessa mudança. Precisamos reconhecer mais que a pretensão de nossas intenções é ir em direção a sua realização. Somente a ação poderá levar autonomia para processos emancipatórios. Por isso agora podemos partir para as intervenções junto a nosso ativista emblemático e nos debruçar sobre sua história de vida.

PARTE IV

**CONHECENDO A ATIVISTA: UMA ENTREVISTA PARA ALÉM DA REBELDIA
E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SINTAGMA IDENTIDADE-
METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO.**

Parte IV – Conhecendo o ativista: uma entrevista para além da rebeldia e algumas considerações sobre o Sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Essa parte tem o objeto de nos fazer conhecer a história de B. Nas partes anteriores buscamos discutir os aspectos mais teóricos e agora pretendemos estar atentos para uma outra que nos ajude a desenvolver a proposta de trabalhar com um “sujeito emblemático”.

A entrevista com B, voluntário do Centro de Mídia Independente de São Paulo, foi realizada em um único encontro. A escolha dessa entrevista se revelou com muitos elementos que nos fizeram tomar a decisão de trabalhar com um estudo de caso único. Ela possui aspectos que contemplam os elementos que mais nos interessam nesse tipo de trabalho: capacidade de oferecer espontaneidade, visão crítica, amplitude na argumentação, sinceridade.

O sujeito emblemático se diferencia do sujeito ideal pela sua particularidade em nos fazer entender a maior parte daquilo que estamos investigando. Enquanto o sujeito ideal tenta responder em exatidão nossas questões, o sujeito emblemático traz um emblema do que imaginamos ser uma determinada identidade sem nossas certezas. No fundo ele não se deixa prender pelo papel. Carrega a expressão da possibilidade de emancipação. Sua presença não corresponde as nossas expectativas, mas possibilita um leque maior de intervenções para análise. O sujeito emblemático possibilita a investigação do universal que se materializa no singular.

Depois de feitas às devidas explicações sobre o objetivo do encontro, como o material poderia ser utilizado e a autorização, iniciamos a entrevista.

Encontramos então o ativista. Ele já nos apresenta sua vida e seus conflitos.

Eu sou B, solteiro, estudante, pretendo trabalhar na parte acadêmica dando aula, tenho também a pretensão de trabalhar com análise de mídia. Bom, isso na parte profissional, agora a parte que talvez te interesse, a militância política, eu sou um ativista, ou o que as pessoas chamam de ativismo autônomo, autonomista talvez, mas eu também gostaria de deixar claro que eu não sei se gosto muito desse termo “autônomo”, porque ultimamente eu tenho visto que

autonomismo ou autonomista tá ligado a um tipo de militância que eu não tenho certeza se me identifico. Enfim, acho que é isso, sou uma pessoa que vai levando sua vida, tentando fazer algum tipo de diferença na sociedade, uma diferença em direção com um viés esquerdista. Basicamente é isso.

È comum no início das discussões sobre identidade as pessoas se revelarem em primeiro momento pelo que é imaginado pelos outros de si mesmo. O papel que desempenham ganha maior visibilidade e, aquilo que denominamos anteriormente por Mim fica em evidência, o que é conhecido pelos outros. Assim acontece com B. Logo em seguida aos papéis mais convencionais de sua identidade, há por iniciativa própria um questionamento a respeito desses papéis, particularmente o de ativista.

Seu questionamento passa por importante ponto do que é ser uma ativista autonomista. Esse lugar pode ser percebido pelas aproximações e distanciamentos do que pode ser autonomismo e autonomia. Apesar de B falar de autonomia, há um questionamento inicial sobre o “ismo” aparente em sua identidade. Esse “ismo” pode ser pensado como um técnico que operacionaliza a autonomia e B não se identifica assim.

Estamos investigando sim a autonomia como possibilidade de realização dada em um processo que busque emancipação. Isso leva tempo, uma maturidade não vivida pelo relógio, não possível de ser medida, mas apenas experimentada., contendo muitas vezes conflitos e incertezas.

A política começou a surgir na minha vida desde muito cedo, sabe? porque lá em casa apesar de não ter uma tradição muito forte assim... é que na minha casa é engraçado e acho que começou com meus pais. Eu sempre via eles conversando sobre política, desde quando eu era moleque e eram posições bem interessantes, porque meu pai era recruta do exército na época do golpe e minha mãe simpatizava com algumas idéias esquerdistas, né... E acabou que cada um teve seu papel nesse período; meu pai estava no exército. Depois de um tempo minha mãe, que era namorada do meu pai nessa época, chegou escondida do meu pai, a, apoiar atividades de grupos de esquerda que resistiam a ditadura, mas nada muito comprometido, né... Aí meu pai terminou o exército e os dois vieram juntos pra São Paulo. Mas sempre teve isso, deles conversarem muito sobre política e pelo cenário que eu te descrevi você já vê

que é um... tipo, contraditório politicamente, um apoiando os militares achando que esta livrando o país dos comunistas e minha mãe apóia os comunistas contra os militares, então sempre tinha uns debates acalorados lá em casa. Aí eu fui vendo isso, uma influência, e acho o que marcou muito minhas idéias iniciais foi a guerra do Golfo. Nessa época foi a guerra do Golfo sim, e pela influencia do meu pai eu estudava muito essas coisas de exército, das guerras e tal, e a guerra do Golfo me chamou muita atenção e começou a me abrir algumas reflexões. A outra coisa que me marcou foi o processo de privatização, tinha uns 12 anos, estavam começando os processos de privatizações e também por causa da influência do meu pai que era militar, um ex-militar nacionalista, ficou revoltado que estavam vendendo as estatais por preço de banana.

O que vemos é uma importante aproximação com a família e as idéias que estão permeando os debates entre seus membros. Apesar dos conflitos entre seus pais, foi capaz de articular idéias a respeito do que julgava ser injusto ou pelo menos um descompasso com alguns de seus valores, como a guerra e as privatizações. Mas ainda não é um terreno completo para a formação política do ativista. Ele observa curioso o debate dos pais e ao mesmo tempo sabe que há certa confusão por opiniões tão divergentes vindo de pessoas tão próximas. Ele deve encontrar um outro lugar onde haja mais concordância e a família não lhe proporciona essa coerência, apesar de contagiá-lo.

Esse primeiro lugar não é dado pelos conteúdos, mas pelo processo. Seus pais não tentam convence-lo a fazer parte desta ou daquela opinião, mas tentar conviver com a diferença. Entretanto podemos ver nessa relação algo importante que pode vir a influenciar o processo de formação de uma identidade pós-convencional. Ele está aberto nas discussões familiares e a ênfase no processo que contém opiniões tão divergentes se sobressai, como já vimos, está além do conteúdo. Temos um modelo de socialização primária que permite observar a participação coletiva, ou minimamente a participação de todos os envolvidos, para conduzir a maior legitimidade desse processo que está além da forma.

(...)então, o que aconteceu foi que um dia eu estava saindo do meu colégio, um colégio de freiras, do M. C., e eu recebi um panfleto de um militante da UJS (união da juventude socialista), que era um protesto contra a privatização da Cosipa. E aí eu fui nesse protesto e tal, teve um pequeno enfrentamento dos

militantes com a policia e foi um negócio que me marcou muito. Desde então eu comecei a simpatizar com essa militância de esquerda, por achar que eles defendiam coisas que na época eu me identificava mais. Então comecei a militar com esse pessoal bem esporadicamente, até porque eu era novinho e não podia ir nas reuniões e tal, mas quando havia eleição eu ia lá e fazia campanha, distribuía panfleto, ficava sempre debatendo essas coisas com meu pai e alguns amigos, que inclusive me achavam um mala (risos), imagina um moleque de 12 anos até uns 15 que só ficava falando de política? (risos) e meus amigos queriam falar de outras coisas, então eu era um mala. Daí fui me interessando por isso, mas ainda aquela coisa não muito comprometida. Depois de puxar debates com algumas pessoas e ir fazer campanha eleitoral para os candidatos da frente popular, que era o PT, o PCdoB, e outros próximos, fui levando isso até entrar na faculdade, na UniP, e entrando na UniP tive a oportunidade de conhecer um grupo de pessoas, que hoje em dia eu paro pra pensar que foi um coisa.... – pausa - muita sorte eu ter encontrado esse tipo de gente na UniP. Como você sabe a UniP é uma universidade extremamente elitista, até a arquitetura dela é feita de um jeito para as pessoas não se conhecerem direto (risos), e aí tive a sorte de ser chamado para uma reunião. Eu estava num debate do centro acadêmico e na época estava com a pretensão de montar um site jurídico e procurava pessoas que poderiam ajudar com isso. Estudava direito por livre e espontânea pressão do meu pai (risos).

Aqui B nos conta como se deu o início concreto de sua militância. A aproximação com um grupo da esquerda tradicional e sua vontade de participar de algumas de suas ações. O jovem-aluno-do-colégio-de-freiras se depara com os jovens-comunistas e inicia um processo sem volta para a sua formação política. Algo inédito passa diante de seus olhos e lhe conduz para uma nova fase em sua vida, aonde sua relação com os amigos passa a ser diferenciada por essa nova visão do mundo. Seus novos encontros começam a ser mais criteriosos e quando ele deixa de ser o jovem-aluno-do-colégio-de-freiras e passa a ser o jovem-universitário, mesmo não se dando conta, é capaz de identificar pessoas que lhe são mais especiais com esses valores da esquerda. Ele acaba por estudar algo que lhe convêm em sua família, mas permanece atento para essa política que se amplia.

(...) Aí pretendia montar um site jurídico que tivesse, sei lá, coisas pra ajudar estudantes de direito. Então, eu estava nesse debate, e eu nunca tinha prestado atenção no pessoal do centro acadêmico da época porque eu achava que era uma coisa assim, sabe, não era muito a cara da UniP e a gestão me parecia bem pelega, algo ridículo. E foi lá que eu sentei do lado de um rapaz para conversar com ele, falando que eu queria montar um site jurídico pra ajudar os estudantes e tal, e sem saber eu acabei indo falar com o Alencar Santana Braga, que fazia parte da gestão na época, mas ele estava em um processo de ruptura com esse grupo. Ele estava buscando gente para montar uma chapa pra concorrer com essa outra (a atual). Então fui lá conversar com ele e ele falou pra gente conversar melhor, fazer uma reunião com o pessoal pra discutir os problemas da faculdade. E eu fui nessa reunião onde estava o setor dissidente da chapa e eu não tinha muita noção que era também pra cooptar pessoal para um projeto política para o centro acadêmico. Eu fui nesse reunião e eles falaram dos problemas, me perguntaram o que eu achava da UniP, tinha mais algumas pessoas, como um rapaz que era muito próximo ao MST, tinha um outro cara meio artista, e eu paro pra pensar que eu nunca iria conhecer essas pessoas se eu não fosse nessa reunião. Então, teve a reunião e eu estava percebendo que queriam montar uma chapa e eu achei interessante, um grupo de pessoas interessantes que esperava não encontrar aqui na UniP, de esquerda.

Agora B nos conta que outros contatos fazem crescer seu interesse pelas lutas políticas. Apesar de atribuir esse contato a certa causalidade, outras chances poderiam possibilitar seu encontro com essas pessoas. Havia a intenção de realizarem uma campanha para a eleição da chapa do CA e nesse tempo os laços foram se aprofundando. A afinidade política vai aparecendo e fica evidente que é ela quem pode nesse momento tornar possível um novo lugar para sua militância. Ele gosta e aprecia essa esquerda política, mas ainda não acredita em sua própria relevância e não há comprometimento com esses novos lugares e pessoas, mas quer continuar.

Então comecei a campanha junto com eles, rachou a gestão, fizemos uma campanha bem agressiva, de ir pra frente mesmo, inclusive a gestão era bem

pelega, ela se chamava CidadaniP, uma homenagem a UniP e a cidadania, e a gestão que continuou era tucana e o pessoal que estava rachando era ligado ao PT, então a gente começou, eu e outros mais independentes, montamos essa chapa, concorremos e ganhamos. Então começamos a fazer nosso trabalho como centro acadêmico, fui me aproximando mais de algumas atividades do partido (do PT) e aí sim, nessa época comecei a ser um militante mais ativo do PT, apesar de nunca ter me filiado eu comecei a ir nas reuniões e tal, era próximo da corrente majoritária(...) Daí a gente começou esse projeto que foi bem legal, uma gestão fenomenal, a gente conseguiu bastante vitórias e na época eu achava que era pouco, mas hoje em dia vendo o movimento estudante, vejo com uma gestão excepcional, conseguimos fazer greve, atos, fazer com que a Unip desse duzentas bolsas por unidade para os cursos de direito, exatamente por nossas mobilizações, promovemos diversos cursos extracurriculares, conseguimos que a Unip montasse salas de atendimento porque antes o atendimento financeiro e as negociações eram feitas em um balcão na frente de todo mundo e as pessoas eram motivo de chacota dos outros estudantes playboys que passavam pelo corredor. Conseguimos isso. Isso foi trabalho do centro acadêmico e fui me envolvendo cada vez mais com o partido, e era uma espécie de corrente informal do PT formada por jovens estudantes de direito.

Fragments de emancipação que o levam de simpatizante com um determinado engajamento político para um de seus membros. B realiza críticas a uma maneira de estar no mundo que não lhe agrada e a inconformidade com a situação de seu curso o mobiliza a fazer algo. Agora a identificação não pode ser apenas pela intenção e passa a ser uma ação concreta.

Quando pode realizar ações políticas e ver que sua participação levou a resultados concretos, apesar de na época não ser capaz de avaliar o real significado de tudo que acontecia, há uma amplitude que fortalece essa nova identidade do universitário militante. Mudanças o levam agora a deixar de ser apenas um observador e passa para um agente ativo das mudanças que deseja. Mais mudanças e mais envolvimento para uma outra identidade que muda e se constrói. Ele passa do universitário que faz uma militância para um militante que cursa uma universidade.

Vamos dizer assim: que a gente entrou nesse barco e tinha muitas relações com os centros acadêmicos da Puc, da Usp, do Mackenzie, que eram de esquerda na época, e sempre que havia eleição em algum centro acadêmico juntávamos todo mundo e íamos lá ajudar na eleição desse centro acadêmico, nas mobilizações todo mundo ia, e isso foi uma grande ajuda pra gente. Foi muito legal, participei durante dois anos. Depois que eu sai, a mesma gestão foi reeleita mais 3 vezes, chamava “direito em ação”.

Então B descobre a solidariedade em uma luta política. Essa solidariedade é o que possibilita a emancipação do grupo ou indivíduo que trabalha para libertar-se da instrumentalidade da burocracia. Mas será essa luta emancipatória, ou apenas uma intenção?

Outras estratégias poderiam ter sido adotadas, mas encontrar com seus semelhantes nessa trajetória política é mais do que aprender sobre lutas estudantis. Quando a solidariedade cria encontros para B, ele sabe que essa força coletiva é por um sentido específico e não estar sozinho pode ajudá-lo a lidar com as dificuldades que aparecem.

Eu participei dessa gestão e tal, mas depois o que foi que aconteceu? Na medida que eu fui me envolvendo com o partido e desse grupo de jovens juristas, a pretensão era ir se estruturando. Tínhamos uma rede de mais de 40 centros acadêmicos espalhados pelo país, e tínhamos a pretensão disso virar uma corrente do PT mesmo, com base no meio jurídico, com advogados principalmente, claro que não são todos que iriam virar juízes e não poderiam estar ligados oficialmente, mas estariam muito próximos a esse grupo. A idéia era organizar advogados de esquerda, e a gente participava de reuniões na OAB, mesmo como estudantes, íamos para lá para apoiar candidatos e fazer alianças. Íamos também no sindicato dos advogados, onde participávamos muito. Isso aqui em São Paulo. Acabou que concentramos, ou na verdade nos tornamos esse grupo maior de vários centros acadêmicos, e viramos a força hegemônica da Fened (Federação Nacional de Estudantes de Direito), fundamos a Unped (União Paulista dos Estudantes de Direito) e tinha um projeto bonitinho de eleger vereadores, deputados e tal. E o que aconteceu? Nessa fui me envolvendo mais e me arrumaram um estagio no gabinete do J. C.,

um vereador que eu fiz campanha, que foi o vereador mais bem votado na história do Brasil, na mesma eleição que elegeu a Marta.

B nos conta a respeito de algumas estratégias de seu grupo e como isso vai ganhando espaço dentro de uma determinada categoria. Naturalmente vai se contagiando com esses lugares de mobilização e dentro das esferas convencionais da política partidária ganhando reconhecimento. Sua história é um pouco conhecida, do jovem que dentro das estruturas partidárias vai subindo e ganhando um determinado espaço como militante. Um futuro promissor talvez o faça seguir em frente com mais determinação ainda, afinal ele está vendo que participa da história política de um grande partido de esquerda e que suas vitórias podem levá-lo a ver seus sonhos realizados.

Aí comecei a trabalhar de estagiário lá, poxa pensei que agora o bicho ia pegar mesmo! A esquerda aqui no poder e tal, vou conseguir mudar várias coisas, estava cheio de idéias pra cidade: vamos colocar o W. na cadeia, todos esses caras, e estava cheio de idéias.

Algumas ações são motivadas pela utopia de caminhar e ver parte dos planos realizados. Há uma frase atribuída a Walter Benjamin que diz que as esperanças dos que lutam é dada pelo amor daqueles que não podem mais ter esperança. O jovem-militante-universitário passa a ser também o jovem-estagiário-do-partido. Os conflitos podem ir se tornando mais complexos na mesma proporção que as relações pedem mais elaboração.

Aí foi ficando complicado. Fiz a campanha do cara e tal e acho que participei da última campanha que tinha algum traço de militância verdadeira do PT... Entramos lá e com o tempo fui vendo que não era bem assim. Por exemplo, ele foi o vereador mais bem votado e teve uma discussão como colocar ele como presidente da câmara municipal, porque tradicionalmente o mais bem votado tornasse o presidente da câmara municipal, mas isso não é obrigatório. Então tinha uma discussão para como fazer isso e foi aí que eu vi que o buraco era mais embaixo. Que havia a ética das pessoas comuns e a ética da classe política (risos). Comecei a ver a articulação desse vereador com diversos outros vereadores da direita, com todos aqueles que a gente falava durante a

campanha antes de entrar no governo, que a gente falava que o nosso projeto era colocar esses caras na cadeia, colocar esse classe política na cadeia por causa dos seus crimes contra o povo. Mas aí entrou no poder e começou a negociar com esses caras, e eu comecei a ficar meio incomodado com isso e meus companheiros falavam que era inevitável, que eram políticas de aliança, que tem que se aliar pra poder governar e tal, e na época eu não tinha um discernimento grande e suficiente, então acabei aceitando essa situação, mas cada vez mais incomodado.

Alguma coisa esta ficando fora do lugar. Que tipo de contradição é essa? Como assim, não pode ser diferente? O jovem-estagiário agora pode olhar mais próximo e ficar surpreso com o que vê. Não acredita que estão fazendo exatamente o mesmo que criticavam antes e como isso tudo lhe deixa confuso. Ainda motivado pela oportunidade rara de fazer parte de um grande partido de esquerda, um momento onde muitos acreditavam ser possível uma transformação significativa, ele continua. Continua a trabalhar e a acreditar apesar de todo incomodo.

Como trabalhar com uma motivação tão específica e em um espaço de tempo tão curto sentindo-se contrariado no que lhe é mais caro? Como continuar? Para B não saber exatamente como as coisas aconteciam lhe fez manter a militância. Porém isso não pode ser uma justificativa coerente para uma verdadeira relação democrática. Todas as partes devem saber o que esta acontecendo e pensar que deve haver duas formas de ética nos revela apenas que nunca existiu democracia.

Estamos percebendo que a militância de B passa por um questionamento legítimo e que o grupo a qual pertence não é capaz de lhe assegurar o que realmente importa nesse momento.

Então chegou uma hora que não aqueitei mais e rompi. Paralelo a isso, na minha base do centro acadêmico, onde fazia o trabalho de base, comecei a ter alguns problemas com o pessoal da gestão e problemas, você sabe né, tem em tudo que é grupo humano. E hoje paro para avaliar não era nem muito problema político, eram problemas de cunho pessoal, sabe?. “Fulano ficou com cicrana, que é a namorada de não sei quem”, e isso foi criando um desgaste tanto na base como na concepção do novo trabalho político. Então

eu acabei desencanando, parei de trabalhar lá com o J. C. e comecei a me dedicar mais ao centro acadêmico, mas nessa que eu acabei por me dedicar mais ao centro acadêmico ele teve vários problemas, vários conflitos surgiram lá dentro; sabe, um negócio bem conturbado, eu e mais um pessoal saiu do centro acadêmico e aí rompi com o PT de vez, tanto por causa desses problemas de ordem política ideológica que eu tive durante a gestão do J. C. como as que surgiram no CA. Então eu rompi de vez e larguei mão.

Confuso e sem outras referências, B acredita que não deve mais participar dos grupos que faz parte. Por razões distintas opta pela ruptura com o partido e passa um tempo sem a militância. Como pode continuar? Agora ele não se percebe mais estagiário, membro do CA e estudante de direito. O que ele é?

Novamente um encontro com pessoas desconhecidas o leva a pensar sobre sua história.

Eu tinha acabado de participar do Fórum Social Mundial em 2001. Eu tinha ido pra esse Fórum com um convite de colegas do DCE da Usp que também era uma gestão ligada ao nosso grupo. Eles falaram: “ei, vamos lá para o Fórum Social Mundial” e eu nem sabia direito o que era isso, isso antes de eu romper. Aí eu rompi um pouco depois do Fórum e eu quero explicar isso, porque é importante na minha trajetória política. Aí quando eu estava no ônibus do Fórum Social eu conheci um pessoalzinho que pra mim era muito estranho, a galera falava de revolução, mudar tudo, sem alianças com partidos e tal. Eu olhava pra isso e dizia que era uma esquerdalha, um pessoal radical que não vive na realidade.

Primeiro a desconfiança e logo depois a curiosidade. O novo as vezes pode nos despertar sentimentos ambíguos. Essa relação de querer fazer, mas sentir que talvez não deva nos obriga a ter que lidar com toda nossa história passada.

Encontrar recursos suficientes para responder ao mundo mostra o tanto de capacidade que há no ser humano em se diferenciar dos diferentes grupos que compõem uma determinada cultura. B é obrigado a fazer isso e tenta encontrar em suas referências e experiências passadas uma maneira de encarar esse novo ambiente.

Buscar por elementos que nos ajudem a compreender esse lugar vivido por B, é fazer uso da psicologia social para a crítica do novo e do velho. Esse momento de B pode nos revelar como, por exemplo, a tradição pode ser emancipadora ou não. Não é por algo ser novo que necessariamente será emancipador, e igualmente a tradição por ser conhecida ou antiga, não o seja. B então encontra um recurso para uma aproximação.

Eu olhei direito pra cara das figuras e vi que eu já tinha visto alguns deles na televisão, isso por causa de um protesto contra o FMI em Praga. Teve um protesto na frente da bolsa de valores em 2000, e nesse protesto teve um maior quebra-quebra e passou na tv e depois entrevistaram os presos.

B está fazendo referência a um ato que ficou conhecido como S26. Como ele estava em um meio político, entre pessoas que possivelmente tinham algum envolvimento político, nada mais coerente do que falar sobre isso.

E entre alguns deles estava um cara que hoje é um grande amigo meu, e eu lembrei dele na tv quando o repórter foi falando: “e aí o que aconteceu?”; “a policia veio pra cima, sem conversa.” E daí o que foi que aconteceu? Eu estava no ônibus e eu sentei na frente desse cara, eu reconheci ele e comecei a conversar. Falei que tinha visto ele na teve e tal, mas ele não respondeu muito, acho que ficou pensando que eu era policial (risos). E aí foi isso.

Novas experiências vão impressioná-lo e algumas das situações que acontecem, mesmo sem se dar conta no momento, o farão questionar ainda mais os espaços frequentados anteriormente.

A gente chegou e foi descendo do ônibus, quando apareceu um cara que estava fotografando todo mundo e como eu não tinha proximidade com esse tipo de militância, com enfrentamento direto contra o sistema, passou despercebido pra mim o cara fotografando, até pensei que era alguém do Fórum fotografando os jovens chegando, mas esse pessoal que tinha mais experiência de ação direta ficaram numa puta paranóia, cercaram o cara e começaram a intimar ele – “quem é você? O que você quer?” e não sei o que... então, pegaram a carteira

dele e viram que era um policial civil que estava fotografando as pessoas que estavam chegando no acampamento. E pra mim isso foi... nossa! Que é isso? Eles arrancaram o filme da câmera dele e mandaram ele embora. Isso me marcou.

Depois da indiferença podemos nos dar conta de que algo mais estava presente em nossas para nos ter feito agir assim. Será apenas interesse gratuito que nos leva a querer envolvimento com lugares e pessoas específicas? A vida é dilemática e B sentia isso.

Depois beleza, eu sabia que eu não tinha nada haver com esses malucos, pensei até em deixar minha barraca longe (risos) e fui participando do Fórum, mas sempre ia vendo esse pessoal fazendo alguma coisa. Na marcha de abertura ocuparam o Mcdonalds, fizeram intervenções em outdoor, eles também escalaram um prédio, e eu acostumado com aquela militância institucional, então eu comecei a ver que o interessante do Fórum quem estavam fazendo eram eles e diversos grupos do Fórum. Daí o que aconteceu foi que eu vi que eles estavam fazendo um treino de ação direta. Veio uma mulher chamada Star Hawk e outra a Hillary McHilton dar esse treinamento inspirado nos atos em Seattle. (...) Aí fui conhecendo, fiz o treino com os caras e foi interessante e continuei indo. Isso só pra pontuar. Então voltando pra São Paulo, e sabendo que todos esses treinos eram pra preparar o inicio da campanha contra a Alca, na época nem eu sabia direito o que era a Alca. Teve mais um treino aqui em São Paulo e em 20 de abril teve o A20, onde teve o protesto e a intenção era ocupar o Banco Central (que fica na Avenida Paulista) com uma coisa lúdica e artística, tentando chamar a atenção da mídia, mas também preparados para a possível repressão da policia e no final acabou que não conseguimos chegar no Banco Central direito, a policia já desceu o cacete. Nessa época ainda estava próximo do PT e do CA, mas balançando por causa dos problemas que te falei e essa nossa possibilidade de militância que eu tinha encontrado.

Muitas dúvidas e outras possibilidades. Entre a militância conhecida e essa outra, o que fazer? Cada vez mais os questionamentos a respeito da direção e do caminho a seguir aparecem. Continuar parado mesmo com dúvida ou mudar igualmente em deslocamentos

incertos? Afinal, quem são essas pessoas que a pouco acreditava serem sem estrutura e base para a política e agora vê que algo novo acontece diante de seus olhos? Como saber se isso é seguro?

Não é possível saber e isso o faz questionar mais ainda, porém o atrai e o seduz exatamente por não saber de antemão. Ele é forçado a se aproximar para entender melhor o que significa aquilo tudo. Novos sentidos e novos rumos não podem ser ignorados.

E foi um pouco depois disso, não lembro exatamente a data, mas rompi definitivamente com tudo que era do PT, ficando um tempo perdido, e também eu tinha trancado a faculdade ficando numa revolta enorme. Então passei a me dedicar exclusivamente a esse grupo, que era a AGP (Ação Global dos Povos), que depois fui descobrir que na verdade era uma coalizão de grupos e indivíduos autonomistas, e passei a me dedicar somente a essas reuniões da AGP. Arrumo pequenos trabalhos, um bico ou outro pra levantar dinheiro, e como eu morava com meus pais dava pra aquecer e fiquei me dedicando praticamente de 2000 ate 2002 só ao ativismo.

O jovem-militante-estagiário-universitário passa a ser apenas o ativista que ganha um pouco de dinheiro com trabalhos informais e que pode contar com a moradia dos pais. Assim como B, muitos jovens do movimento em São Paulo precisam de suas famílias e acabamos por ver um verdadeiro impasse. Estavam muito ocupados com o ativismo, no caso de B foram 2 anos, e não conseguem uma estabilidade financeira. Estão divididos entre o ativismo e a cobrança de suas famílias no que diz respeito aos estudos e a vida profissional. Enquanto B foi o estagiário-universitário em um importante partido político, podemos imaginar que muitos lhe viam como alguém muito promissor no convencional das relações sociais. Agora ele passou a ser apenas o ativista. Isso é preocupante para as famílias, já que militância política nunca encheu a barriga de ninguém, a não ser para os profissionais do ramo. Mas por alguma razão isso não é um problema que impeça B de continuar.

Até agora vimos que não há distinção no emprego dos termos militante e ativismo. Sem aprofundar com o devido mérito da questão, mas reconhecendo a necessidade de apontar para isso, podemos dizer que “militante” vem carregado de um sentido mais operacional, enquanto “ativista” exige uma postura mais voluntária e independente. O

militante é aquele que como um militar exerce uma função determinada para que essa ação aconteça. O ativista tenta romper com o esteriótipo do revolucionário padrão, da fidelidade com a “cartilha” que em muitos momentos acompanha os membros de movimentos sociais e assim busca por uma percepção mais diluída e menos caricatural.

Entretanto, mesmo o emprego do termo ativista traz problemas. A dimensão da emancipação extrapola ambos os conceitos. Apesar do uso de militante estar mais associado à esquerda tradicional e de ativista a nova esquerda, ambos possuem limitações por se tratar de símbolos que existem como papéis. A identidade daquele que busca por mais autonomia deve ampliar o repertório de possibilidade para a emancipação. O pós-convencional precisa se ampliar para além do ser conhecido no papel que executa.

Queremos mais adiante saber como o autonomista, independente da terminologia adotada (militante ou ativista) questiona ambos os papéis. Será ele capaz de manter o questionamento a si mesmo? Por enquanto, faremos o exercício de ver o militante como um substantivo e o ativismo autonomista como um adjetivo. Na fala de B isso não ganha o mesmo significado, então devemos estar atentados para o contexto em que aparecem ambos os termos.

Voltemos ao B e em como vai se delineando um projeto futuro.

Eu ia colocar cartazes de convocação pra atos, e tal, fazia de tudo e ia fazendo toda essa correria ativista, participando muito mesmo, me dedicando de forma integral. Inclusive eu paro pra pensar e acho que foi o que me manteve, vamos dizer assim, firmado já que estava sem estudar e sem trabalho fixo. Ficava nessa correria e em 2002 entrei no curso de sociologia dando mais um rumo pra minha vida.

Podemos identificar como o ativismo pode ser agregador de sentido para os dias de hoje. B encontra nesse momento algo que seja um fim em si mesmo. Apesar de nem toda ação política ser vista dessa maneira, e é bom que nem sempre seja, ela pode ser enquanto sentido, uma idéia maior. Quando pensamos nas políticas das relações estamos pensando nesse lugar e é nesse ponto que as relações ativistas transcendem o profissionalismo dos seus encontros.

A identidade que é metamorfose precisa se provocar para que os fragmentos de emancipação se tornem de fato sinônimo de autonomia para os indivíduos e

consequentemente para suas comunidades. B volta a estudar e agora encontra novas chances de realização pessoal. Ele agora é o ativista-universitário-de-sociologia por vontade própria e não por que seu pai gostaria. O ativismo vai se tornando uma maneira própria de estar no mundo.

Eu continuei na militância com esse pessoal (da AGP) e entrei definitivamente no Centro de Mídia Independente no final de 2001 e foi a organização que eu me identifiquei mesmo e que estou até hoje, apesar dos trancos e barrancos. (...) Daí eu entrei no CMI e também fui convidado pra fazer parte de um coletivo que chamava Ação Local por Justiça Global, um pouco depois do CMI, se não me engano no final de 2001. Então fui participando desses dois coletivos, militando e tal, pela Ação Local organizava os protesto e pelo CMI a parte de mídia, mais até pela Ação Local organizando os atos e os protestos tentando seguir o calendário de luta contra o neoliberalismo. Bom, eu vou tentar resumir aqui um pouco, porque se não vai ficar muito comprido e começa uma nova etapa da minha vida. Foi indo, indo e (...)

Eis que aparecem novos elementos contra o que lutar. Agora B aponta para uma nova fase na maneira de continuar com o ativismo.

ah... no final de 2001 teve o ataque do 11 de setembro e acabou mudando todo panorama desse tipo de ativismo. Até o 11 de setembro o centro de atenção da mídia e da política internacional eram os protestos antiglobalização. Era um movimento ascendente, uma coisa nova, com outro tipo de organização, sem disputar o poder, querendo transformação pela ação direta, foi que... eu até lembro de uma pesquisa que se falava que na Europa Ocidental 56% das pessoas, dos cidadãos apoiavam ação direta violenta contra os órgãos que administram o capital internacional, isso um pouco antes de 2001. 56% das pessoas na Europa estavam apoiando! Apoiando ação direta violenta, Black Block, jogar coquitel molotov e essas coisas. Então você vê que o sistema estava em xeque mesmo. Aí teve Genova, e com a morte do Carlo Giuliani que foi um baque no movimento, e depois teve o 11 de setembro e aí mudou tudo... Uma coisa que estava crescendo começou a ser cogitada como um terrorismo.

Tudo que questionava o sistema começou a ser terrorismo, da noite pro dia! Eu me lembro que no CMI teve várias discussões de como a gente ia fazer a cobertura do atentado, e lembro que estavam cogitando na tv que os autores dos ataques, que ninguém sabia quem era, estavam dizendo que eram ativistas antiglobalização. Na hora falaram que foi o Black Block que seqüestrou o avião e jogou nas torres. Isso deu uma mostra do que viria daquele momento em diante.

Esse é um ponto importante para os novos movimentos sociais e para o ativismo de B. Importante na revisão do modo de agirem, assim como na maneira de seus ativistas continuarem a viver em um mundo que ficou muito mais opressor. As estruturas convencionais da ordem sistêmica optaram por militarizar os espaços públicos. A privatização do mundo foi acelerada com a promessa de mais segurança. Como B e outros ativistas iriam lidar com um mundo muito mais armado e vigiado se ainda não tinha dinheiro suficiente para sair da casa de seus pais? B descreve um momento bastante ameaçador por ser essa época um marco na criminalização dos movimentos sociais. Ele está surpreso com isso tudo.

Em certo tempo suas ações parecem conduzir para uma mudança de paradigma e em outro estão todos ameaçados em suas liberdades e seus direitos básicos. Com a morte do ativista italiano Carlo Giuliani nos protestos em Genova contra a reunião do G8 em 2002, ficou claro a situação atual de confrontação entre o sistema capitalista e aqueles que não o aceitavam mais. Essa morte mostrou a possibilidade do que aconteceria com quem continuasse a lutar por outra forma de viver.

(...) tudo que contesta o sistema capitalista atual começou a ser tachado de terrorismo, tudo que faça uma contestação mais contundente. Então isso foi esvaziando as mobilizações, o calendário de ação global, e com o tempo foi se esvaziando mesmo, já que as pessoas ficaram com medo por se envolver na militância, ser acusada de terrorismo. Isso no mundo inteiro.

B parte de um ponto de vista onde o medo e o risco das coisas que estavam em jogo tornaram-se muito grande. Por toda a parte a repressão aos movimentos sociais foi se intensificando e notamos também, juntamente com um questionamento interno do

Movimento de Resistência Global e suas ações, uma diminuição de tudo que estava acontecendo. O momento pede uma avaliação que considere o risco de perda da própria vida e de coisas que podem ser importante para cada um. No caso de B ele passa a focar suas ações e não mais ser o ativista-que-faz-tudo.

(...) até a gente chegar no momento atual. Ainda existe o Movimento de Resistência Global, mas uma parte foi cooptada pelo Fórum Social, mas isso você deve estar falando, né? Porque o Fórum Social foi uma maneira da esquerda tradicional cooptar pessoas desse movimento. Então temos uma série de situações que foi esvaziando a militância de rua e aí eu fui me dedicando mais ao trabalho no CMI. Cada vez mais até ter a dissolução da Ação Local, que mesmo não tendo uma dissolução formal, acabou mais pra frente, lá por 2003. A gente conseguiu levar os protestos até 2003 mesmo, depois disso muita gente acabou se envolvendo só em um grupo e eu e outras pessoas só no CMI. A Ação Local congelou. Então no CMI estou militando mais, onde construí mesmo minha militância que muitas pessoas chamam de autônomo, ajudando a construir a rede, ajudando a construir coletivos em outras cidades, produzindo notícias, fazendo coberturas de ocupações e ações de movimentos sociais, assim como os fatos políticos mais relevantes que acontecem no Brasil e no mundo. (...) Dentro do CMI, ah! é aquela coisa, você acaba criando amigos e tal, mas tem aquela coisa que não há nada perfeito, eu comecei a ter minhas decepções também, depois de 2003.

O tempo passa e B assumi seu lugar na luta anticapitalista como um ativista autonomista. Reconhece que o ativismo autonomista esta presente em sua história política junto do CMI e que há também críticas ao que foi feito de outras pessoas nos tempos da AGP. Agora ele é voluntário do CMI e sabe que ali existem conflitos e situações contraditórias que precisaram ser trabalhadas. Novamente, o que fazer com as decepções?

Pude notar em outros ativistas que isso também ocorreu e em alguns deles com grande ingenuidade e romantismo para com o ativismo em si. Muitas pessoas às vezes se envolvem em movimentos sociais acreditando que todos que estão ali, encontram-se em um nível superior de força moral e que não cometerão erros. Pensam que estão livres da inveja, do egoísmo, da intriga, da mentira e outras coisas mais que nos incomodam e entristecem

tanto. Há certo purismo e idealismo ingênuo, onde não podem ou não querem ver que aqueles que lutam em um movimentos sociais são pessoas, que são como todas as outras e que pode acontecer do mau caráter não estar apenas entre os capitalistas exploradores.

As buscas não se atêm apenas pela diferença, mas também de uma promessa do que pode ser melhor. Temos a tendência de avaliar os outros por suas ações e a nós mesmos pelas nossas intenções, sem conseguir alcançar esse equilíbrio de interpretação. Então B passa a questionar seu coletivo, alguns princípios e as relações que estabelece com outros ativistas.

(...) com o ativismo de uma maneira geral. Porque é assim: os princípios desse tipo de ativismo, como os que estavam na AGP em geral como a horizontalidade, decisões por consenso, tudo muito legal e bonito, mas com o tempo e na medida que as coisas vão ficando mais sérias, elas vão mostrando suas limitações, isso na minha análise e no meu ponto de vista. Eu comecei a ficar decepcionado, mas não decepcionado como eu estava com o PT, mas comecei a ver que não era aquele mar de rosas.

Com algumas situações vividas não apenas o questionamento em si vai mudando, mas sua qualidade também. Primeiro ele se decepciona com as limitações da estrutura organizacional, depois passa para algo mais criterioso podendo fazer referências a suas experiências anteriores. Sabe que por muitos lugares que passar as contradições estão mais próximas do que pode imaginar. Essa decepção não é agora uma sensação de abandono e perda, mas de deslocamentos na dinâmica funcional do grupo. Nesse momento ele ocupa um lugar que lhe permite questionar com maior profundidade. Não aparecem mais falas como “as coisas são assim mesmo”, e ele nem poderia aceitar isso como antes. O ativista passa a ser também o ativista-questionador-de-si-mesmo.

Como eu vou dizer? Com o tempo vem grande aprendizagens. Por exemplo, existia realmente o consenso dentro do CMI? Ou mesmo em toda a militância autônomo? Eu fui vendo quem em muitos casos não era bem o consenso, mas um “consenso” imposto. Tinha a reunião, umas 3 ou 4 pessoas falando, as outras por diferentes motivos não falam, fazem propostas e é aprovada porque... sabe essa coisa? (...) a gente tava aprendendo, estava todo mundo

junto tentando fazer um novo tipo de política. (...) mas indiretamente talvez, inconscientemente imposto, um consenso não muito democrático. Mas isso também era bastante por causa do comportamento das pessoas que não se manifestavam. (...)

Questionar o lugar que fazemos parte é ser capaz de avaliar sua própria posição. Eles estão experimentando novas situações e não há certeza alguma de que aquilo que fazem surtirá o efeito desejado. Possível seja que antigas práticas se reproduzam em novas estruturas. Ter a intenção de mudar não é garantia de que a mudança existirá. Devesse trabalhar e reconhecer uma situação diferente para resolver os problemas que foram criados anteriormente. O físico Albert Einstein dizia que um problema não pode ser resolvido com a mesma inteligência que o criou. Assim, o ativista se pergunta a respeito de como vive os conceitos e as idéias que defende.

(...)pelo fato das pessoas não entenderem o que de fato é o consenso e pelo fato também de colocarem o consenso como único método de decisão. O que é compreensivo porque estavam saindo e tentando ser um contraponto de uma militância de esquerda que estava ultrapassada, como a esquerda partidária, centralismo democrático, e tudo mais, então a AGP aparece como uma resposta a isso, a esse modelo de centralismo e a essa hierarquia que se esgotou, e então a resposta foi uma coisa radicalmente oposto. E hoje em dia eu paro pra ver que esse radicalmente oposto também tem inúmeros problemas. Isso é uma coisa que nos faz enfrentar problemas até hoje, inclusive uma preocupação minha interna ao ativismo é isso: o consenso, horizontalidade, essas coisas como um dogma. Virou um dogma pra maioria dos militantes.

Novamente as limitações de um único modo de pensar. Não das idéias em si, mas da promessa da mudança sem de fato enfrentar as limitações que podem existir nesse novo jeito de se relacionar. B se mostra bem disposto, e porque não dizer corajoso em reavaliar os espaços que atua. Sua espontaneidade é latente e não sente necessidade de cuidar das revelações que faz. Ele esteve ao lado da militância tradicional de esquerda e viu os problemas e limitações dessas estruturas. Foi conduzido para outro ativismo e precisa enfrentá-lo igualmente, mas ser capaz de discerni-los e reconhecer que não há um “mar de

rosas” revela uma tendência em lidar melhor com as frustrações, investindo na superação das contradições sem desistir delas. Agora ele quer ampliar os aspectos pragmáticos da militância.

(...) Querendo ou não a gente esta numa guerra contra o sistema. Todo mundo que contesta, tanto a esquerda tradicional quanto essa esquerda autonomista, eu encaro isso como uma guerra que pode ser travada de diversas maneiras e, como toda guerra você tem que tomar uma decisão rápida e esse tipo de metodologia que sacraliza o consenso como uma coisa impossibilita de tomar decisões rápidas, acaba colocando em xeque até mesmo os objetivos a se seguir, que são quais? Que é criar um mundo com justiça social, que combine essa justiça social com direitos civis, que destrua essa forma atual de produção desse capitalismo e crie uma forma de produção superior.

O senso de justiça não se perde quando colocado próximo da necessidade de lidar com as estratégias reais de transformação. Vemos que a crítica de sua atuação é por ansiar uma continuidade do que seja possível na luta anticapitalista. O uso da linguagem não poupa seu grupo ao mesmo tempo em que não esvazia o discurso utópico presente. E então passa a apontar preocupação com o futuro.

(...) se a gente ficar seguindo esses dogmas que foram criados para o que é uma esquerda alternativa a gente não vai nunca superar o capitalismo, não vai nunca derrotar nossos inimigos e é provável que em um futuro se tiver uma ruptura pela direita, a gente vai ser eliminado por não ser capaz de dar respostas.

Essa preocupação com o que ainda não foi, mas pode vir a ser, se redime quando personaliza mais as histórias das pessoas que o acompanham nesse momento. Escutar outras razões para fazer a mesma coisa pode colocá-lo em espaços mais seletivos, tanto das amizades como dentro de si mesmo. Falar e enfrentar as coisas boas e principalmente as coisas ruins é trabalhar em uma condição que não ofereça muito campo para hipocrisias e falsas imagens. Talvez as diminua e quem sabe, reconheça-as sem negá-las.

(...) esse tipo de dinâmica cria, como dizer... bom, atrai pessoas bem interessantes, inteligentes, que não são massa de manobra e isso é muito legal nesse tipo de dinâmica, ela traz pessoas que se recusam a ser massa de manobra, que tem um discernimento crítico. Eu vejo que quem entra em partido de esquerda na sua grande maioria é gado, gente que em outros campos da sua vida pessoal também foi gado, elas obedecem ordens absurdas, acreditam em hierarquias injustificáveis e essa esquerda autonomista não. Ela traz gente inteligente e questionadora de verdade.

B pode estar falando dele mesmo em diferentes ocasiões. Quando ele foi membro da esquerda institucional, quando foi cursar uma universidade por pressão de seu pai e quando rompeu com essas situações. Ele está mais experiente e atento para as nuances dos grupos políticos e os confrontos com o que não concorda. Mostra-nos uma disposição para reconhecer onde há força e onde há dispersão.

(...)mas é aquele negócio que tudo em excesso é prejudicial, porque a gente acaba atraindo “rebeldes sem causa”, gente que quer ser o rebelde em tudo e qualquer coisa que a gente queira discutir, mais de uma necessidade coletiva, não pode. “Ninguém manda em mim”. “Nenhuma organização vai mandar em mim”. (...) E hoje tenho clara noção disso, que a gente atrai um certo tipo de jovem com “n” motivos para sua rebeldia, e cada um tem seu motivo, mas uma rebeldia assim, extremada contra qualquer tipo de autoridade e delegação de decisão. Isso é como tinha falado pra você, acaba atravancando processos em momento de emergência e não apenas nisso mas também para outros projetos mais relevantes e acaba não funcionando. Hoje em dia, pelo fato de ter participado da militância em partido político e por participar até hoje da militância tachada de autonomista ou nova esquerda, sei lá, eu vejo que pelo menos com relação ao consenso tem que ter um equilíbrio.

Existe um apelo ao equilíbrio. Os espaços da esquerda tradicional e os da esquerda autonomista podem cair em extremos que para B, irão minar não apenas as suas respectivas estruturas, mas a própria relação de quem trabalha para mantê-las. Esse é um ponto significativo para entender a autonomia e a sutil diferença com a anomia. Enquanto a

autonomia precisa acontecer na relação entre duas ou mais pessoas, a anomia é o passo anterior que leva ao livre arbítrio. O livre arbítrio é a capacidade individual de cada um fazer o que quer, considerando apenas sua perspectiva. Sempre é individual. Agora a autonomia é uma capacidade dada no coletivo, onde a decisão individual ou não, tem que ser considerada pelo coletivo.

Podemos identificar diferentes desconfortos na trajetória política de B, mas agora há uma diferença que é remetida no processo de construção da autonomia. O desafio de viver pela legitimação do outro precisa ser considerada de todas as partes envolvidas. Quando aceitamos o que o outro nos fala precisamos ter certeza de que temos acesso às motivações do que ele nos apresenta. Na ausência dessa possibilidade estaremos sendo enganados e no caso da democracia, isso pode vir a ser dominação de uns poucos sobre muitos.

B nesse momento ainda não pode lidar com exatidão onde esta o equilíbrio da ação política no mundo da vida. Podemos nos perguntar até que ponto as relações pessoais beneficiam, por exemplo, a resolução desse tipo de situação? E também até que ponto podem prejudicar? A dimensão do político influenciando o mundo da vida e as relações do cotidiano influenciando o político é tênue. Talvez caiba nos perguntar quanta autonomia o Movimento pode de fato levar aos seus membros.

Hoje em dia chego a conclusão que boa parte dos problemas das organizações autonomistas e talvez dentro de outras organizações é um problema psicológico. Não é de disputa política, mas psicológico mesmo. De perfis psicológico que entram em conflito dentro dessas organizações. No partido isso esta um pouco mais diluído porque tem uma estrutura hierárquica, tem comissões disciplinares, então um pouco mais controlada, não estou dizendo que é perfeito. Agora nas organizações horizontais e autonomistas é uma desgraça porque... veja, primeiro: todo mundo é igual. O voluntário que esta a 10 anos e o voluntário que começou a freqüentar as reuniões a 1 mês são iguais. Eu acho hoje em dia que em alguns aspectos as hierarquias são necessárias. Eu combato hierarquias injustificáveis, tomar cuidado em lugares que não há necessidade de existir, mas algumas eu acho que tem que ter.

Esse aspecto da autonomia criada no movimento nos conduz a necessidade de limpar alguns conceitos. Vemos que nesse momento, B aproxima idéias de heteronomia, anomia e

autonomia e acabamos por ter um problema conceitual. Enquanto os membros desse coletivo não puderem identificar onde estão essas diferenças, estarão sujeitos a distorções em sua comunicação. Melhorar a comunicação é saber o tempo de cada escolha e da capacidade de decidir por elas.

Estamos diante de um ponto que foi muito importante para a teoria que é entender como os aspectos psicológicos estão presentes nos movimentos sociais. Esse fato foi historicamente muito negligenciado e podemos adotar diferentes posturas para lidar com esses elementos: talvez pensar na psicologia como instrumento de concepção política; pensar na psicologia dos movimentos sociais; e lidar com a subjetividade das pessoas nos movimentos sociais. Tudo isso é alimentar um debate para tentar lidar com situações como a descrita por B. Um problema conceitual apresentado para o movimento que se não for superado pode conduzir a ideologia para uma patologia.

A incorporação de conceitos distorcidos leva a neurose e não o contrário. Sem desconsiderar a individualidade dos sujeitos, isso pode comportar uma disfunção que leva a patologia. Não é uma relação dialética sobre a disfunção e a patologia, mas perceber pelo discurso que parte dos problemas são dados pela incapacidade de incorporação da normatividade. Dizer que alguém tem limitações em lidar com normas por ser simplesmente incapaz, não resolve o desafio para se chegar a boas decisões. O que se deve saber é se a comunicação e o entendimento das normas contidas nessa comunicação puderam de fato ser incorporadas pelas pessoas. Se a autonomia é dada na relação que necessita considerar o coletivo, a incorporação de uma normatividade pode melhorar essa mesma autonomia.

Como pensar nos aspectos da igualdade e como isso reflete na formação política de alguém que faz parte de um movimento social, pode ser uma maneira de desmistificar o processo autonomista. Lidar com normas implica na maturidade que as pessoas são capazes de desenvolver durante suas relações. O enfrentamento das limitações e da espera que cada um tem para compreender uma tomada de decisão talvez venha revelar, entre outras coisas, o comprometimento e a motivação que cada um tem com uma luta social. B nos mostra um pouco disso.

*Acho que essa hierarquia da experiência tem que existir. e para ela não cristalizar, não virar uma casta de iluminados tem que se ter um processo. (...)
Sabe, acho que pessoas que acabam de entrar em uma organização como o*

CMI não podem ter o mesmo peso de decisão que chega a bloquear o consenso do coletivo. Eu não consigo enxergar isso. Não acho isso justo. (...) Você está lá há 10 anos trabalhando e vem um cara que está a 1 mês e é um cara sei lá, meio como te falei que o CMI e a militância autonomista atrai gente “rebelde” e a rebeldia muitas vezes – o cara pode até não ter consciência disso – não é política, mas é um estado de animo dele. Então se você tem esse tipo de gente lá dentro, ele fica expressando a rebeldia dele contra tudo e contra todos e, pelo fato de ter esse horizontalismo tem que respeitar a opinião do cara... poxa, isso é foda! Nossa! É uma coisa que desgasta muito. Cheguei até a ficar doente com isso. (...) O cara não faz nada, mas tem o mesmo peso de decisão que um cara que está a 10 anos dedicando 2, 3 horas por dia pro CMI. E vai colocar todo mundo com o mesmo peso de decisão?

B se debate com um dilema nos revelando uma tendência antiga: como aceitar a importância de cada indivíduo ao mesmo tempo em que há tantas diferenças, como por exemplo, da experiência? Ele não acredita que apenas pelo fato de alguém estar presente em uma reunião deve ser capaz de interromper decisões coletivas. Muitos elementos devem ser considerados, desde a divisão de tarefas até a competência para operacionalizá-las. Considerar também a presença real e a presença virtual, já que o CMI realiza muitas reuniões tanto em espaços físicos como por listas de e-mails. Assim, tenta lidar com o conflito utilizando argumentos de natureza mais abstrata e uma de suas relações dentro do coletivo.

(...) porque acho que tem algo terapêutico. Estou chegando a conclusão que esse tipo de pessoa, com sua presença virtual no CMI, tem um cunho terapêutico. Uma coisa meio de desencargo de consciência - sabe, “ah, eu colaborei em um projeto que quer mudar o mundo”. Estou começando a chegar nessa conclusão.

Uma das questões que motivaram a realização deste trabalho foi o interesse em saber um pouco melhor porque as pessoas se envolvem em determinados projetos e não em outros. Quais motivações nos conduzem a estar em um determinado grupo e não em outro? Um tema bastante implicado pela subjetividade e personalidade de cada indivíduo.

Essa condição de pensar as motivações das pessoas nos faz pensar sobre nossas próprias motivações. A época em que cada pessoa vive, o tempo não medido pelo relógio, as condições para elaboração das informações, a capacidade de articulação de idéias, a presença de pessoas que admiramos e gostamos, são alguns fatores que podem influenciar nessas questões. Não é apenas na formalidade da discussão política que se pensa a transformação do mundo em que vivemos. Ela acontece em muitos outros lugares, muitas vezes quando não se está preparado para que aconteça.

E aí o que acontece? Você usa espaços informais de socialização dos voluntários. Festinha, casa de amigo, barzinho, e nesses espaços informais (...) acabam rolando formações de opiniões de coisas referentes ao coletivo, a rede. E aí vai naquela coisa... começam a falar do cara, que ele é isso, é aquilo... tem toda uma ressonância. Eu vejo como um grande problema.

Realmente o problema aparece quando não se é capaz de fazer bom uso das relações e passa a manipular determinados contextos. Porque falar de alguém e apontar críticas quando ela não está presente? Existe certa espontaneidade dos diálogos em que nem sempre é possível estar atento para suas nuances.

Pode-se falar de tudo, mas se pode também escolher a respeito do que falar. Nesse sentido, vemos que muitas decisões e, não apenas no movimento de resistência global, no meio autonomista, na militância de esquerda de um modo geral, muitas coisas são decididas e elaboradas de uma outra forma, exatamente nesses espaços informais, como na mesa de um bar tomando cerveja. Temos que considerar como isso é para alguns ativistas. Falar de coisas do ativismo nesses lugares não ativistas, por exemplo. Falar disso com outros amigos não ativistas ou com sua família.

Na mesa de bar eu procuro não aprofundar muito. Principalmente quando é uma questão extremamente polemica. Procuro pensar, conversar, ouvir a opinião de um, de outro, mas estou sempre me policiando pra não fechar bloco. Usar espaço informal pra não fechar um bloco de opinião. Porque eu tenho – não sei se é a forma mais correta – mas eu encaro que essas coisas têm que ser discutidas em reunião, porque se não esses espaços informais acabam virando a reunião da reunião. Onde um bloco se reúne, se articula, depois chega na

reunião com algo já fechado e impõe algo para as pessoas que não puderam se articular em espaços fora da reunião. Sabe, mas eu levo mais como uma opinião. “Minha opinião é essa e qual é a sua?” sabe? Uma coisa mais de análise e não de encaminhamento ou tomada de decisão. Eu nunca, nunca... bom, eu já fiz isso, mas agora... eu não tomo decisões sobre ativismo na mesa de bar. Nenhuma. “a gente tem que fazer tal coisa na reunião...” Eu evito isso ao marxismo. A não ser que seja um encaminhamento pequeno, como reservar uma sala para a reunião e tal. Mas para encaminhamento de coisas relevantes eu tento não usar os espaços informais com meus companheiros de militância. Eu acho isso complicado, mas ao mesmo tempo que eu não faço isso, eu sou, na minha percepção, ou estou em desvantagem com relação as pessoas que fazem isso. Né? É uma incógnita.

Isso que B nos conta é o desafio para a nova política que precisamos. Uma política não maniqueísta, não maquiavélica. Pode-se pensar em diferenças de opiniões e até mesmo na tentativa de influencia-las, mas evitar a manipulação é urgente. Uma conduta rara no que diz respeito à militância, independente de posição ideológica.

Preservar a particularidade de um encontro é semear tolerância e respeito. Não utilizar uma posição ou convenção para garantir a manutenção daquilo que me agrada sem levar o outro e suas escolhas em consideração, passa a ser uma conduta ética que a longo prazo fará diferença para nosso convívio, mas para isso tenho que abrir mão de algum ganho imediato e mesmo arriscar ferir outros para estruturar essa outra forma de fazer as coisas. Temos um ativismo do risco.

Ao mesmo tempo que eu evito fazer isso, sei que quem faz isso tem uma certa vantagem sobre mim na hora da reunião. Agora com a minha família e falar sobre ativismo nos espaços informais é mais uma coisa de dar satisfação para meus pais. Porque eu não me aprofundo nisso muito com eles. Passa como uma coisa bem distante deles atualmente. Apesar das coisas do passado. Hoje é mais deixá-los de sobre aviso – “a gente fez uma cobertura tal...” – porque querendo ou não, a militância na esquerda autonomista tem um certo risco na minha opinião, que eu não tinha quando militava no PT. Ela é bem mais contestadora, bem mais radical. A gente vai fazer cobertura em algumas ocupações e eu

posso ser preso. Vou estar em um ato e acaba fugindo do planejado e vira um quebra pau – eu posso apanhar, posso ser morto. Então quando falo com meus pais, com minha família é para deixá-los cientes do que eu faço para que não seja uma surpresa se algo de ruim acontecer, ou mesmo de algo bom, para que eles não fiquem tão surpresos assim, como um choque. Querendo ou não meus pais já tem uma certa idade e um choque muito grande pode dar um probleminha de saúde neles (risos). Da noite pro dia é capaz do filho deles aparecer na tv, ou sendo preso, ou conquistando uma grande vitória junto com algum movimento. Eles verem minha cara como já aconteceu diversas vezes – eles estavam vendo o Jornal Nacional que falava de algum ato que eu estava presente e de repente aparece minha cara junto com a galera e tirando foto. Então eu já deixo eles de sobre aviso. E com os amigos é aquela coisa, quem não é envolvido com o projeto tal a gente vai conversando... e se bobear é mais como uma extensão da minha militância, ta entendendo? Mas também apenas de defender minha opinião com os amigos, assim como meus pais, acabo defendendo muito minha opinião. Mas eu também tento formar a opinião dos meus pais. Sabe, de usar esse espaços para tentar formar opinião das outras pessoas. Agora espaço informal com militante do CMI eu tento ter esse cuidado de não querer tomar encaminhamento e tal porque acho complicado. Acho injusto com o processo, com o que esta lá no papel dizendo como dever ser a tomada de decisão dentro da rede.

Os diferentes papéis para uma mesma argumentação de quando o ativista também é filho, amigo, companheiro e não pode ignorar isso. Não se trata de conveniência, mas como manter uma boa relação com aqueles que não pensam como eu? Não se perder na ambigüidade e dilemas de posicionamentos que a vida exige é fazer dos encontros uma oportunidade de aprendizagem constante.

Voltamos novamente ao equívoco de pensar a identidade do ativista autonomista como papel. O autonomista pode ser qualquer um: filho, professor, mãe... A diferença é como a autonomia norteia esses papéis. B tenta formar opiniões, quer cuidar daqueles que lhe são tão caros, mas não desconsidera sua atuação política, não descarta outras possibilidades para dizer o que pensa apenas para agradar essas mesmas pessoas. Vemos como uma idéia pode estar incorporada à maneira de viver e mesmo levando contextos e

peças em consideração, isso amplia a chance de aprimorar não apenas o político das relações, mas a própria experiência de vida. O processo precisa ser tratado com devida atenção, assim como todos aqueles que não fazem parte explícita dele. Buscando outros aspectos, B parte para uma argumentação em que esses são os pontos em maior evidência, fazendo questão em apresentar os negativos, voltando a olhar todos os aspectos para sua própria vida.

O que eu quero dizer com isso tem haver com todos esses problemas que acabo de te falar. É que eu também só te falei o lado negativo dessas coisas. (...) Acontece que as positivas tudo mundo já exalta. Acho que você tem outros meios pra ver isso, agora os negativos são esses. (...) Olha, eu percebo como... como te falei, cria um ambiente de pessoas que não são gado, que não são manipuláveis e isso acho legal. Ou facilmente manipuláveis. Isso eu acho sensacional. Pra mim a transformação parte das pessoas, apesar de ter conflito social macro e tal, o que muda mesmo são as pessoas. E se a gente quer mudar o mundo pra melhor, a gente não pode ter um bando de cordeirinhos. Tem que ser pessoas que pensem, que saibam analisar uma situação. Acho que esse tipo de militância já é pra algumas pessoas um passo que estimula essa crítica, de não ser gado, não ser manipulado por algum líder carismático.

Novos fragmentos de emancipação despontam e obriga a buscar por mais autonomia. Começamos a ver mais claramente como se dá a influência do Movimento de Resistência Global na vida de B e a dimensão da continuidade em sua formação. Acredito que essa autonomia é fruto do exercício para rupturas com formas convencionais de lidar com a política. Escolhas foram tomadas durante a trajetória de B e seguir com essas escolhas de maneira coerente é garantir a manutenção da luta por emancipação.

Sobre a questão do consenso isso te faz tolerar mais a diferença. É um exercício de paciência. Agora se o cara não sabe exercitar a paciência, não aproveitar isso pra exercitar a paciência ele acaba ficando doente. Como eu fiquei um tempo (risos). Mesmo, fisicamente, com gastrite e essas coisas. Então a questão do consenso do lado positivo é que me faz exercitar a paciência. (...) antes eu não tinha muita consciência desse lado da paciência. Eu comecei a ter

consciência dessa oportunidade de praticar a paciência depois que comecei a trabalhar minha espiritualidade com a ayusca. Fui mexendo com a ayusca, com esse trabalho de expansão da consciência e reflexão da vida, fui vendo com a paciência é importante para encaminharmos nosso diversos problemas. Hoje em dia eu vejo que se não fosse esse ensinamento da paciência eu não iria conseguir usar essa questão do consenso para estar praticando isso. Só aí já agrega um negócio estranho porque o consenso é interessante para eu poder respeitar as diferenças e para praticar minha paciência. Agora eu só fui ter esse insight fora do ativismo (risos). Isso é complicado porque não sei onde começa uma coisa e termina outra.

A formação de B passa por diferentes locais. Isso é interessante por levar em consideração, lugares que possibilitam uma capacidade de auto-reflexão fora do ativismo. Agora B é um universitário-ativista-espiritualista que busca aprimorar a paciência. Esse é um dos lugares onde o ativismo autonomista tem mostrado aspectos do pós-convencional da identidade universalista citada por Habermas anteriormente. Não saber onde começa uma coisa e termina outra é lidar com processos emancipatórios repletos da condição humana que reivindica liberdade.

Tentar um posicionamento que o capacita a se colocar no lugar do outro, reconhecendo a intersubjetividade e sua ampliação que o leve a respeitar a diferença e a maior tolerância. Tão importante em se saber quem é, ou aquilo que esta acontecendo, é o que se pretende para manter a motivação enquanto o Ser ainda se faz. A motivação pode ser a maneira de realizar o trabalho para aquilo que sabemos ser interminável. A motivação para um processo emancipatório de uma identidade que esta sempre em acabamento e também é inacabável.

Eu me identifico sabendo que não sou daquela esquerda tradicional, mas também não sou dessa esquerda alternativa autonomista (...) então eu não consigo me identificar muito com essas questões do tipo ideal do que seja um ativista autonomista. Eu acho que eu não sou nem isso e nem um ativista da esquerda tradicional.

Essa é a importância da formação do Eu e da superação do papel que vem a constituir uma identidade pós-convencional. Isso é exatamente um dos elementos que aparecem no processo autonomista e na universalidade de sua identidade, que é lidar com a imprevisibilidade, com a incerteza. Como vimos entre os argentinos de alguns MTDs e Assemblearios discursos como: “olha, não sei bem o que eu sou”, principalmente quando eles são cobrados em suas definições. Eles evitam essa definição – eu sou isso - exatamente como B esta falando agora. “Eu não sou isso, mas também não sei se sou aquilo. Isso não é importante pra mim, é importante como nós vamos fazer as coisas”. Então B é confrontado com a possibilidade de não se definir e sua negação passa a ser sua condição.

(...) Nesse ponto eu tenho uma característica disso que o pessoal chama de autonomista. “Que autonomista? que anarquista? Eu não sou nada!” (risos) Engraçado... porque eu não tinha parado para pensar nisso (risos) Mas o que eu quero dizer é assim... como é mesmo. Deu um nó agora!

Então a confusão de existir pela negação faz aparecer uma outra chance de mobilizar questionamentos que alimentem quem ele pretende ser.

Mas eu acho que tem uma diferença. Espera aí. Eu não me percebo nesse lugar por que me questiono... Apesar de me ver falando de uma mesma posição de muitas pessoas que se dizem autonomista, eu acho que a diferença do que estou falando é porque eu questiono certos valores que são sagrados para os autonomistas. Eu acho que a minha principal diferença é essa.(...) inclusive para esses autonomistas que não são nada e que não querem se definir, mas que por outro lado dizem que o consenso é supremo, a horizontalidade é suprema, e é assim que tem que ser e todo mundo falar de tudo e ninguém pode decidir nada pelo coletivo. Eu questiono isso e é por isso que eu falo que não me identifico.

O questionamento de B faz com que o consenso e a horizontalidade sejam revistos. E essa falta de definição, existindo ou não é o que causa problema, como de hierarquias informais, de manipulações, de bastidores, o respeito que as pessoas podem ter por um

ativista que esta a mais tempo e é mais carismático em detrimento de outro que pode estar a menos tempo e ser menos carismático.

O fato de estar apontando esse problema, pode fazer com que saia do modelo convencional ativista, inclusive do autonomista. Novamente estamos diante do fato de não haver garantias para que haja um jeito de ser um ativista autonomista. Existem vários modos de lidar com o ativismo para a ampliação da autonomia. A história de B vem se desdobrando nessas alternativas para a existência de elementos diversificados na luta do mundo da vida. B traz muitos momentos que não dizem respeito apenas ao ativismo, mas das relações humanas. Aconteceu de B dar sentido para sua vida pelo ativismo e pensa que o ativismo pode ser um aglutinador de sentidos para um mundo onde isso falta.

(...) Acho que pode resgatar algumas coisas que estão esquecidas por aí nas relações humanas. As vezes falta respeito entre o pessoal, mas da sentido sim, dá para as pessoas continuarem a seguir com essa vida. O que leva as pessoas a serem ativistas é que estão insatisfeitas com alguma coisa e querem mudar sem ficar esperando que outros façam isso por elas. Essa é uma das coisas, que elas não querem esperar e ver alguém fazer isso por elas. Querem participar da mudança.

A decisão é marcada pela passagem da intenção em ação. Willian Blake disse certa vez que aquele que deseja e não age, gera pestilência. Permanecer na intencionalidade da boa idéia não é suficiente para B e nessa direção encontrar sentido para prosseguir com sua luta é pensar nas perguntas que pode fazer agora.

(...) pelo menos eu, acabo criando algo que diz: “que tipo de mundo eu quero?” “o que eu quero?” E aí é uma trajetória de construção de diversos sentidos. Por exemplo, o que eu penso hoje em dia é bem diferente do que eu pensava em 2003. Se você fizesse essa entrevista em 2003 eu daria outro sentido para tudo isso. Hoje eu tenho uma visão bem mais crítica do que eu tinha em 2003 e dou outro tipo de sentido para essa militância. Acho que esse ativismo autonomista, mas outros ativismos também fazem isso, que é estar criando sentido para as pessoas e questionando o que elas querem com isso. Que tipo de mundo? Que tipo de relações? Que tipos de comportamentos?

Aceitar o que passou e o que vivemos é reconhecer que o que somos hoje de algum modo se deve às metamorfoses anteriores. Somos seres em constante acabamento e simultaneamente inacabáveis. Quanto maior for a presença dos fragmentos de emancipação, maior será também a legitimidade para a autonomia.

Olha, vou ser bem sincero, uma coisa que mudou muito na minha vida nesse lance de respeitar a diferença foi, por exemplo, que eu era muito homofóbico quando comecei a conhecer o CMI e a AGP. Eu era homofóbico mesmo, de ficar fazendo piadinha, de quando estava nervoso com alguém falava “sua bicha”, “seu viado”, e hoje em dia eu não me imagino falando isso. Nessa questão de respeitar as diferenças a questão de gênero mudou muito. Eu entrei nessa militância autonomista e os valores que eu tinha mudaram drasticamente. Todos! Quase todos. Eu sempre dava um valor exacerbado ao legalismo, as instituições, ao Estado (...) E isso mudou muito, então cria sentido sim. Cria sentidos positivos no que diz respeito a solidariedade, mas também não é algo que seja uniforme para todo mundo, não cria isso pra todo mundo(..)

Agora percebemos como o Movimento oferece autonomia para seus membros. Ele ajuda a ampliar a autonomia do indivíduo. Oferece um terreno propício às diferenças internas e B acaba por reconhecer essa influência em sua vida.

A história de B vai sendo composta de mais espaços para o pensamento crítico e a para tolerância, sabendo conversar e esperar numa tentativa de superação das limitações. Ele passa de um lugar onde a ordem sistema era imperiosa para um outro, que seja reconhecido pela solidariedade.

(...), mas é pra você ver que tudo tem o lado bom e o lado ruim nessa construção de significados. Mas eu acho também que com relação a minha vida, o ativismo da um sentido de que eu não estou parado, não estou sendo levado pela correnteza e acho que esse é o principal sentido que dá. Eu consigo discernir as coisas, ter um pensamento crítico e não estou sendo levado por inércia pelo o resto da sociedade. Como agora que teve um ataque do pcc e todo mundo fica com medo, não sai de casa e, eu não. Eu sai de casa. Por que

quando eu comecei a analisar as notícias, eu pensei e peraí... mas o pcc esta atacando policial e não civil, então não vou ficar passando perto de base policial e delegacia que estou bem. (...) Esse ambiente fez com que eu criasse uma análise critica da realidade e não seja levado por inércia pela opinião publica geral, pelo senso comum.

A sensação descrita por B pelo fato de realizar um trabalho que lhe inspira confiança e o faz sentir em movimento é o que mais lhe dá sentido. Ser um agente transformador da realidade em que se esta inserido, pode nesse caso, proporcionar uma sensação de pertencimento que antes não existia. Ele passa a descrever um pertencimento critico, com diferenciações da sua singularidade para com o restante da sociedade. Ele sabe que não pode estar isolado, e nem é sua intenção, mas busca por ações independentes.

Algumas semanas antes dessa entrevista ser realizada, a cidade e o Estado de São Paulo viveram uma enorme crise de segurança pública que culminou com diversos ataques da organização criminosa chamada Primeiro Comando da Capital, o PCC, principalmente aos policiais militares do Estado. B atribui a sua participação no ativismo autonomista para analisar os fatos desse período. Ser capaz de discernir o que esta acontecendo de real daquilo que dizem sem nenhuma veracidade, faz com que B mantenha sua autonomia e não se paralise pelo pânico da situação.

Situações como essa tem sido grandes desafios para a maior parte dos movimentos sociais. A capacidade de gerar questionamentos que levem a reflexões e ações para a transformação social, mobilizando com criatividade o maior número de pessoas possíveis. Descrever e resolver desafios dentro do ativismo autonomista e para toda comunidade é apontar para chances que mobilizem mudanças para o mundo e para a vida cotidiana das pessoas.

(...)cara, isso é uma coisa que eu penso quase todo dia e eu não consigo encontrar uma resposta, mas eu posso indicar algumas tendências. Pra mim o principal desafio é eu encarar os problemas que surgem desse tipo de ativismo autonomista com mais serenidade. Esse é o principal desafio que eu vejo e serenidade até pra eu poder ajudar nas superações deles. Esse é o principal, porque se eu não tiver serenidade para dar o encaminhamento desses problemas eu perco... não é legitimidade... é... assim, meu discurso não vai ter

aceitação entre as pessoas. Até porque meu discurso atualmente ao ativismo autonomista é extremamente crítico e isso aí pode ser interpretado pelos outros ativistas como... como diria? As pessoas dizendo: “ele esta voltando a ser como na época do PT” Tem gente que de forma muito simplista avalia minha pessoa assim e que eu levanto esses problemas porque eu tenho desvios bolcheviques da época do PT, sabe? Eu sei que é ridículo, mas acontece. Então o principal desafio é isso, ter serenidade para estar lidando com essas questões pra superar, porque meu objetivo é que o ativismo autonomista seja uma ferramenta de transformação do mundo porque se não a gente nunca vai superar os desafios do mundo. Só uma observação: acho que tachar, tentar rotular de ativismo autonomista pra esse tipo de ativismo que esta fora de partidos políticos e das instituições tradicionais, tentar dar um rótulo não funciona. Não funciona mesmo. “Autonomistas”. Porque se você esta dando esse rótulo de autonomista é você criar um padrão. E o que é um autonomista?

Novamente B é capaz de questionar o que de fato é ser um ativista autonomista. Acontece que não há um consenso nesse campo e o que é percebido como ativismo autonomista fica a critérios dado por princípios que venham a orientar uma prática específica de mudança política. Há um senso comum do que é um autonomista e sua prática é generalizada, mas só que isso não chega a ser a consenso desse campo político, ela é só uma parte.

Essas categorias de comportamento e de ações políticas que definem o que seria um autonomista é só uma parte do que realmente é esse campo ativista. Definir esses campos é um desafio para o próprio movimento que adota processos múltiplos e reivindica a diferença como lugar de atuação. Tentar ir além do “rótulo” apontado por B é forçar um pouco mais a ampliação da lógica convencional que tenta explicar o mundo. Essa ampliação para B talvez seja mais que um modo de fazer política, mas de estar nela com outras perspectivas.

Acho que outro desafio que o ativismo autonomista como um todo tem é conseguir equilibrar a luta social macro com a transformação pessoal do micro. Conseguir equilibrar e não nessa coisa de cada um faz o que quer, foda-se, ninguém me controla e tal. Não. Eu vejo que na prática diária que isso

exacerbado é nocivo. Pelo menos esse tipo de ativismo tem que conseguir criar um marco de valores éticos e morais que sirva como um referencial. Uma forma de equilibrar pra não descambar em um relativismo extremado, onde cada indivíduo tem uma visão do que são as coisas, onde tem uma ética para cada um.

Podemos pensar para ilustrar essa situação, o desafio da sustentabilidade dos grupos. Há pessoas que pensam, por exemplo, que usar dinheiro do Estado para financiar atividades autonomistas está ótimo. Para financiar algum projeto, há pessoas que acreditam que tudo bem o dinheiro vir de qualquer lugar se é para uso próprio. Há outras pessoas que acreditam que não, porque tem que ser totalmente autônomo, não se deve desviar dinheiro do Estado ou de empresas. E assim B vai conduzindo suas idéias e planos para um lugar futuro.

Acho que a gente tem que criar um marco referencial ético e de valores morais comuns pra esse tipo de militância ter futuro e atingir os objetivos que eles se propõem, que é mesmo transformar o mundo. Por que se não vai ser apenas mais um, uma corrente de pensamento sem maior relevância na sociedade como diversas que existem por aí ou então vai ser eliminado. Eu vejo que se esse marco ético e moral não for uma coisa que seja criada e desenvolvida dentro das pessoas que mechem com o ativismo autonomista, eu vejo mesmo uma possibilidade em um futuro não muito distante de uma eliminação desse tipo de ativismo.

Algumas situações são apontadas...

(...)porque aí cada um faz o que quer e aparece um maluco explodindo bomba dizendo que isso é ativismo autonomista, um outro começa a desviar dinheiro falando também que é ativismo autonomista e coisas assim vão legitimando ações repressivas do Estado em cima desses elementos. Em cima de todo mundo, inclusive de quem não concorda com essas práticas. É uma condenação social muito grande porque tem muito porra-louca que diz que não está nem aí

para o que a sociedade pensa. Então eu pergunto para que ele está querendo mudar a sociedade se não está nem aí? Se tranca numa caverna!

Coragem é necessária para que mudanças possam acontecer, mas somente ela não é suficiente. Primeiro porque a coragem sem o mínimo de cautela é como a paixão sem nenhuma razão. Pode ser boa e bonita, mas existe um risco que talvez a conduza para o aniquilamento. A cautela faz parar e pensar se é prudente determinada conduta. Um tempo para estudar e considerar o que se quer e como querer. Os marcos que B acredita serem necessários são uma mistura da sua individualidade e do que deve ser considerado como risco coletivo.

B é o ativista marcado por estados convencionais da ação política tradicional, que passou para ação direta e veio questionar a organização autonomista. Buscou pela elaboração de uma crítica capaz de discriminar as limitações do movimento que faz parte, mas também superar essas ambigüidades sem desacreditá-las. Aprofunda suas intenções e desafios para um projeto futuro e novamente tenta aproximar suas ações políticas de sua vida pessoal.

Outro grande desafio pessoal que eu vejo também, que não enfrento agora, mas vou ter que enfrentar algum dia é quando eu estiver construindo uma família. É meio careta (risos) Eu pretendo ter filhos sim, uma companheira e tal. Ter um espaço da minha vida familiar e um outro espaço. Isso vai ser complicado! Agora como eu sou solteiro e não tenho um emprego fixo, ainda vivo uma vida de estudante, posso me dedicar bastante ao ativismo sem estar recebendo maiores cobranças de um filho e de uma esposa. Agora a partir do momento que eu tiver isso vai ser um desafio mesmo. Como conciliar minha vida privada, estruturada e o ativismo autonomista? Não necessariamente o ativismo autonomista, mas o ativismo e, como eu vou conseguir fazer as duas coisas de um jeito saudável. O exemplo que eu vejo aí é que se o cara é um ativista muito sério e comprometido dificilmente ele consegue conciliar isso com a vida familiar. Conheço um monte de moleque por aí que é filho não de ativista autonomista, mas de cara que faz militância política e parecem ser um monte de revoltados por que o pai não dava atenção, praticamente abandonou o filho. Eu mesmo já tive problemas porque com minha última namorada séria, levei

um pé na bunda em grande parte porque o ativismo era muito importante, mais do que minha relação com ela, então tomei um mega pé na bunda porque não consegui equilibrar. Acho que os dois grandes desafios que eu tenho com o ativismo são esses. Serenidade para encaminhar e solucionar os problemas que eu identifico na militância autonomista e a gente conseguir conduzir a luta social rumo a vitória (risos) já que todo mundo quer vencer. E a outra é conciliar a vida pessoal com a militância autonomista séria, porque eu não quero fazer isso pelo desengano de consciência, eu quero chegar a transformação concreta, não quero fazer por fazer. Isso não é terapêutico pra mim. A gente está vivendo num mundo onde está tudo ligado e se a gente não conseguir impedir esse modo de produção capitalista que está dominando, já era! É questão de tempo pra acabar com a vida na Terra. Então eu quero atingir o objetivo mesmo. Não é um desengano de consciência, o que eu faço põe questões de sobrevivência minha e da minha família que quero dar continuidade. Exatamente por isso e com essa clara noção.

A identidade como metamorfose não é um fim em si mesma. Ela não pode ser vista como um espaço para a lógica linear cartesiana. Existem sim projetos de vida onde somos capazes de perceber um começo, meio e fim, mas o que queremos nesse momento é compreender como se dá o projeto de vida em uma situação como a descrita até esse momento.

Uma tendência na história de B revela que seu projeto de vida considera o desafio de conciliar o ativismo e a vida particular fora do ativismo. Quando as relações afetivas são estabelecidas entre pares que compartilham um mesmo estilo de vida, ou quando há incentivo por parte de um deles, uma parcela considerada do problema apresentado por B é facilmente resolvido. Os acordos são mais tranquilos e a possibilidade de se colocar na posição do/a parceiro/a é lidada com um jeito muito particular, já que não há tanta necessidade de convencer o outro para entender a importância do ativismo em sua vida. Agora estar com alguém que não lida com a mesma perspectiva sobre o ativismo, é natural que a expectativa querendo a presença do/a parceiro/a seja maior. A presença de um filho, que não é um ativista, também exige outra demanda.

São para B situações centrais em sua maneira de viver e, mesmo ainda não experimentando esses lugares, podemos saber que para ele em seu projeto futuro haverá

outros desafios para ser uma ativista-pai. Agora isso é um projeto futuro, que ele mesmo acredita ser um pouco “careta”, mas é de sua vontade não cometer erros que foram cometidos por militantes que vieram antes dele.

Apesar de entendermos a conotação do termo “careta”, o que parece acontecer com essa escolha de projeto futuro é mais um espaço possível de emancipação. A família é constituída por elementos que aparecem no plano universal. Em qualquer lugar do mundo encontramos famílias. Guardadas as devidas proporções culturais, ela é quem possibilita a maioria dos vínculos primários e com nosso desenvolvimento vem a nos constituir como humanos. Mas podemos pensar em família como um exercício para a vida em comunidade. E pensar comunidade como relacionamentos psicológicos e sociais que tentam impedir a ruptura de vínculos que levam ao isolamento. Se considerarmos autonomia como algo constituído pelo coletivo, dependente de relação, estamos diante de uma maneira do vínculo gerar autonomia. Por enquanto no que diz respeito a essa conciliação, há uma intenção emancipatória que precisa ser vivida para corroborar a autonomia. Caso B consiga legitimar sua relação familiar futura e a ação política para além da exclusividade do papel, seja ele de pai, marido ou ativista, o fragmento de emancipação que vemos se amplia para uma realidade presente.

Estabelecer vínculos duradouros nos tempos de hoje pode ser uma maneira de superar a fragmentação provocada pelo capitalismo. O isolamento que sentimos e vemos crescer pode ser substituído por entendimentos consensuais na superação de dificuldades do dia a dia. Um casal com filhos que busca a legitimação da diferença, pode ter mais autonomia do que alguém solteiro sem perspectivas de constituir família, mas que é tomado pela necessidade exclusiva de competição e domínio do capital. Enquanto os primeiros existem pelo poder-fazer, o segundo mantém o poder-sobre.

Assim B vai respondendo suas interrogações e nos mostrando o que pretende, nos levando a ver um pouco de quem quer ser.

Eu pretendo isso, pretendo construir minha vida pessoal, trabalhando com análise de mídia, ser professor, estar no ensino médio e na universidade. Ter uma vida feliz e pretendo constituir família sim, não acho que seja caretece. Acho que posso assim construir um referencial, mas até chegar nisso de família pretendo dar muita volta nesse mundo, apesar de que não esta tão distante da minha perspectiva. Quero encontrar uma companheira e estar tendo uma vida

em conjunto. Não é uma coisa que me foge, não está tão distante. E paralelo a isso estar na luta, continuando a militância, construindo o CMI para que ele vire um grande canal de comunicação que faça frente a esses meios de comunicação de massa que estão aí, pra que ele seja um instrumento eficaz de mudança social que eu desejo. Essa grande transformação mesmo. Eu vejo uma transformação que não só pare, como reverta esse ritmo de destruição que o capitalismo esta impondo ao planeta, as relações sociais. Não quero só parar isso, mas quero reverter isso e espero que a gente consiga criar um processo que seja o mais pacífico possível. Isso é importante porque tem muito cara na minha opinião que é babaca, que quer ver o caos e a destruição em um cenário apocalíptico pra depois disso ter o mundo perfeito. Eu não enxergo isso, não quero ver milhões de pessoas morrendo, ver o caos. “Vamos lá fazer fuzilamento de burguês e tal”. Estou correndo disso. Eu sei que a luta social é conflituosa e sei que historicamente mostra que dos grandes processos de transformação não só socialista, mas mesmo a revolução burguesa, ou libertação dos escravos, todas essas coisas tiveram momentos de conflito que morreu gente. Só que eu quero fazer o máximo pra que isso não ocorra e se ocorrer que tenho o mínimo. Caso tenha que morrer, que morra o Bush e os empresários que bancam ele, no máximo. Eu quero que não morra ninguém, apesar de saber que isso é muito difícil. Então meu projeto de vida é esse: continuar com uma militância que seja coerente, pacífica e eficaz, paralela a construção da minha vida. Por que eu acho aquela coisa, a verdadeira felicidade que a gente tem, se da no nosso cotidiano e eu quero um cotidiano bem legal, com família, amigos, ter minha liberdade de expressão, liberdade social e econômica, sem ter que ficar me preocupando se terei que passar fome ou não. (...) E além dessa luta macro de transformação do mundo, vem o outro lado que é eu poder ajudar as pessoas a também se transformarem. Ajudar os indivíduos. Não é só barrar a Alca, que já foi um grande feito. A gente desencadeou um processo que culminou na derrota do projeto da Alca! Isso eu sempre falo pra galera: se eu morrer hoje, morro relativamente feliz porque eu sei que tive uma participação fundamental no processo de descarrilhamento da Alca. Sabe, ajudei a organizar o primeiro ato contra a Alca aqui no Brasil e fez com que toda a esquerda encampasse essa luta. Então eu espero que além desse

tipo de vitória macro também possa tirar, por exemplo, amigo meu do vício das drogas, possa ajudar pessoas que estão no aperto, sei lá, que minha vida seja isso e traga paz para os outros e justiça para a sociedade. Eu quero ter uma vida feliz fazendo isso. Porque uma coisa que eu vejo é que tanto na esquerda autonomista como na tradicional tem muita gente que encara isso como uma martírio. Tipo: “Estou sofrendo pelo bem dos outros”. Esta se fodendo, perdendo o emprego, mas é pelo bem dos outros... poxa, se você não está fazendo bem nem pra sua vida como é que vai fazer para os outros? (...)

Esse é o último ponto em que B nos mostra um pouco mais de seu projeto de vida. Uma combinação de ações políticas que influenciem a sociedade e o mundo, assim como uma vida pessoal mais feliz e justa. Pontos que podem trazer não o inédito, mas a criatividade que lida com o que todos estão lidando também. Não é fazer o que ninguém nunca fez para acreditar em mudanças, mas buscar por novos olhares para lidar com o que todos estão vendo.

B nos contou uma história que ainda esta acontecendo. Sua condição emblemática é por continuar sendo uma ativista que mudou muitas vezes. Alguém que continua acreditando, reconhecendo suas ambigüidades e limitações, mas também se orgulhando das conquistas. Ele aponta para um altruísmo não ingênuo, onde questões sobre violência, solidariedade, competição, cooperação são centrais para sua maneira de ser.

Numa tentativa de rever essas mudanças, vamos voltar nesse caminho. Era um garoto que estudava em um colégio de freiras e que foi contagiado por opiniões diferentes a respeito da política dentro de casa. Ele acabou tendo contato com jovens militantes socialistas que falavam contra privatizações e passou então a acompanhá-los na luta de classes. Mas o tempo passou e o colegial se tornou universitário e impressionado pela ação estudantil foi parar como estagiário no escritório de um grande partido político de esquerda. Agora tudo seria diferente e o mundo poderia mudar. Seus inimigos pagariam pelos crimes cometidos e então haveria paz e justiça social. Porém não tardou para a decepção e as dúvidas ruírem sua confiança e a vontade de prosseguir nesse lugar. Valeria a pena continuar com o engajamento político? Entre diferentes questões, se deparou com outros jovens que acreditavam que o mundo poderia ser diferente, mas eles mesmos eram tão diferentes. O estranhamento foi transformado em curiosidade e logo depois em diálogos. Conversas que o empolgaram outra vez e se revelaram uma alternativa para a ação política.

O universitário abandona o curso e o partido e passa a se ocupar da nova militância, de um novo ativismo. Algo inesperado está acontecendo e ele faz parte disso. Horizontalidade, consenso, ação direta e resistência. Conceitos novos que passam a fazer parte de seu dia a dia. Um coletivo de autonomistas falando em revolução sem tomar o poder, em processos de mudança social sem líderes eleitos e uma chance de democracia direta que está acontecendo. Agora o ativista sabe que o mundo nem sempre foi assim e que precisa trabalhar para tomar nas mãos as mudanças que deseja. Mas novamente contradições aparecem, os conflitos entre seus companheiros o cansa e o faz lamentar por nem tudo ser flores. Ele não quer parar. Apesar de tudo, ele não quer parar. Adoece por não conseguir superar os conflitos e acentua as críticas com o processo escolhido pelo seu grupo. Ele sabe que não são pessoas más e, ele precisa se rever também, mas como colaborar para aumentar a potencialidade das propostas que são tão interessantes? Trabalha, trabalha, trabalha e ainda não encontra sua tranquilidade. Ele não reconhece mais uma única maneira de fazer as mudanças do mundo. Sua autonomia questiona o autonomismo. A vida particular se confunde com seu ativismo e os fragmentos de emancipação passam a tocá-lo de maneiras distintas. Ele tenta distinguir seus amigos, a pensar sobre seus companheiros de luta e passa a acreditar que ali não há gado algum, mas pessoas que pensam e buscam se libertar. Quer formar opiniões entre aqueles que não pensam como ele, tentar colaborar, estar no bar com outros, mas não esquece que precisa respeitar os acordos estabelecidos anteriormente. Uma experiência fora do ativismo acaba por lhe mostrar que nem tudo está tão marcado e definido. Um chá não tão misterioso assim, espiritual, aparece e ele passa a saber da importância da paciência e como é importante ser mais tolerante. É a paciência que o faz querer ser melhor e a tolerância onde legitime a importância de todos. Traços de seu projeto de vida mostram a disposição em lidar com as nuances entre o público e o privado, acreditando de algum modo em contribuir para uma vida melhor em família. Começa a falar da utopia e daquilo que irá fazer futuramente. Ele não sabe o que vai acontecer exatamente, mas pode imaginar o que precisará enfrentar de algum modo. Luta anticapitalista, família, filhos e mais resistência. Ele é um ativista que não quer uma definição, apesar de viver tão próximo de muitas. Sua luta é a luta de milhões e como outros, que não chegam a ser milhões, tenta revelar para si mesmo uma chance honesta de ser e viver o mundo e sua história.

Pensar a história de B como uma Identidade Pós-Convencional amplia a possibilidade apresentada por Ciampa daquilo que é possível como uma “identidade não

determinada previamente nos seus conteúdos e independente de organizações específicas”. A emancipação acontece por não aceitar critérios definidos que podem engessá-lo, porém simultaneamente é capaz de fazer uso de elementos distintos para melhorar sua autonomia.

A identidade é aquilo que está sendo, aquilo que está acontecendo e quando B fala, entre tantas coisas sobre referenciais morais e éticos, acrescenta elementos para além dos papéis oferecidos no passado: encontramos uma vida que vale a pena hoje e que conduz para ações futuras igualmente compensatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativismo mudou e com ele o ativismo autonomista. Dedução óbvia. Posições foram revistas e ações repensadas para uma transformação mais duradoura. Para alguns o Movimento de Resistência Global passou. Para outros ele apenas descansa. Essa dissertação reconhece a mudança na maneira de fazer política, e percebe igualmente a vida que foi tocada por essa experiência, fazendo parte daqueles que vêm nesse movimento, agora transformado, o início de um novo tempo.

Pensamos sobre a identidade do ativista autonomista e o caminho nos trouxe algumas surpresas. Considerar a identidade do ativista pelo seu papel é uma contradição, mas feito pelo Eu que busca autonomia, não é bem isso que temos. Estamos diante de uma Identidade Pós-Convencional. O papel precisa seguir normas, existir dentro de algumas expectativas e convenções. A autonomia na relação aponta para uma ampliação dos papéis, uma superação da convenção quando reconhece que não é exclusividade de um grupo, mas que pode estar por toda parte. Apontamentos para justificar o desenvolvimento daqueles que a tem, faz com que a Identidade Pós-Convencional seja possível apenas no reconhecimento da diversidade e na universalidade de suas propostas. A história de B nos deu uma chance para perceber como isso se desenvolve. Pela própria crítica e pela sua história de vida nos ajudou a entender que não há uma teoria autonomista, assim como não há uma única expressão autonomista. Existem tendências que podem ser particularizadas na direção de uma melhor estrutura para sua compreensão. O debate autonomista não é dado apenas por ativistas, mas por todo aquele que desenvolve maturidade para viver com esses referenciais.

Muitas teorias podem ser apontadas, assim como muitos papéis que tentam se apropriar desse processo que busca emancipação. O ativista pode ser filho, pai, mulher,

trabalhador, estudante, uma infinidade de coisas, e ser capaz de exercer sua autonomia nesse oceano de possibilidades é o que pode determinar uma vida emancipada. Para isso há necessidade de se reconhecer os vínculos que são estabelecidos nas comunidades. A noção de pertencimento decorrente dessa comunidade pode ressignificar a ação política para uma prática de resistência diante do mundo que incentiva o isolamento. No caso do ativista autonomista, o equívoco é pensar o autonomista como um papel definido, apesar da importância de se considerar a personagem como referência para o movimento. Ele pode ser qualquer outra coisa, desde que possa nortear seus papéis por uma ética da diferença. Quando o ativismo autonomista pode ir além da convenção de seu papel e superar o que foi, ou ainda é um dogma, ele cumpre com a promessa de legitimar a necessidade de um outro mundo. O pós-convencional da identidade autonomista é poder fazer uso dos princípios que supostamente o caracterizam, mas ser capaz de abrir mão de alguns deles quando a luta por emancipação exigir. Por exemplo, pensar em como e quanto o Movimento leva de autonomia para seus membros. Quando B nos contou que superou sua homofobia depois de se aproximar do movimento, ele mostra a ajuda obtida e a ampliação desse encontro. A perspectiva de mudanças processuais deve ser considerada para lidar com qualquer definição, ou melhor dizendo, a definição é o processo. A história de B nos contou esse episódio e mostrou a condição de que a identidade não pode ser concluída, mas esta sendo.

A autonomia que encontramos foi daquela que é possível apenas no mundo da vida e impossível na ordem sistêmica. O que é possível no sistema é o livre arbítrio, dado apenas pela individualidade. Diante dessa constatação o Movimento de Resistência Global cometeu uma espécie de “suicídio”, mas passou a existir através de um tipo de descendência que hoje esta em outros movimentos. Ele sofreu uma metamorfose. Seus ativistas pensam uma autonomia para o cotidiano e *poder-fazer*, assim como *lutar por*, não

escolhem melhores tempos para existir. Esse tipo de ativista e seu movimento não pedem licença ou permissão para ser. Eles acontecem. O CMI existe há seis anos no Brasil. Há mais de uma década os zapatistas estão em suas comunidades autônomas em Chiapas no México. Há mais de um século anarquistas organizam a luta contra o sistema. Há milhares de anos povos originários existem e resistem sobre o planeta. Apesar de longe da perfeição e do paraíso na Terra, esses são exemplos de emancipação.

O que precisa ser considerado é a fragilidade que o movimento tem ao se aproximar de outros grupos da sociedade. Desde os anos 70 vêm existindo análises sobre as organizações “sem estrutura”. Jo Freeman discutiu isso muito bem e olhar para o que vem a ser dogmas de movimentos sociais, principalmente os que reivindicam um caráter mais autonomista, é sinal claro que muito trabalho precisa ser feito. Entretanto isso não desvaloriza o que foi realizado até esse momento, mas pode colaborar em novas estratégias que conduzam a uma nova retomada das ruas. Essa outra retomada agora não cabe apenas a um movimento social, mas a todos os membros da comunidade. Para isso se faz necessária maior e melhor maturidade individual e coletiva para não se aceitar promessas de mudanças gratuitas de fora para dentro. As transformações precisam ser simultâneas para sairmos da imaturidade que faz aceitar passivamente as verdades do outro. Maturidade ‘é questionar a verdade que lhe foi dada, sendo capaz de interiorizar as normas sem precisar de coerção para entender que elas nos ajudarão. Se há uma crise, a presença de solidariedade se apresenta como essencial para superá-la, principalmente porque ser solidário a crise do outro ‘é ser capaz de respeitá-la.

O silêncio que aparentemente existe é uma espécie de consenso, afinal o silêncio só é possível se todos concordam com ele. Há um conto da tradição zen budista que pode ajudar a entender isso. Certa vez quatro monges tomaram a decisão de meditar em uma caverna e enquanto permanecessem lá ficariam em absoluto silêncio. Como a caverna era

escura levaram uma vela para iluminar o caminho. Encontraram um lugar que podiam sentar, colocaram a vela no meio deles e começaram a meditar. Foi quando a vela apagou e um primeiro monge disse: “A vela apagou!”. Então o segundo falou: “é mesmo”. O terceiro alertou: “mas nós não devemos falar”. E por fim o quarto: “pelo jeito sou o único que não disse nada!”. Essa pequena história nos mostra um pouco da condição atual do ativismo autonomista e sua relação com a comunidade não-ativista. As intenções são as melhores e para alguns, como no caso de B, é possível ir além de seus papéis e questioná-los. Mas intenções não são suficientes para mudar o mundo. Espaços formais e informais se mesclam e às vezes provocam conflitos difíceis de superar. Porém devemos ser justos com ele.

Quando propomos entender o ativismo autonomista como um adjetivo e o militante como substantivo, pretendíamos ir além da necessidade de definições, principalmente se considerarmos o fato de B usa-los sem nenhuma distinção. O que encontramos em alguns momentos é uma batalha travada na esfera político-social para mudar uma realidade imposto pelo capitalismo. Essa batalha acontece não apenas contra a ordem sistêmica, mas nas relações do cotidiano. O dia a dia precisa ser observado e o autonomista quando além de seu papel ativista, não encerra a batalha porque sabe que ela deve ser travada dentro de si. O provérbio confuciano que diz que mudar a si mesmo é mudar o mundo se aplica aqui. Não tivemos tempo de investigar como isso se da com ativistas em outros lugares do mundo, mas se a proposta autonomista se mantêm universal, talvez não encontraremos pessoas sem essa preocupação. A qualidade nômade do ativista autonomista faz com que ele se relacione com o planeta além das fronteiras e se declare cidadão do mundo. Não por acaso, uma das experiências mais significativas dos autonomistas pelo mundo hoje é chamada de Intergalaktica.

A resistência e a solidariedade são universais. Daí a necessidade de ir além das definições. Vemos como o guerreiro se diferencia do soldado por estar na batalha para afirmar sua autonomia e sua emancipação, enquanto o soldado apenas executa ordens e funções para garantir privilégios e domínio. O guerreiro está além da sua capacidade de confrontar o inimigo, ele precisa conquistar a si mesmo. Lutar contra suas falhas e fraquezas, sabendo que não há um fim determinado. Já o soldado na sua função de militar, busca uma posição confortável no sistema e tenta ignorar muitas das causas de suas dores. Por isso é tão complicada a maneira de usar os termos militante ou ativista.

Lutar para não reproduzir o Estado dentro de casa com a família não é exclusividade de um grupo político, mas de toda pessoa interessada em relações mais autênticas. O que queremos com essa diferenciação entre guerreiros e soldados, ativistas e militantes, é perceber que a sutileza nas escolhas que podem conduzir a uma vida mais emancipada tem um custo. Essa diferença não tem preço, mas tem realmente um custo. Pode custar a vida preciosa daqueles que morreram por estar em lugares onde havia uma luta por liberdade. Há um risco por confrontar os senhores da guerra que são incapazes de abrir mão da sua ilusória segurança. Isso nos faz afirmar então, que entre os guerreiros ativistas não há culpados que mergulhados na indiferença mantêm reincidências passivas, da mesma maneira se recusando ao lugar de vítimas. Por isso a sua luta é legítima e essa dissertação a reconhece em todas as instâncias que pensam sobre ela.

Na parte desse trabalho que cabe a apresentação foi dito que ele não é apenas um esforço de pesquisa sobre psicologia social, mas uma ação política. Corroboro essa intenção por acreditar que não podemos ser imparciais enquanto o mínimo de dignidade é negado para bilhões de vidas humanas e não humanas. O fim da história nunca aconteceu. Ela segue seu rumo e podemos tomar nossas decisões assumindo todo risco do dilema que é viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, R.; CORRÊA, F. **Autogestão hoje. Teorias e práticas contemporâneas.** São Paulo: Fáiça, 2004.
- BEY, H. **TAZ: zona autônoma temporária.** São Paulo: Conrad, 2001.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jrgz Zahar Ed., 2003.
- BOOKCHIN, M. **Social anarchism or lifestyle anarchism: the unbridgeable chasm.** San Francisco: AK Press, 1995.
- _____. Cit. Woodcock, G. **Os grandes escritos anarquistas.** Porto Alegre: L&PM, 1981.
- CHOMSKY, N. **O lucro ou as pessoas?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina; um ensaio de psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Políticas de identidade e identidades políticas.** In: DUNKER, C. I. L. e PASSOS, M. C. (orgs.) **Uma Psicologia que se interroga.** São Paulo: Edicon, 2002.
- _____. **Identidade social como memorfose humana.** Anotações sobre “fundamentos filosóficos” da linha de pesquisa adotada no Núcleo de Estudos sobre Identidade como Metamorfose da PUCSP. 2005.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** Sao Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CORRÊA, F. **A ação direta como forma de combate à globalização neoliberal: o movimento de resistência global e as manifestações de Seattle.** Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do título de especialização em Globalização e Cultura. Escola de Sociologia e Política, São Paulo, 2004.
- CHRISPINIANO, J. **A guerrilha Surreal.** São Paulo: Corand, 2002.
- FERRARA, F. **Mas allá del corte de rutas. La lucha por una nueva subjetividad.** Buenos Aires: La Rosa Blindada, 2003.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.
- GANDHI, M. **Autobiografia. Minha vida e minhas experiências com a verdade.** São Paulo: Palas Athena, 1999.
- GENNARI, E. **Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- _____. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HARDT, M; NEGRI, A. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

- HOLLOWAY, J. In Situaciones. **Contrapoder. Una introduccion**. 2ª ed. – Buenos Aires: De mano en mano, 2001.
- _____. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2002.
- KIERKEGAARD, S. **O Conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.
- KLEIN, N. **Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LUDD, N. **Urgência das ruas**. São Paulo: Conrad, 2002.
- LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. Sao Paulo: EDUC, 2002.
- MEAD, G. H. **Espiritu, Persona y Sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 19--
- NOWHERE. **We are everywhere: the irresistible rise of global anticapitalism**. London and New York: Verso, 2003.
- REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RYOKI, A; ORTELLADO, P. **Estamos Vencendo! Resistência global no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2004.
- SCHEIBE, K. In Ciampa, A. C. **A Identidade Social e suas Relações com a Ideologia**. São Paulo: Excerto da dissertação de mestrado: PUCSP, 1977.
- SITRIN, M. **Horizontalidad: voces de poder popular en Argentina**. Buenos Aires: Chilavert, 2005.
- SZYMANSKI, H. Org. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.
- THOREAU, H. D. **Desobediência Civil**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- ZIBECHI, R. **Genealogia de la revuelta. Argentina, la sociedad en movimiento**. 1ª. Ed – La Plata: Letra Libre, 2003.
- ZINN, H. **Você não pode ser neutro num trem em movimento: uma história pessoal dos nossos tempos**. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2005.

Revistas, Periódicos, Panfletos e Boletins:

ADAMOVSKY, E.; BERGEL, M.; INGRASSIA, F. Cuadernos de la resistencia global. Rosário/Buenos Aires, 2002, nº 1.

ANÔNIMO. Manual de Ação Direta.

CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE; AÇÃO LOCAL POR JUSTIÇA GLOBAL. Jornal Ação Direta, 2002.

CAMPOS, A. O. Como as coisas acontecem na gringolândia: ou um esboço sobre psicologia ativista. Brasil/EUA, agosto, 2003.

INTERGALACTIKA. Caja de herramientas: para la militancia anticapitalista. Intergalactika. Buenos Aires, 2003.

LETRA LIVRE. Revista de Literatura, Arte e Cultura Anarquista, números 31 e 33. Rio de Janeiro: Achiamé, respectivamente anos 2001 e 2002.

LIBERA. Informativo do círculo de estudos libertários Ideal Peres – CELIP/RJ. Ano 12 – n 112, maio-junho, 2002.

LIPOVETSKI, G. jornal Folha de São Paulo de 14 de março de 2004

ROCHA, J. Revista Adusp Nº 37. São Paulo: Edusp, Abril 1995

SITRIN, M. Horizontalidad en/in Argentina. Texto de produção independente, 2003.

Material disponível na internet:

- Ação Global dos Povos
Disponível em: <<http://www.agp.org>
- Centro de Mídia Independente
Disponível em: <http://www.midiaindependente.org>

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/03/275326.shtml> - “processo CLADEM X KAISER”, visitado em 25 de março de 2005
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/03/276378.shtml> - vídeo “o espetáculo democrático”, visitado em 27 de março de 2005
- Convergence de Luttes Anti-capitalistes
Disponível em: <http://clac.tactic.org/index.php>
- Exército Zapatista de Libertação Nacional
Disponível em: <http://www.ezln.org>
- Movimiento de Trabajadores Desocupados de Solano
Disponível em: <http://www.solano.mtd.org.ar>

- VIANA, N. O que é autogestão
Disponível em: <http://www.autogestao.hpg.com.br/autogestao.html>
- Worcester Global Action Network
Disponível em: <http://www.wogan.org>

Videografia

Dignidad y piquete, por Autonomist Project, 2003

Independent Media In A Time OF War, por Hudson Mohawk IMC, 2003

Indy Media Brazil videos Compilation, A Benefit Project, por CMI Brasil, 2004

Miami Stop FAA, por Indy Media NY, 2004

Anexo I

MANIFESTO DA AÇÃO GLOBAL DOS POVOS modificado em Cochabamba! [Cochabamba](#)

Nós não podemos tomar a comunhão nos altares de uma cultura dominante que confunde preço com valor e converte as pessoas e países em mercadoria (Eduardo Galeano).

Se você só vem me ajudar, você pode regressar. Mas se você considera minha luta como parte de sua luta para sobrevivência, então talvez nós podemos trabalhar junto (Uma mulher aborígene).

I.

Nós vivemos em um tempo no qual o capital, com ajuda de agências internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (IMF), o Banco Mundial (WB) e outras instituições, está forçando as políticas nacionais para fortalecer seu controle global sobre a vida política, econômica e cultural.

O capital sempre foi global. Sua busca ilimitada para a expansão e o lucro não reconhece nenhum limite. Do comércio de escravo de séculos atrás para a colonização imperial de povos, terras e culturas pelo globo, a acumulação capitalista se alimentou sempre de sangue e lágrimas dos povos do mundo. Esta destruição e miséria só foram contidas pela resistência dos movimentos de base.

Hoje, o capital está desenvolvendo uma nova estratégia para afirmar seu poder e neutralizar a resistência dos povos. Seu nome é globalização econômica, e consiste no desmantelando das limitações nacionais para o comércio e para o livre movimento do capital.

Os efeitos da globalização econômica se expandem pelo tecido de sociedades e comunidades do mundo e integram os seus povos em um gigantesco sistema único, voltado à extração do lucro e ao controle dos povos e da natureza. Palavras como "globalização", "liberalização" e "desregulação" pouco têm disfarçado as disparidades crescentes nas condições de vida entre as elites e as massas em países privilegiados e "periféricos".

O mais novo e talvez o mais importante fenômeno no processo de globalização é o aparecimento de acordos de comércio como instrumentos-chave de acumulação e controle. A OMC é, sem dúvida, a instituição mais importante por evoluir e implementar estes acordos comerciais. Tornou-se o veículo preferido pelo capital transnacional para impor seu governo econômico global. O Círculo de Uruguai ampliou imensamente o âmbito do sistema multilateral de comércio (i.e. os acordos sob a égide da OMC) de forma que ele já não se constitui só de comércio em bem fabricados. Os acordos da OMC abarcam agora também comércio agrícola, comércio de serviços, propriedade intelectual e medidas de investimento. Esta expansão tem implicações muito significativas para assuntos

econômicos e não-econômicos. Por exemplo, o Acordo Geral em Comércio de Serviços terá efeitos de longo alcance em culturas ao redor do mundo. Semelhantemente, as TRIPS (sigla em inglês de Acordo sobre Propriedade Intelectual Relacionada ao Comércio) e as pressões unilaterais, especialmente em países ricos em biodiversidade, estão forçando estes países a adotar legislações novas que estabelecem direitos de propriedade sobre as formas de vida, com conseqüências desastrosas para biodiversidade e segurança alimentar. O sistema multilateral de comércio, encarnado no OMC, tem um tremendo impacto na conformação de políticas nacionais econômicas e sociais e, conseqüentemente, no âmbito e na natureza de opções de desenvolvimento.

Acordos de comércio também estão proliferando ao nível regional. NAFTA (o Acordo Norte-mericano de Livre Comércio) é o protótipo de um acordo regional que liga e envolve legalmente países privilegiados e desprivilegiados, e busca-se estender seu modelo para a América do Sul. A APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico) é outro modelo com ambos os tipos de países envolvidos, e sendo usado para forçar novos acordos nos marcos da OMC. O Tratado de Maastricht é o exemplo principal de um acordo vinculante entre países privilegiados. Acordos de comércio regionais entre países desprivilegiados, como ASEAN (Associação de Sudeste de Nações asiáticas), SADC (Cooperação de Desenvolvimento Meridional africana), SAFTA (Acordo de Comércio Livre do Sul asiático) e MERCOSul (Mercado Comum do Cone Sul), também emergiram. Todos estes acordos regionais consistem na transferência de poder de decisão do nível nacional para instituições regionais que são mais distantes das pessoas e menos democráticas até mesmo do que o Estado-nação.

Como se isto não fosse bastante, um novo tratado está sendo promovido pelos países privilegiados, o Acordo Multilateral em Investimentos (AMI), para alargar os direitos dos investidores estrangeiros muito além das suas posições atuais na maioria dos países e reduzir severamente os direitos e poderes de governos para regular a entrada, o estabelecimento e as operações de companhias e investidores estrangeiros. Esta é atualmente também a tentativa mais importante para estender a globalização e a "liberalização" econômica. A AMI aboliria o poder e o direito soberano legítimo de povos para determinar as suas próprias políticas econômicas, sociais e culturais.

Todas estas instituições e acordos compartilham as mesmas metas: prover a mobilidade para bens, serviços e capitais, aumentando o controle do capital transnacional sobre os povos e a natureza, transferindo poder para instituições distantes e antidemocráticas, excluindo a possibilidade de um desenvolvimento baseado nas comunidades e em economias auto-suficientes, e restringindo a liberdade de povos para construir sociedades baseadas em valores humanos.

Globalização econômica, poder e o "descenso em espiral"

A globalização econômica deu à luz formas novas de acumulação e poder. A acumulação capitalista acontece em escala global, a uma velocidade crescente, controlada por corporações e investidores transnacionais. Enquanto o capital se tornou global, as políticas de redistribuição permanecem responsabilidade de governos nacionais, que estão impossibilitados e na maioria das vezes pouco dispostos a agir contra os interesses do capital transnacional.

Esta assimetria está provocando uma acelerada redistribuição de poder em nível global, fortalecendo o que normalmente é chamado "poder das corporações". Neste sistema político peculiar, o capital global determina (com ajuda de "lobbies" extremamente influentes, como o Fórum Econômico Mundial) o programa de trabalho econômico e social à escala do mundo inteiro. Estes grupos corporativos de pressão dão as suas instruções aos governos na forma de recomendações, e os governos as seguem, já que os poucos que recusam obedecer os "conselhos" dos grupos de influência corporativa vêm as suas moedas correntes sob o ataque dos especuladores e suas economias fragilizadas pela fuga dos investidores. A influência de grupos desses grupos foi fortalecida pelos acordos regionais e multilaterais. Com a sua ajuda, estão sendo impostas políticas neo-liberais no mundo inteiro.

Estas políticas neo-liberais estão criando tensões sociais em nível global semelhantes àquelas testemunhadas a nível nacional durante as primeiras fases do industrialização: enquanto o número de bilionários cresce, cada vez mais as pessoas ao redor do mundo eles acham-se em um sistema que não lhes oferece nenhum lugar na produção e nenhum acesso para consumo. Este desespero, combinado com a mobilidade livre do capital, provê os investidores transnacionais do melhor ambiente possível para confrontar os trabalhadores e os governos um ao outro. O resultado é um "descenso em espiral" nas condições sociais e ambientais e o desmantelando de políticas de redistribuição (taxação progressiva, sistemas de seguro social, redução do tempo de trabalho etc). Um círculo maligno é criado, em que a "demanda" efetiva se concentra crescentemente nas mãos de uma elite transnacional, enquanto cada vez mais as pessoas não podem satisfazer as suas necessidades básicas.

Este processo de acumulação pelo mundo inteiro e exclusão importa um ataque global nos direitos humanos elementares, com conseqüências muito visíveis: miséria, fome, sem-tetos, desemprego, condiciona deterioramento da saúde, sem-terra, analfabetismo, aprofundamento das desigualdades de gênero, crescimento explosivo do "setor informal" e a economia subterrânea (particularmente produção e comércio de drogas), a destruição de vida em comunidade, cortes em serviços sociais e direitos trabalhistas, violência crescente em todos os níveis da sociedade, acelerando a destruição ambiental, cultivando intolerância a racial, étnica e religiosa, migração volumosa (por razões econômicas, políticas e ambientais), controle militar fortalecido e repressão, etc.

Exploração, trabalho e meios de vida

A globalização do capital desapropriou em uma extensão muito significativa os trabalhadores da sua habilidade para confrontar ou negociar com o capital em um contexto nacional. A maioria dos sindicatos convencionais (particularmente nos países privilegiados) aceitou a sua derrota pela economia global e tem abandonado voluntariamente as conquistas ganhas pelo sangue e as lágrimas de gerações de trabalhadores. Conforme as exigências do capital, eles comerciaram a solidariedade pela "competitividade" internacional e os direitos trabalhistas pela "flexibilidade" do mercado de trabalho. Agora eles estão defendendo ativamente a introdução de uma "cláusula social" no sistema de comércio multilateral, o que daria aos países privilegiados uma ferramenta para o protecionismo seletivo, unilateral e neo-colonial com o efeito de aumentar a pobreza em vez de atacá-la pela sua raiz.

Os grupos direitistas nos países privilegiados frequentemente culpam os países desprivilegiados pelo desemprego ascendente e o agravamento das condições de trabalho em seus países. Eles dizem que os povos do Sul estão seqüestrando o capital do Norte com o atrativo da força de trabalho barata, regulamentos de trabalho e ambientais fracos ou não-existent e impostos baixos, e aquelas exportações do Sul estão levando os produtores do Norte para fora do mercado. Ainda que, de fato, há um certo grau de deslocamento dos investimentos para países desprivilegiados (concentrados em setores específicos como têxteis e microelectronicos), dificilmente as meninas adolescentes que sacrificam a sua saúde trabalhando nas fábricas transnacionais por salários miseráveis podem ser culpadas pelo assolamento social criado pela livre mobilidade de bens e capital. Além disso, a maioria dessa recolocação de capitais acontece entre países ricos, com apenas uma fração dos investimentos estrangeiros que vai para países desprivilegiados (e até mesmo algum investimento que flui tradicionalmente ao norte de países considerados como "subdesenvolvidos"). E a ameaça de recolocação para outro país rico (sem dúvida o tipo mais habitual de recolocação) dá-se efetivo como chantagem aos trabalhadores com a ameaça de se mudar a um país desprivilegiado. Finalmente, a causa principal de desemprego em países privilegiados é a introdução de "tecnologias de racionalização" em cima das quais os povos desprivilegiados não têm certamente nenhuma influência em nada. Em resumo, exploração crescente é somente a responsabilidade de capitalistas, não dos povos.

Muitos defensores de "desenvolvimento" dão bem-vinda ao livre movimento do capital desde os países privilegiados aos países desprivilegiados como uma contribuição positiva para a melhoria das condições de vida dos pobres, desde que os investimentos estrangeiros produzem trabalhos e sustentos. Eles esquecem que o impacto social positivo dos investimentos estrangeiros está limitado muito por sua natureza, já que as corporações transnacionais manterão seu dinheiro em países desprivilegiados contanto que as políticas destes países os permitam a continuar explorando a miséria e o desespero da população. Os mercados financeiros impõem castigos extremos para os países que ousam adotar qualquer tipo de política que poderia resultar eventualmente em padrões de vida melhorados, como exemplificou pelo fim abrupto às tímidas políticas de redistribuição adotadas em 1981 por Mitterand na França. Também, a crise mexicana de 1994 e as recentes crises na Ásia Oriental, embora apresentadas pelas mídia como o resultado de técnicas de administração deficientes, são bons exemplos do impacto do domínio econômica corporativo que ganha força diariamente tanto nos países desprivilegiados e privilegiados e condiciona cada e todo aspecto das suas políticas sociais e econômicas.

Esses que também acreditam nos efeitos sociais benéficos do "livre mercado" esquecem que o impacto do capital transnacional não se limitam à criação de empregos mal pagos. A maioria do investimento direto estrangeiro (dois terços de acordo com as Nações Unidas) em países privilegiados e desprivilegiados consiste em corporações transnacionais (TNCs) assumindo empreendimentos nacionais que tipicamente resultam na destruição de trabalhos. E as TNCs nunca vêm sós com o seu dinheiro: eles também trazem produtos estrangeiros no país e varrem grandes números de empresas locais e joga-lhes fora do mercado ou lhes forçando a produzir sob até mesmo condições mais inumanas. Finalmente, a maioria do investimento estrangeiro provoca a exploração insustentável de recursos naturais que resultam na despossessão irreparável dos meios de vida de diversas comunidades dos povos indígenas, agricultores, grupos étnicos etc.

Nós rejeitamos a idéia de que o "livre" comércio cria aumentos de emprego e bem-estar, e a suposição de que pode contribuir ao alívio de pobreza. Mas nós rejeitamos a alternativa direitista de um capitalismo nacional mais forte também muito claramente, como também a alternativa fascista de um estado autoritário para assumir controle central de corporações. Nossas lutas se dirigem a reclamar os meios de produção, resgatando-os das mãos do capital nacional e transnacional, com o objetivo de criar meios de vida livres, sustentáveis e controlados comunitariamente, baseados na solidariedade dos povos e na satisfação das necessidades e não na exploração e na cobiça.

Opressão de gênero

A globalização e as políticas neoliberais se constroem nas desigualdades existentes, aumentando-as, inclusive na desigualdade de gêneros. O sistema de poder baseado nos papéis de gêneros na economia globalizada, como a maioria dos sistemas tradicionais, encoraja a exploração das mulheres como trabalhadoras, como sustentos da família e como objetos sexuais.

As mulheres são responsáveis para criar e educar, alimentar, vestir, disciplinar e preparar seus filhos para se tornar parte da força de trabalho global. Elas são usadas como trabalho barato e dócil para as mais exploradas formas de emprego, como se exemplificam nas fábricas têxteis e na indústria microeletrônica. Forçadas a sair de suas pátrias pela pobreza causada pela globalização, muitas mulheres buscam emprego em países estrangeiros, freqüentemente como imigrantes ilegais, sujeitas a terríveis condições de trabalho e insegurança. O comércio pelo mundo inteiro de corpos de mulheres se tornou um elemento importante do comércio mundial e inclui crianças de até 10 anos. Elas são usadas pela economia global através de formas diversas de exploração e mercantilização.

É esperado que as mulheres sejam só os atores nas suas casas. Embora este nunca tenha sido o caso, esta expectativa foi usada para negar às mulheres um papel nos assuntos públicos. O sistema econômico também faz uso destes papéis de gênero para identificar as mulheres como a causa de muitos problemas sociais e ambientais. Conseqüentemente, mulheres que têm muitos bebês são vistas como a causa da crise ambiental global (em lugar de ser causada pelos ricos que consomem muitos recursos). Semelhantemente, o fato que as mulheres adquirem salários baixo, desde a suposição que a sua remuneração é renda só adicional para a casa, é usado para as culpar pelo desemprego de homens e a redução nos seus níveis de salário. Como resultado, as mulheres são usadas como bodes expiatórios, declaradas culpadas por criar a mesma miséria que as está oprimindo, em vez de se apontar ao capital global como responsável para assolamento social e ambiental. Esta estigmatização ideológica soma-se à violência física sofrida diariamente por mulheres em toda a parte do planeta.

O patriarcado e o sistema de gêneros se assentam firmemente na idéia da naturalidade e exclusividade da heterossexualidade. A maioria dos sistemas sociais e estruturas rejeita violentamente qualquer outra forma de expressão sexual ou atividade, e esta limitação da liberdade é usada para perpetuar papéis de gênero patriarcais. A globalização, embora contribuindo indiretamente às lutas para a liberação sexual das mulheres em sociedades muito opressivas, também fortalece o patriarcado à raiz da violência contra mulheres e contra os homossexuais, lésbicas e bissexuais.

A eliminação de patriarcado e o fim de todas as formas de discriminação de gênero requer um compromisso aberto contra o mercado global. Semelhantemente, é vital que quem luta contra o capital global entendam e confrontem a exploração e marginalização de mulheres e participem na luta contra a homofobia. Nós precisamos desenvolver culturas novas que representam reais alternativas para estas formas velhas e novas de opressão.

Os povos indígenas lutam pela sobrevivência

Os povos indígenas e as nacionalidades têm uma história longa de resistência contra a destruição provocada pelo capitalismo. Hoje, eles são confrontados com o projeto de globalização neo-liberal como um instrumento do capital transnacional e financeiro para a neo-colonização e a exterminação. As companhias transnacionais estão invadindo os últimos refúgios dos povos indígenas, violando os seus territórios, habitats e recursos, destruindo os seus modos de vida, e perpetrando violentamente com freqüência o seu genocídio. Os Estados nacionais estão permitindo e encorajando ativamente estas violações apesar do seu compromisso em respeitar os povos' indígenas, expresso em declarações diversas, acordos e convenções.

As corporações estão roubando o conhecimento antigo e o estão patenteando para o seu próprio benefício e lucro. Isto significa que os indígenas e o resto de humanidade terão que pagar o acesso ao conhecimento que terá sido assim mercantilizado. Além disso, partes dos corpos dos próprios indígenas estão sendo patenteados pelas corporações farmacêuticas e pela administração de EUA, sob os patrocínios do Programa de Diversidade Genética Humana. Nós nos opomos ao patenteamento de todas as formas de vida, incluindo o genoma humano e o controle monopólico das corporações sobre as semente, os medicamentos e os sistemas de conhecimento tradicionais.

As lutas dos povos indígenas em defesa das suas terras (inclusive o subsolo) e as suas formas de vida, estão conduzindo a uma repressão crescente contra eles e a uma militarização dos seus territórios, forçando-os a sacrificar as suas vidas ou a sua liberdade. Esta luta continuará até que o direito dos povos indígena à autonomia territorial seja completamente respeitado em todo o mundo.

Grupos étnicos oprimidos

As comunidades negras de origem africana nas Américas sofreram durante séculos uma exploração violenta e desumana, como também a aniquilação física. A sua força de trabalho foi usada como uma ferramenta fundamental para acumulação do capital, na América e na Europa. Frente a esta opressão, os afro-americanos criaram processos de comunidade para a organização e a resistência cultural. Atualmente as comunidades negras estão sofrendo os efeitos dos "megaprojetos de desenvolvimento" nos seus territórios e a invasão das suas terras por grandes proprietários que os conduzem a volumoso deslocamento, miséria e alienação cultural, e muitas vezes à repressão e à morte.

Uma situação semelhante está sendo sofrida por outros povos, como os Ciganos, os Curdos, os Saharouis, etc. Todos estes povos são forçados a lutar pelo seu direito a viver em dignidade por Estados nacionais que reprimem a sua identidade e autonomia, e lhes impõem uma incorporação forçada em uma sociedade homogênea. Muitos destes grupos

são vistos como uma ameaça pelos poderes dominantes, já que eles estão reclamando e praticando o seu direito à diversidade cultural e a autonomia.

Ataques massivos à natureza e a agricultura

A terra, a água, os bosques, a vida silvestre e aquática e os recursos minerais não são marcadoras, senão recursos indispensáveis de vida. Durante décadas os poderes que emergiram do dinheiro e do mercado têm aumentado os seus lucros e estreitaram o seu controle sobre a política e a economia usurpando estes recursos, às custas das vidas e sustentos de vastas maiorias ao redor do mundo. Durante décadas, o Banco Mundial e o FMI, e agora a OMC, em aliança com os governos nacionais e poderes monopolistas, facilitaram manipulações para a apropriação do meio ambiente. O resultado é a devastação ambiental, o trágico e intratável deslocamento social, e o empobrecimento da diversidade cultural e biológica, cuja capacidade de recuperação se perdeu irreparavelmente em grande parte, sem compensação para quem depende dela.

As disparidades provocadas pelo capital nacional global, tanto dentro dos países como entre eles, se alargaram profundamente, enquanto os ricos prosseguem explorando os recursos naturais das comunidades camponesas, pescadores, populações tribais e indígenas, mulheres, os mais desfavorecidos, aplastando os já pisoteados. A administração centralizada de recursos naturais imposta pelo comércio e acordos de investimento não deixam espaço para a sustentabilidade entre gerações e no interior das próprias gerações. Somente servem ao programa dos poderes que projetaram e ratificaram esses acordos: acumular riqueza e poder.

As tecnologias insustentáveis e com grandes necessidade de capital representaram um papel importante no massacre das corporações sobre a natureza e a agricultura. As tecnologias de revolução verde causaram assolamento social e ambiental onde quer que elas fossem aplicadas, criando exclusão e fome em vez de as eliminar. Hoje, a biotecnologia moderna está emergindo, junto com as patentes da vida, como um das armas mais poderosas e perigosas das corporações para assumir o controle dos sistemas alimentares no mundo inteiro. Devem ser resistidas a engenharia genética e as patentes de vida, já que o seu potencial de impacto social e ambiental é o maior da história de humanidade.

As lutas empreendidas pelos desprivilegiados de todo o mundo contra o paradigma capitalista global são um trabalho para a regeneração da nossa herança natural e a reconstrução de comunidades integradas, igualitárias. Nossa visão é de uma economia e uma política descentralizadas baseadas nos direitos de comunidades aos recursos naturais e a planejar o seu próprio desenvolvimento, com igualdade e autoconfiança como os valores básicos. Em lugar das prioridades distorcidas impostas pelos desígnios globais em setores como transporte, infra-estrutura e energia, e tecnologia energética intensiva, afirmamos nosso direito a viver satisfazendo as necessidades básicas de todo o mundo, excluindo a ambição da minoria consumista. Respeitando o conhecimento tradicional e as culturas de acordo com os valores de igualdade, justiça e sustentabilidade, comprometemo-nos a desenvolver modos criativos de usar e distribuir razoavelmente nossos recursos naturais.

Cultura

Outro aspecto importante da globalização, tal como é orquestrada pela OMC e outras agências internacionais, é a comercialização e mercantilização da cultura, a apropriação da diversidade para cooptá-la e integrá-la ao processo de acumulação capitalista. Este processo de homogeneização pela mídia não só contribui para a destruição das cadeias culturais e sociais em comunidades locais, mas também destrói a essência e o significado da cultura.

A diversidade cultural não só tem um valor imensurável por si mesma, como reflexo da criatividade e do potencial humanos; mas também constitui uma ferramenta fundamental para a resistência e a auto-confiança. Conseqüentemente, a homogeneização cultural tem sido uma das ferramentas mais importantes para o controle central desde o colonialismo. No passado, a eliminação da diversidade cultural era principalmente realizada pela Igreja e pela imposição dos idiomas coloniais. Hoje, os meios de comunicação de massas e a cultura consumista das corporações são os agentes principais da mercantilização e da homogeneização da diversidade cultural. O resultado deste processo não é só uma perda importante da herança da humanidade: também cria uma dependência alarmante na cultura capitalista do consumo de massa, uma dependência que é muito mais profunda na sua natureza e muito mais difícil de eliminar que a dependência econômica ou política.

O controle sobre a cultura deve ser arrancado das mãos das corporações e deve ser reclamada pelas comunidades para si mesmas. Autoconfiança e liberdade só são possíveis na base de uma viva diversidade cultural que permita aos povos determinar de modo independente todo e qualquer aspecto das suas vidas. Nós estamos profundamente comprometidos com a libertação cultural em todas as áreas da vida, da alimentação aos filmes, da música à mídia. Nós contribuiremos com nossa ação direta ao desmantelamento da cultura corporativa e a criação de espaços para a criatividade genuína.

Conhecimento e tecnologia

O conhecimento e a tecnologia não são neutras nem estão isentas de valor. A dominação do capital está em parte baseado em seu controle sobre ambos. A ciência ocidental e a tecnologia deram contribuições muito importantes à humanidade, mas a sua dominação varreu sistemas de conhecimento muito diversos e valiosos e tecnologias baseadas em experiências seculares.

A ciência ocidental se caracteriza pela produção de modelos simplificados da realidade para propósitos experimentais; conseqüentemente, o método científico reducionista tem uma capacidade extremamente limitada para produzir conhecimento útil sobre sistemas complexos e diversos como a agricultura. Os sistemas de conhecimento e os métodos de produção de conhecimento tradicionais são mais efetivos, já que eles estão baseados na observação direta de gerações e na interação com sistemas complexos não simplificados. As tecnologias baseadas na "ciência" e no uso intensivo de capital, invariavelmente não alcançam as suas metas em sistemas complexos, e muitas vezes provocam a desordem destes sistemas, como as tecnologias da revolução verde, as tecnologias modernas de represa hidráulica e muitos outros exemplos demonstram.

Apesar dos seus muitos fracassos, as tecnologias de capital intensivo são sistematicamente tratadas como superiores às tecnologias tradicionais, mesmo quando estas são de trabalho intensivo. Esta discriminação ideológica resulta em desemprego, endividamento e, mais importante, na perda de um corpo inestimável de conhecimentos e tecnologias acumuladas

durante séculos. O conhecimento tradicional, freqüentemente controlado por mulheres, tem sido até recentemente rejeitado como "superstição" e "bruxaria" por cientistas e acadêmicos ocidentais, majoritariamente machos. O "racionalismo" e "modernização" tem durante séculos destruído-os irreparavelmente. Porém, as corporações farmacêuticas e agrícolas descobriram recentemente o valor e o potencial do conhecimento tradicional, e o estão roubando, patenteando e mercantilizando para o seu próprio benefício e lucro.

A tecnologia de capital intensivo é projetada, promovida, comercializada e imposta para servir ao processo de globalização capitalista. Como o uso de tecnologias tem uma influência muito grande na vida social e individual, os povos deveriam exercer uma livre escolha, acesso e controle sobre as tecnologias. Somente as tecnologias que possam ser administradas, operacionadas e controladas pelos povos desde baixo deveriam ser consideradas válidas. Também o controle do modo como é projetada e produzida a tecnologia, seus âmbitos e finalidades, deveria ser inspirado por princípios humanos de solidariedade, cooperação mútua e bom senso. Hoje, os princípios subjacentes à produção de tecnologias é exatamente o oposto: ganho, competição e a produção deliberada de obsolescências. O processo de apoderamento passa pelo controle das gentes sobre o uso e a produção de tecnologias.

Educação e juventude

O conteúdo do sistema de ensino presente é condicionado cada vez mais pelas demandas de produção ditadas pelas corporações. Os interesses e as exigências da globalização econômica estão conduzindo a uma mercantilização crescente da educação. A diminuição dos orçamentos públicos na educação estão encorajando o desenvolvimento de escolas e universidades privadas, enquanto as condições do trabalho das pessoas que trabalham no setor de educação público estão sendo corroídas pela severidade dos Programas de Ajuste Estruturais. Crescentemente, aprender está se tornando um processo que intensifica as desigualdades sociais. Até mesmo o sistema de ensino público, e sobretudo as universidades, está ficando inacessível para largos setores das sociedades. A aprendizagem das humanidades (história, filosofia, etc.) e o desenvolvimento de pensamento crítico estão sendo desencorajados em favor de uma educação servil aos interesses do processo de globalização onde os valores competitivos são predominantes. Os estudantes crescentemente gastam mais tempo aprendendo a competir entre si do que no aumento do crescimento pessoal, de suas habilidades críticas e seu potencial para transformar a sociedade.

A educação, como uma ferramenta para a mudança social, requer educadores críticos e acadêmicos com capacidade de confrontação, em todos os sistemas educacionais. A educação baseada na comunidade pode provocar processos de aprendizagem junto aos movimentos sociais. O direito à informação é essencial para o trabalho dos movimentos sociais. O acesso limitado e desigual ao aprendizado de idiomas, especialmente para mulheres, dificulta a participação na atividade política. Construir estas ferramentas é um modo de reforçar e reconstruir valores humanos, ainda que a educação formal esteja crescentemente sendo comercializada como um veículo para chegar ao mercado global. Isto é realizado através dos investimentos das corporações na pesquisa e pela promoção dos conhecimentos orientados para as habilidades requeridas pelo mercado. A dominação dos

meios de comunicação de massas deveria ser dissolvida e o direito para reproduzir nosso próprio conhecimento e cultura deve ser apoiado.

Porém, para muitas crianças em todo o mundo, a mercantilização da educação não é uma questão, já que eles estão sendo mercantilizados como força de trabalho explorada e objetos sexuais e sofrendo níveis desumanos de violência. A globalização econômica está na raiz do pesadelo diário de números crescentes de crianças exploradas. O seu destino é a consequência mais horrível da miséria gerada pelo mercado global.

Militarização

A globalização está agravando crises complexas e crescentes que dão lugar a tensões e conflitos difundidos. A necessidade para lidar com esta desordem crescente está intensificando a militarização e a repressão (mais polícia, cárceres, prisões, prisioneiros) em nossas sociedades. Instituições militares, como a OTAN — dominada pelos E.U.A. —, que organizam a outros poderes do Norte, estão entre os principais instrumentos que mantêm esta ordem mundial desigual e injusta. O Serviço Militar obrigatório em muitos países doutrina os jovens para legitimar o militarismo. Igualmente, os meios de comunicação de massas e a cultura das corporações glorificam o exército e exaltam o uso de violência. Também há, atrás de fachadas de estruturas democráticas, uma militarização crescente dos Estados-nação que em muitos países fazem uso de grupos paramilitares sem cara para impor os interesses do capital.

Ao mesmo tempo, o complexo industrial-militar, um dos principais pilares do sistema econômico global, é crescentemente controlado pelas gigantescas corporações privadas. A OMC deixa formalmente os assuntos da defesa aos Estados, mas o setor militar, de fato, é um campo fundamental à busca do lucro privado.

A AGP reclama o desmantelando das armas nucleares e todas as outras armas de destruição em massa. O Tribunal Mundial de Haia declarou recentemente que as armas nucleares violam o direito internacional e chamou todos os países com armas nucleares para que concordem em as desmantelar. Isto significa que a estratégia de OTAN, baseado no possível uso de armas nucleares, supõe um crime contra a humanidade.

Migração e discriminação

O regime neoliberal provê a liberdade ao movimento do capital, enquanto nega a liberdade de movimento para os seres humanos. Constantemente estão sendo reforçadas as barreiras legais para a migração, ao mesmo tempo que a destruição massiva dos meios de vida e a concentração de riqueza nos países privilegiados desarraigam milhões de pessoas e as força a buscar trabalho longe das suas casas.

Os migrantes estão, assim, em situações cada vez mais precárias e freqüentemente ilegais, objetos mais fáceis para os seus exploradores. Eles são feitos os bodes expiatórios, contra quem os políticos de direita encorajam a população local para desabafar as suas frustrações. A solidariedade com migrantes é mais importante que nunca. Não há nenhum humano ilegal, só leis inumanas.

O racismo, a xenofobia, o sistema de castas e o fanatismo religioso são usados para nos dividir e devemos resistir a eles em todas as frentes. Nós celebramos nossa diversidade de culturas e comunidades, sem aceitar a superioridade de nenhum sobre o outro.

* * *

A OMC, o FMI, o Banco Mundial, e outras instituições que promovem a globalização e a liberalização querem que nós acreditemos nos efeitos benéficos de competição global. Os seus acordos e políticas constituem violações diretas dos direitos humanos básicos (incluindo os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, trabalhistas e culturais), estabelecidos no direito internacional e em muitas constituições nacionais, e nas concepções das pessoas acerca da dignidade humana. Basta dessas suas políticas inumanas. Nós rejeitamos o princípio de competitividade como solução para problemas de povos. Só conduz à destruição dos pequenos produtores e das economias locais. O neoliberalismo é o real inimigo da liberdade econômica.

II

O capitalismo está cortando até as frágeis conquistas de séculos de lutas em contextos nacionais. Só está mantendo vivo o Estado-nação com a finalidade de controle e repressão dos povos, enquanto cria um novo sistema regulador transnacional para facilitar sua operação global. Nós não podemos confrontar o capitalismo transnacional com as ferramentas tradicionais usadas no contexto nacional. Neste novo mundo globalizado nós precisamos inventar formas novas de luta e solidariedade, objetivos novos e estratégias em nosso trabalho político. Nós temos que juntar nossas forças para criar espaços diversos de cooperação, igualdade, dignidade, justiça e liberdade a uma escala humana, enquanto ataque contra o capital nacional e transnacional e os acordos e instituições que ele cria para afirmar seu poder.

Há muitos diversos modos de resistência contra a globalização capitalista e suas conseqüências. A um nível individual, nós precisamos transformar nossas vidas diárias e nos libertarmos das leis de mercado e da busca do lucro privado. Ao nível coletivo, nós precisamos desenvolver uma diversidade de formas de organização a diferentes níveis, reconhecendo que não há um único modo de resolver os problemas que nós estamos enfrentando. Tais organizações têm que ser independentes das estruturas governativas e dos poderes econômicos, e baseadas na democracia direta. Estas novas formas de organização autônoma deverão emergir de e enraizar em comunidades locais, enquanto ao mesmo tempo praticando a solidariedade internacional, construindo pontes para conectar diferentes setores sociais, povos e organizações que já estão lutando contra a globalização em todo o mundo.

Estas ferramentas para coordenação e autorização provê espaços para pôr em prática uma diversidade de estratégias locais e em pequena escala, desenvolvidas no mundo inteiro pelos povos nas últimas décadas, na busca de defender suas comunidades, bairros ou pequenos coletivos do mercado global. Vínculos diretos entre os produtores e consumidores em áreas rurais e urbanas, moedas correntes locais, esquemas de crédito sem juros e instrumentos semelhantes são meios para a criação de economias locais, sustentáveis e autoconfiantes, baseadas na cooperação e na solidariedade em lugar da competição e do

lucro. Enquanto o cassino financeiro global vai a velocidade crescente em direção à desintegração social e ambiental e ao desarranjo econômico, nós os povos reconstruiremos meios de vida sustentáveis. Nossos meios e inspirações emanarão do conhecimento e das tecnologias tradicionais dos povos, das casas e campos ocupados, de uma viva e forte diversidade cultural e uma determinação muito clara para desobedecer e desrespeitar ativamente todos os tratados e instituições que são a raiz da miséria.

No contexto de governos que agem no mundo inteiro como criaturas e ferramentas dos poderes capitalistas e das políticas neoliberais, implementando sem debate entre os seus próprios povos ou os representantes eleitos deles, a única alternativa que permanece para as pessoas é destruir estes acordos de comércio e restabelecer para eles uma vida com democracia direta, livre de coerção, dominação e exploração. A ação direta democrática que leva em si mesma a essência da desobediência civil não-violenta aos sistemas injustos é conseqüentemente o único modo possível para parar os poderes estatais e das corporações. Também tem o elemento essencial da imediatez. Porém não julgamos a quem usa de outras formas de ação sob certas circunstâncias.

Tornou-se urgente a necessidade de coordenar ações para dismantlar o ilegítimo sistema administrativo do mundo que combina o capital transnacional, os Estados-nação, as instituições financeiras internacionais e os acordos de comércio. Só uma aliança global de movimentos populares, com respeito a autonomia e facilitando resistência a ação-orientada, pode derrotar este emergente monstro globalizado. Se o empobrecimento de populações é o programa de trabalho do neoliberalismo, o apoderamento dos povos, através da ação direta construtiva e a desobediência civil serão o programa da Ação Global dos Povos contra o "Comércio Livre" e a OMC.

Nós afirmamos nossa disposição em lutar como povos contra todas as formas de opressão. Mas nós não só lutamos contra os males impostos em nós. Nós também estamos comprometidos em construir um novo mundo, juntos como seres humanos e comunidades cuja unidade está profundamente enraizada em nossa diversidade. Juntos nós amoldamos uma visão de um mundo justo e começamos a construir aquela verdadeira prosperidade que vem do enriquecimento humano, a relação respeitosa e generosa com a natureza, a diversidade, a dignidade e a liberdade.

Genebra, 1998 de fevereiro-março

(Manifesto aprovado, em 1ª versão, na **1ª Conferência Global da AGP**, em fevereiro/98, em Genebra. A atual versão foi desenvolvida e aprovada, segundo as sugestões dos movimentos de base de todos os continentes, na **2ª Conferência Global da AGP**, realizada em agosto/99, em Karnataka, Índia).

O que é a AGP?

De 23 a 25 de fevereiro de 1998, movimentos de base de todos os continentes se reuniram em [Genebra](#) para lançar uma coordenação mundial de resistência contra o mercado mundial, uma nova aliança de luta e apoio mútuo chamado **Ação Global dos Povos contra o "livre" comércio e a OMC (AGP ou PGA: Peoples' Global Action)**. Esta nova plataforma funcionará como um instrumento global de comunicação e coordenação para aqueles que lutam contra a destruição da humanidade e do planeta pelo "livre" mercado e constroem alternativas locais à globalização.

Os pontos de partida dessa aliança são:
modificado em [Cochabamba!](#)

1. Uma rejeição muito explícita da OMC e outros acordos de liberalização comercial (como APEC, a EU, NAFTA, etc.) por serem promotores ativos de uma globalização destrutiva socialmente e ambientalmente;
2. Nós rejeitamos todas as formas e sistemas de dominação e discriminação incluindo, mas não somente, o patriarcado, o racismo e o fundamentalismo religioso de todos os credos. Nós abraçamos a completa dignidade de todos os seres humanos;
3. Uma atitude de confronto, uma vez que não achamos que tentar influenciar e participar possa ter um grande impacto em tais preconceituosas e não-democráticas organizações, nas quais o capital transnacional é o único verdadeiro orientador das políticas;
4. Uma chamada para a desobediência civil não-violenta e a construção de alternativas locais pelas comunidades locais, como resposta para a ação dos governos e das corporações;
5. Uma filosofia organizacional baseada na descentralização e na autonomia.

Princípios organizacionais da
Ação Global dos Povos (AGP)
modificado em Cochabamba!
[Cochabamba](#)

1. A AGP é um instrumento de coordenação, não de organização. Os seus principais objetivos são:
 - i. Inspirar o maior número possível de pessoas, movimentos e organizações a agir contra a dominação das corporações através da desobediência civil não-violenta e de ações construtivas orientadas pelos povos.
 - ii. Oferecer um instrumento para coordenação e apoio mútuo a nível global para aqueles que resistem às regras das corporações e ao paradigma de desenvolvimento capitalista.
 - iii. Dar maior projeção internacional às lutas contra a liberalização econômica e o capitalismo global.
2. A filosofia organizacional da AGP é baseada na descentralização e na autonomia. devido a isso, estruturas centrais são mínimas.
3. A AGP não possui membros.
4. A AGP não tem e não terá uma personalidade jurídica. Não será legalizada nem registrada em nenhum país. Nenhuma organização ou pessoa representa a AGP, nem a AGP representa qualquer organização ou pessoa.
5. Haverão conferências da AGP aproximadamente a cada dois anos. Estas conferências acontecerão aproximadamente três meses antes das Conferências Ministeriais da OMC. As funções destas conferências serão:

- i. Atualizar o manifesto (se necessário);
 - ii. Avançar no processo de coordenação a nível global da resistência contra o "livre" comércio; e
 - iii. Coordenar ações descentralizadas paralelas às Conferências Ministeriais da OMC subsequentes.
6. As conferências da AGP serão convocadas por um Comitê de Convocadores formado por movimentos e organizações representativos. A composição deste comitê deve mostrar um equilíbrio geográfico e um equilíbrio com respeito às áreas de trabalho das organizações e movimentos que a formam. Os organizadores locais serão parte do comitê.

Este comitê preencherá as seguintes funções:

- i. Determinar o programa da conferência;
- ii. Decidir quais organizações podem enviar delegados para a conferência;
- iii. Decidir sobre o uso de recursos, especialmente decidir quais organizações receberão ajuda para pagar despesas de viagem para participar da conferência;
- iv. Assessorar os organizadores locais em questões técnicas e organizacionais;
- v. Interpretar o manifesto se for necessário, decidindo quais publicações podem ser impressas sob o nome da AGP, e decidir sobre o conteúdo das ferramentas de informação/comunicação da AGP (ver item 7).

O comitê não pode falar em nome da AGP.

Em cada conferência da AGP o Comitê de Convocadores da próxima conferência será eleito. O Comitê de Convocadores deve trocar em 100% seus membros em cada conferência. O antigo Comitê de Convocadores escolherá um pequeno grupo que atuará como assessores do novo comitê. Este grupo de assessores não terá poder de decisão.

7. A AGP deverá ter várias ferramentas de informação/comunicação, incluindo um boletim regular, uma página na internet e outras publicações, as quais serão feitas voluntariamente por organizações e indivíduos que apoiem os fins da AGP. Sua elaboração será feita de forma rotativa e descentralizada. Antes desses materiais informativos aparecerem sob o nome da AGP, seus conteúdos terão que ser revisados pelo Comitê de Convocadores (incluindo a modificação da página da internet). O comitê pode fazer com que a publicação desses materiais esteja condicionada à modificação ou remoção de parte de seu conteúdo, se estes estiverem em conflito com o manifesto da AGP.
8. A AGP não terá quaisquer recursos. Os fundos necessários para pagar as conferências e as ferramentas de informação terão que ser obtidos de forma descentralizada. Todos os fundos obtidos para a conferência serão administrados pelo Comitê de Convocadores. As publicações terão que ser auto-financeáveis. O

boletim será distribuído por uma rede de organizações que também será responsável pela coleta do pagamento de subscrições. Qualquer valor a mais produzido pelas subscrições serão usados para enviar o boletim para organizações que não podem pagar a subscrição.

9. A AGP possui um secretariado rotativo, que muda todo ano. Cada comitê de Convocadores decidirá onde os secretários estarão durante seus dois anos de vigência.
10. As conferências da AGP não incluirão a discussão destes princípios organizacionais no programa. Se houver uma solicitação concreta, um grupo de discussão sobre questões organizacionais será formado. Este grupo de discussão se reunirá paralelamente ao programa da conferência, para elaborar propostas concretas de modificação as quais devem ser votadas em plenário.
11. A AGP espera inspirar a criação de diferentes plataformas (tanto regionais quanto baseadas em áreas de trabalho) contra o "livre" comércio e as diferentes instituições que os promovem. Não haverá, em qualquer caso, uma relação de pertencimento entre estas plataformas e a AGP. As plataformas serão portanto, completamente autônomas.

A 2ª Conferência Global da AGP...

... realizou-se no período de 23 a 27 de agosto 1999, em Karnataka, na Índia, organizada pelo Movimento Camponês de Narkataka. Na ocasião as centenas de delegados dos 5 continentes fizeram um balanço dos 18 meses de existência da AGP, considerando a necessidade de que ela se torne no futuro uma rede de luta global, articulando a partir das localidades e de forma horizontal, a resistência e a luta contra o capitalismo global.

Foi eleito um novo **Comitê de Convocantes** (veja sua função acima, nos "Princípios Organizacionais da AGP"), composto pelo **Movimento de Reforma Agrária do Sri Lanka** (monlar@sltnet.lk, a **Rede Ya Basta!**, da Itália (yabasta@tin.it) e — assumindo o papel de Secretariado Global (puramente executivo, deixe-se claro) — o **Sindicato dos Trabalhadores Postais do Canadá** (377, Bank Street, Ottawa, Ontario, Canada, agpweb@nadir.org).

O Secretariado para a América Latina (puramente executivo, repita-se!) está sob o encargo de **Guisés Montanha Experimental — GME** (Rio San Juan, Nicarágua, gme@tmx.com.ni), permanecendo nesta função até a realização da **Conferência Latino-americana** a ser realizada no final de março de 2000, em Manágua, Nicarágua. Esta mesma Conferência Latino-americana é quem decidirá o local e a data da próxima Conferência Global da AGP.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)